

COTRIS

SUPLEMENTO INFANTIL
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS-FIDENE IJUI

VOCÊ QUER CONSTRUIR SUA CASA?
Procure o construtor SENHOR GALO CUCUDUCO. ELE MORARÁ NA SUA CASA BOM RICO, ENQUANTO O FARELO FINO.

Casa com janela
Elza César Salvo

É que a janela não estava aberta. Na manhã seguinte, o sol voltou a brilhar, mas não pôde entrar na casa de Dona Galinha Ovelina. Sua janela era agora uma janela fechada. Dona Galinha Ovelina não gostou nada, nada. E lá foi ela reclamar ao Senhor Galo Cucuduco: - Casa com janela fechada não tem graça. Não poderia me fazer uma janela que abra e feche? - Janela que abra e feche? O Senhor Galo Cucuduco se espantou. Ele nunca havia pensado nisso. Dona Galinha Ovelina tinha razão. Galinha Ovelina tinha uma janela que não abria e não fechava. Agora Dona Galinha Ovelina vive feliz. Em dia de sol, ela abre a janela e ela fecha. Em dia de chuva, ela fecha a janela e ela fecha. Todas as manhãs, abre a janela e ela fecha. Como é bom ter uma janela que abra e feche e poder ver as flores, os pássaros, as nuvens brancas como algodão, o céu azul como um pedaço de céu. Dona Galinha Ovelina percebeu que Galo Cucuduco não estava nem um pouco enganado. Ela estava certa. - AI, o que eu vou fazer com a minha janela? - AI, o que eu vou fazer com a minha janela? - AI, o que eu vou fazer com a minha janela?



A lavoura de milho está sendo incentivada com mais recursos para o plantio

Mais um pacote para a agricultura

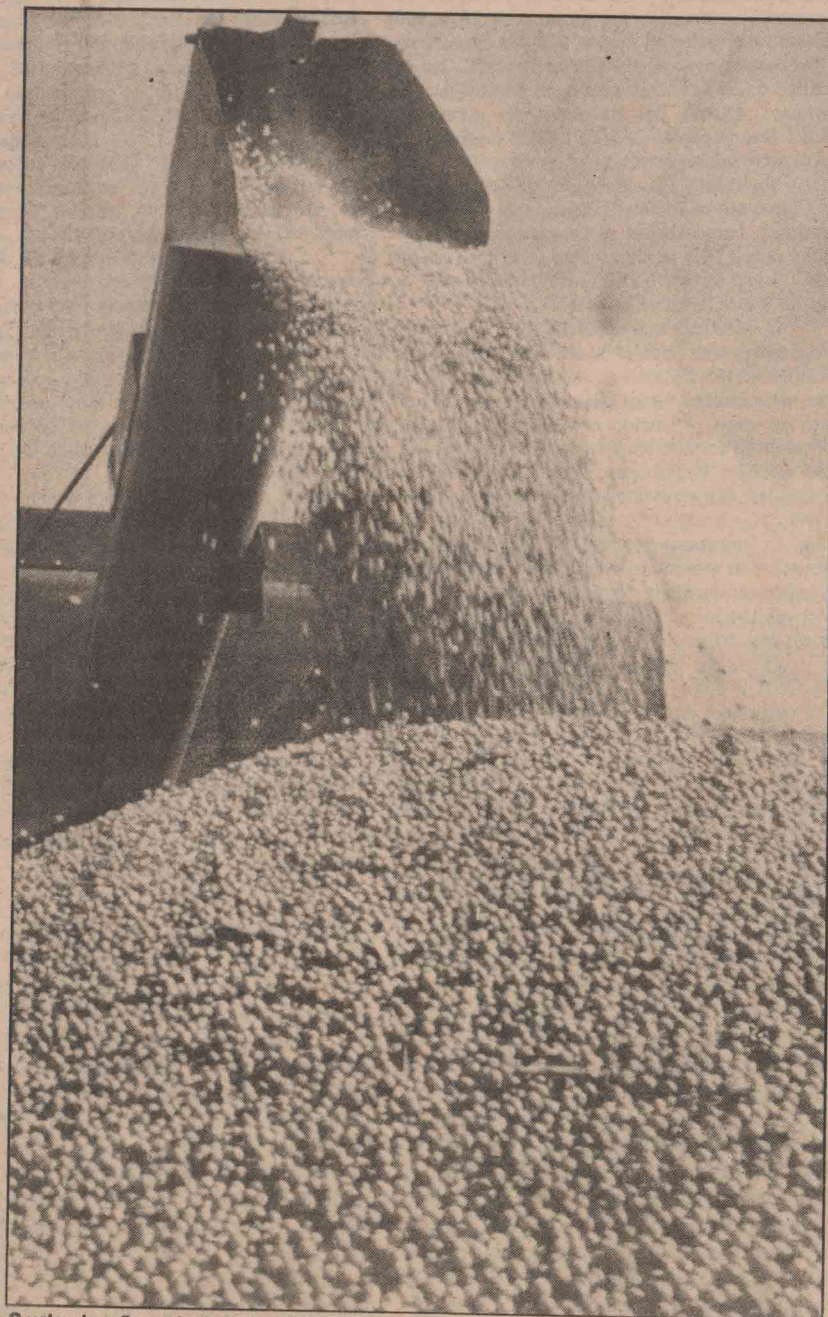
Páginas 4 e 5

SOJA

DE OLHO NA DEMANDA

Com muito sobe e desce, o mercado da soja registra, em 88, uma das melhores cotações da sua história. Este pico, no entanto, vem acompanhado de um grande alerta: as tendências da demanda exigem muita produtividade.

Páginas 6, 7 e 8



O valor do grão poderá vir da eficiência produtiva

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRAN 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Superintendente/Dom Pedrito:
Eduardo Augusto Perela de Menezes
Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Atalides Conceição, José Jorge Rileth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralotto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangrolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Camiel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guilotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edmar do Nascimento, Nôê da Silveira Pelxoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Flávio Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Realdo Cervi, Pedro Afonso Perela e Jayme Wender.

Suplentes:

Ivo Vicente Basso, Antônio Carlos Xavier Hias e Amário Becker

Diretores contratados:

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hengdes e Paulo Roberto da Silva.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 ton.
Rio Grande.....	220.000 ton.
Dom Pedrito.....	91.000 ton.
Mato Grosso do Sul.....	476.150 ton.
Total.....	1.371.950 ton.

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado
da ABERJE



Associado da



REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTE

Campo Grande: Rosane Henn
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Um ano de muito preço, pouco grão e inflação de sobra. Assim os produtores gaúchos poderão lembrar 1988, ano em que a soja voltou a dar uma guinada no mercado internacional, registrando mais um recorde na sua história. Os altos preços da soja, contudo, causados em grande parte pela quebra de 21 por cento da safra dos Estados Unidos, estão sendo medidos por uma produção que, ano a ano, se torna mais cara. Afinal, por aqui a seca também não foi pequena, e o que sobrou da lavoura só virou lucro para quem não teve que vender tudo lá em abril, de modo a se livrar das dívidas de financiamentos, ou para quem, mesmo tendo ganhado pouco, aplicou logo em insumos para a próxima safra. Em todo caso uma certa empolgação com estas cotações não é descartada, o que, na opinião dos mais realistas merece muito cuidado, principalmente se for levado em consideração as mudanças lá de fora e o aperto aqui dentro. Muito dependente da sua aplicação externa, a soja tem hoje, na demanda um grande ponto de interrogação, porque quem comprava bastante já compra pouco e quem está para comprar ainda não entrou em cheio. O melhor caminho para enfrentar estas dúvidas parece ser só um: se manter competitivo ao máximo, vendendo bem e produzindo melhor ainda. E produzir bem, atualmente, só tem um significado, obter mais grãos na mesma área e com menores custos. Ou seja, aumentar os níveis de produtividade, mas de forma barata, porque do contrário não tem preço recorde que pague uma inflação como a que anda correndo solta por aí. Os alertas de mercado, as projeções da economia nacional e as expectativas do departamento

agrotécnico da Cotrijuí para a próxima safra, estão nas páginas 6, 7 e 8.

O governo está mesmo cumprindo com o que vinha prometendo desde que em 1986 lançou o seu ambicioso Plano de Meta para a Agricultura, estabelecendo projeções de crescimentos: está diminuindo a sua participação na formação das lavouras. Para a próxima safra, que dentro de alguns dias começa a ser plantada, soltou um novo pacote, o que não é nenhuma novidade para um setor que já está acostumado a viver de pacotes, decretos e outros bichos mais. No pacote, um corte nos recursos destinados para a soja que nesta safra deverá absorver apenas 38 por cento do total de recursos destinados para a formação das lavouras de verão. Ao lado do simulado "basta" para a soja como forma de tentar frear o avanço da cultura neste verão, incentivos para o milho e o feijão. Mas o que o produtor considera ainda pior, são os preços mínimos, também reajustados, mas que segundo o setor não acompanhou a planilha de custos. Os VBCs, os preços mínimos e as mudanças que o governo está promovendo no seguro agrícola estão nas páginas 4, 5 e 6.

A recuperação dos solos da região é uma questão crucial e que vem tomando corpo desde que a Cotrijuí lançou o seu Projeto Pró-Solos que ainda busca respaldo financeiro já que a agricultura vive um período de "vacas magras" e tantos os agricultores como as cooperativas andam com seus recursos escassos. O assunto foi debatido num encontro. Páginas centrais.

DO LEITOR



A. Noemi Huth é economista doméstica, com especialização em Economia Rural. Atua na Assessoria de Recursos Humanos da Cotrijuí na Pioneira.

Bem sucedido em países de sistemas econômicos diversos, o cooperativismo ocupa hoje um lugar de destaque na agropecuária brasileira. Só este setor obriga mais de 40 por cento dos 3,4 milhões de associados das cooperativas existentes no país e cresce a cada ano que passa.

É sabido que os ideólogos da cooperação foram rotulados como socialistas utópicos. Mas o certo é que esta desleal qualificação não impediu que o movimento crescesse e se implantasse em numerosos países do mundo, revelando uma grande capacidade de adaptação ao ajustar-se a sistemas tão contrastantes como o capitalismo norte-americano e a estatizada economia soviética. Nos Estados Unidos, de cada cinco norte-americanos, pelo menos três fazem parte de uma ou mais cooperativas. Na União Soviética, ao ser abolida a propriedade privada dos meios de produção, mantiveram-se a propriedade estatal e a propriedade cooperativa kolkhoziana. Ficou reconhecida que a organização cooperativista se constituiria no meio mais adequado para que os milhões de camponeses passassem da economia individual às explorações coletivas.

Na Europa Ocidental, devido ao fracionamento da propriedade rural, o sistema foi encarado como instrumento valioso para sustentar a produção e a produtividade das pequenas propriedades. Na Suíça, conforme dados da revista Samba de n° 93 estima-se que 65 por cento dos agricultores pertencem a cooperativas. Na França, as organizações cooperativas respondem por 82 por cento da produção de trigo, metade da leiteira e

A força do cooperativismo

60 por cento de oleaginosas. E na Dinamarca, 90 por cento das explorações rurais estão sob o regime cooperativo. Segundo dados estatísticos, no início desta década, havia 72 países filiados à Aliança Cooperativa Internacional, com 741.767 cooperativas, reunindo um grupo superior a 500 milhões de associados. Destes, 269.611 fazem parte das cooperativas agropecuárias; 244.822 das de crédito; 65.573 das habitacionais; 63.100 das de consumo; 45.860 das de produção industrial; 18.004 das de pesca; além de 32.797 dedicados a outras atividades.

No Brasil, segundo dados da Organização das Cooperativas do Brasil, funcionam 3.077 cooperativas, destacando-se as de produção agropecuária com 1.312 organizações. O quadro social destas cooperativas, no final de 1987 eleva-se a mais de 3,4 milhões de associados.

O peso das cooperativas no conjunto da agropecuária brasileira pode ser avaliado pelo total da produção nacional. Desta forma, em 1986, essas organizações foram responsáveis por 80 por cento do trigo produzido no país nesse ano; 55 por cento da cevada; 50 por cento do leite; 41 por cento da soja; 39 por cento do café; 29 por cento do algodão; 25 por cento do sorgo; 21 por cento da uva; 16 por cento do arroz e 14 por cento do milho. É importante destacar que as cooperativas agropecuárias têm realizado grandes investimentos no segmento agroindustrial, objetivando alcançar maior eficiência e a melhores resultados econômicos em suas transações comerciais.

Conforme dados de 1986, e divulgados pelo OCB, a Cotrijuí ocupa o 5° lugar em número de associados dentro do sistema, representando 1,4 por cento. As cooperativas de produção no Rio Grande do Sul têm 330.526 associados e a Cotrijuí detém 5,83 por cento. O faturamento destas cooperativas gaúchas chega a Cz\$

27.090.732,073, com a Cotrijuí faturando, sozinha, 13,70 por cento deste total. Em recolhimento de tributos e encargos, no Brasil, a Cotrijuí ocupa o 8° lugar com 1,69 por cento. No Estado, as cooperativas de produção recolheram Cz\$ 1.637.528.581,00. Só a Cotrijuí recolheu 7,96 por cento deste. Em capital integralizado, a Cotrijuí ocupa o 2° lugar no país com 3,88 por cento. No Rio Grande do Sul as cooperativas de produção somam Cz\$ 1.759.045.642,00, com a Cotrijuí representando 12,12 por cento deste valor.

Como podemos observar, o cooperativismo representa uma força extraordinária no Estado, no país e no mundo, tanto do ponto de vista econômico como social e político.

A pesquisa "a promoção da democracia através de organizações cooperativas, feito pelo sociólogo Walter Frantz em 1983 com as cooperativas Cotrijuí de Jílio de Castilhos; Cotrijuí e Coopatrigo de São Luiz Gonzaga aponta que 83 por cento dos entrevistados não conseguiriam se viabilizar economicamente como agricultores se não estivessem organizados em cooperativas. O cooperativismo não apareceu como um projeto de esperança.

A questão econômica é o pivô de todas as organizações cooperativas, porém a interação com as questões sociais, políticas, são muito grandes. Ao fazermos uma análise mais profunda, vamos ver que toda a sociedade está estruturada em cima da questão econômica e todos os fatores sociais e políticos decorrem desta. Neste contexto, a associação cooperativa é empresa e necessita ser eficiente como tal e é associação na medida que contempla, valoriza a participação da pessoa e não do capital. A Cotrijuí persistindo na caminhada de ser "associação e empresa", está construindo a "cultura Cotrijuí", pela qual todos, funcionários e familiares são responsáveis.

A Cotrijuí agradece

— Ocergs; Alfredo Fedrizzi, da Escala Comunicações; Kartro Sociedade Anônima, Banco Sogeral S.A., Porto Alegre; Elmar R. Wagner e Antônio D'Amico, Imobiliária Capão Novo; Mércio Tumelero, do Grupo Tumelero; Unifertil S.A., direção e funcionários da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes Ltda., deputado Gilberto Mussi, secretário extraordinário para Assuntos da Casa Civil do Governo do Rio Grande do Sul; engº agrº Suimar João Bressan, presidente em exercício da Emater/RS; Edemar Mainardi, superintendente da Rede Ferroviária Federal S.A.; engº Luiz

Alberto Soares de Castro, diretor-superintendente da Companhia Rio-grandense de Saneamento — Corsan; deputado Almir Lorenzon, presidente da Assembleia Legislativa; jornalista Alberto André, presidente da Associação Riograndense de Imprensa; jornalista Hélio Gama Filho, diretor-geral do "Diário do Sul"; Gimic — Publicidade e Propaganda, de Ijuí; Jayme Sirotsky, presidente da Rede Brasil Sul de Comunicações; Santa Edy Nehring, delegada da 36ª Delegacia de Educação, sediada em Ijuí e Antônio Mafuz, da MPM Propaganda.

Nova mexida nos baús

Se a I Festa Nacional das Culturas Diversificadas provocou, em 1987, uma grande remexida em baús, em histórias de famílias e em painéis típicos, a II Festa chega este ano associada à Feira da Tecnologia, prometendo abrir o "baú da experiência tecnológica".

Os dois eventos vão acontecer de 13 a 17 de outubro no Parque Municipal de Exposições Assis Brasil para oportunizar a mostra e divulgação de eventos gerados ou em desenvolvimento na região, motivando a população para a criatividade e inovação, principalmente nos processos produtivos da indústria e da agropecuária.

"Culturas diversificadas fertilizam solos e cérebros", é a frase forte sugerida pelo professor Mário Osório Marques para a II Fenadi e I Feitec, que será o grande fórum de debate e discussão. A Comissão de Cultura e Artesanato, presidida pelo agrônomo Peri Korb, definiu como prioridade a conservação do solo. A Emater participa da organização do evento e também com a colaboração do médico veterinário Luís Carlos Leal de Avila, que promete a instalação de um Centro de Discussão das Tecnologias da Agropecuária no pavilhão dos hortigranjeiros. Haverá ainda exposições e remates de gados, equinos e ovinos.

A Cotrijuf já decidiu a ampliação do espaço destinado ao mini CTC

Discussão em casa

Avaliar os programas de rádio e o trabalho do Cotrijournal junto as três regionais da Cotrijuf. Este foi o motivo do encontro entre jornalistas, comunicadores, representantes e técnicos, nos dias 21 e 22 de julho, em Dom Pedrito. Durante a reunião foram debatidos desde os objetivos do Cotrijournal até as melhores formas de veicular a programação radiofônica, baseada hoje, na experiência que a Regional Pioneira tem no setor.

Na conclusão do encontro, além das sugestões de participação das regionais, a determinação de uma nova rodada de discussões. Desta vez, o encontro deve se realizar na Regional do Mato Grosso, durante o mês de setembro.

Na sede da Afucoti de Dom Pedrito participaram da reunião, o diretor de Comunicação e Educação Rui Polidoro Pinto, os jornalistas Raul Quevedo (Porto Alegre e Dom Pedrito), Carmem Rejane A. Pereira (Regional Pioneira-Ijuí) e Rosane Henn (Regional do Mato Grosso). Da parte dos associados participaram os representantes, Urbano Adolfo Freire, Francisco da Silva Farinha, Carlos Alberto Comasseto, Pascoal Antônio Brandi (coordenador) Edson Fontoura, da Comissão de Suínos e o conselheiro Jorge Peres. Do departamento de Comunicação e Educação de Dom Pedrito, o coordenador Ivo Basílio, Reny Rockenback, Raquel Caillava e Elizabete Piemolini, além de Saul Figueiredo e Paulo Lovatto, do departamento técnico.

Representantes do Ministério da Agricultura visitam a Cotrijuf

Empenhada em mudar a imagem negativa do Rio Grande do Sul e em montar uma nova estratégia de relações com o governo federal, a Fecotriga saiu a campo no final do mês de julho e, acompanhada de representantes do Ministério da Agricultura, percorreu algumas das principais regiões produtoras do Estado. O roteiro de visitas começou por Santa Maria, durante o final do 3º Encontro Cooperativo de Assistência Técnica e Extensão Rural e que contou com a presença do secretário nacional de Produção Agropecuária, Enio Marques Pereira. Ele veio acompanhado dos titulares das secretarias de Tecnologia Agropecuária, Jorge Elias Neto; de Produção Vegetal, José Rosalvo Andrichetto; de Recursos Humanos, Luiz Novaes de Almeida; de Produção Animal, Valmoret Müller Lacurt e do representante da Delegacia Federal do Estado, Enio Rosa.

De Santa Maria a comitiva se dirigiu a Cruz Alta, onde visitou a Cotricruz e o CEP da Fecotriga. Em Ijuí visitaram a Cotrijuf e ainda as cooperativas de Nova Palma, Agudo e Sobradinho. Na Cotrijuf, a

comitiva liderada por Terciso Redin, presidente da Fecotriga, foi recebida pelo diretor presidente Oswaldo

Meotti e pelo diretor do Departamento Agrotécnico, Léo Goi. O gerente do Centro de Treinamento, agrônomo Luiz Volney Viau falou sobre os trabalhos de pesquisa que a Cotrijuf vem realizando no sentido de buscar novas alternativas de produção adequadas para esta região e para serem plantadas principalmente no inverno, período em que grande parte do solo continua ainda descoberto. Destacou os trabalhos com a colza, o tremço e a ervilhaca. A rodada de visitas dos representantes do Ministério da Agricultura resultou na assinatura de convênios com a Fecotriga e suas cooperativas filiadas, abrangendo as seguintes áreas: treinamento de pessoal e apoio ao desenvolvimento de projetos nas áreas de manejo e bacias hidrográficas e práticas conservacionistas. Pelo convênio o governo também está se propondo



Dirigentes da Fecotriga e representantes do Ministério da Agricultura recebidos pela direção da Cotrijuf



Enio Perella

apoiar programas do pequeno produtor rural, através do sistema de troca-troca, de renovação de material genético — sementes e mudas — e de treinamento técnico para a produção de sementes e mudas. A Fecotriga deverá receber também apoio para projetos na área de produção animal, com ênfase para o fomento à criação de pequenos animais — apicultura, caprinocultura, cunicultura, ranicultura, piscicultura — de reprodução animal e integração ao programa de melhoramento genético de gado de leite, de corte e suínos. Programas de biotecnologia e agroenergia, especialmente na implantação de florestas energéticas, também deverão receber o apoio do governo federal.

CURTAS

A Cotrijuf está realizando mais uma viagem aos Estados Unidos para ver de perto a situação das lavouras de soja e de milho dos produtores americanos. Estão nos Estados Unidos, cumprindo um roteiro de 15 dias, o diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuf na Pioneira, Léo Goi, o gerente de Comercialização, também da Pioneira, Enio Weber, o gerente de Comercialização da Cotriexport, José Carlos Treiguer e o gerente da Comercialização da Cotrijuf em Mato Grosso, Guilherme Nepomucena. Além das visitas nas lavouras de produtores do Missouri e Indiana, Illinois, a comitiva vai até Denven, para participar de um Congresso sobre soja. Também no roteiro, uma visita a Universidade de Purdue. A viagem encerra em Chicago, na Bolsa de Cereais.

A Cotrijuf recebeu da Câmara Municipal de Vereadores de Ijuí, votos de congratulações pelo lançamento das Rações Tembiú. A proposição de congratulações é assinada pelo vereador Cláudio Silva Rufino. Ele destaca o fato da Cotrijuf ter utilizado, como marca para um de seus produtos, uma denominação de origem tupy-guarani.

A mulher trabalhadora rural alcança mais uma conquista na luta pelo reconhecimento da sua profissão: poderá ter o seu nome no Bloco do Produtor Rural. A lei, a entrar em vigor ainda no próximo ano, foi sancionada pelo governador Pedro Simon e é de autoria do deputado Mário Limberger.

A reforma sanitária em debate

Reforma Sanitária. Este é o tema do VI Seminário Regional de Saúde de Ijuí, promovido pelo Centro de Ciências da Saúde da Unijuf e pela Comissão Interinstitucional Municipal de Saúde de Ijuí a realizar-se nos dias 22 e 23 de setembro. O Seminário pretende ampliar o debate em torno da reforma sanitária frente às necessidades de mudanças no sistema de saúde do país, passando pela discussão do papel do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde e pelo Sistema local de Saúde. É intenção dos promotores buscar propostas conjuntas de viabilização e implantação do Programa de Municipalização da Saúde. No dia 22, pela manhã, com a presença do Secretário de Saúde e Meio Ambiente do Estado, Antenor Ferrari, o painelistas Hésio Cordeiro vai fazer uma retrospectiva histórica do Sistema Nacional de Saúde/Reforma Sanitária. Pela parte da tarde, o senador Almir Gabriel fala sobre Reforma Sanitária e Constituição, tendo como debatedores Lúcia Silva e Silva, da Escola Pública do Estado e José Rubens Rebelatto, da Universidade de São Carlos, em São Carlos. No dia 23, a Implantação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde por representantes dos municípios de Alecrim, Ajuricaba, Braga, Panambi, Ronda Alta, Três Passos e Campina das Missões.

Mais um gaúcho deixa o sul

Um antigo e conhecido cooperativista acabou de trocar o Rio Grande do Sul pelas terras inexploradas e despoluídas do Mato Grosso do Norte. É o associado e



Pedro Bizarello

ex-conselheiro Pedro Bizarello, 66 anos e pai de seis filhos, um dos fundadores da Cotrijuf, em Coronel Bicaco. Seu Bizarello deixou o município no dia 18 de julho, rumo ao município de Juína, localizado a 600 quilômetros de Cuiabá, onde vai trabalhar mais descansado nos seus mil e seiscentos hectares adquiridos recentemente.

Natural de Ajuricaba, o produtor mudou-se em 1946 para Coronel Bicaco, onde sempre participou ativamente da vida da Cooperativa e da comunidade. Na Cotrijuf, o portador da matrícula nº 560, foi conselheiro durante cinco vezes (de 1966 a 1967, de 1973 a 1974, de 1975 a 1979, de 1980 a 1983 e de 1983 a 1988), o que lhe permitiu acompanhar de perto todos os projetos da Cooperativa.

Ao deixar a Cotrijuf, seu Bizarello diz que sai satisfeito por ter visto ela dar a volta por cima, mesmo nos momentos difíceis. "Saio realizado, pois sempre fui ouvido dentro da Cooperativa", afirma o produtor, salientando que leva junto toda uma experiência que ajudou a construir, principalmente em relação a estrutura do poder. "O que no início parecia uma brincadeira é hoje um alívio para a direção e uma boa participação do associado que tem o seu espaço de opinião garantido".

A vez do milho

Governo limita os recursos para a soja e incentiva o plantio de milho e feijão.

Depois de tantos desacertos entre a área econômica do governo Sarney e o Ministério da Agricultura, saiu mais um pacote para a agricultura, contando as normas para a safra 1988/1989. Até aí, nada de novo. Que a agricultura brasileira vive de pacotes em pacotes ou que é gerenciada por decretos, sem uma política definida, todo o agricultor já está cansado de saber. Ninguém mais do que ele tem sentido na carne tantas mudanças de regras na hora de cada plantio. O que causou uma certa apreensão, principalmente entre os sojicultores, foi o corte nos recursos destinados para a próxima safra de verão, atingindo a soja e comprometendo levemente as suas pretensões de aumento de área. Só que os efeitos das medidas podem não ser os esperados pelo governo.

Há três anos, desde que o governo lançou o seu ambicioso Plano de Metas para a Agricultura, o agricultor

brasileiro vem convivendo com menos recursos para lavoura, juros maiores, com preços mínimos nunca compatíveis com os custos de produção e com comercialização tumultuadíssima, como a de 1987, por exemplo. Haja estímulo para aguentar tanta instabilidade e força de vontade de trabalhar com tantas incógnitas pela frente.

Mas assim como o governo está reduzindo os recursos para a soja, por outro lado, ele está incentivando o plantio de milho, feijão e sorgo, na expectativa de que os sojicultores ainda estimulados pelos preços alcançados no mercado externo, se sintam desestimulados e voltem sua atenção para culturas menores, mas de igual importância para a economia interna do país. Se realmente este será o ano do milho, ninguém ainda pode garantir. Recursos não faltam. O que resta saber é se o produtor vai plantar mesmo nos níveis em que o governo está esperando. No

mesmo pacote, o governo ainda mexeu nas taxas do Proagro, alterou as regras para efeito de cálculo das indenizações e reajustou os preços mínimos.

OS RECURSOS

O valor total do custeio agrícola, que vinha sendo reivindicado pelo Ministério da Agricultura, de 726 milhões de OTNs, ficou mesmo em 560 milhões de OTNs ou Cz\$ 1.367 trilhão. Cz\$ 1.109 trilhão será emprestado aos agricultores para o plantio das lavouras de verão a juros de 7 a 9 por cento e mais correção monetária. O

Valdemar Michael

restante dos recursos — Cz\$ 257 bilhões — será emprestado ao setor pelos bancos a taxas livres e de acordo com o mercado financeiro. As lideranças do setor não gostaram das medidas, prevendo uma descapitalização na agricultura, já que grande parte dos produtores terá de buscar financiamentos complementares, a juros altos, para formar a próxima lavoura de verão.

LIMITES ALTERADOS

As dificuldades de desembolso



Proagro: novas taxas

O Proagro, sistema de seguro rural, também está sofrendo alterações nesta safra de verão. Elas começam elevando o limite de abrangência do seguro, passando de 15 mil MVRs — Maior Valor de Referência — para 65 OTNs. Isto significa que o limite passa, de agora em diante, de Cz\$ 76,2 milhões para Cz\$ 128,8 milhões. O Proagro só vai dar cobertura para as lavouras de arroz com até 1.170 hectares. Também só terão cobertura do seguro, produtores de soja com até 2.685 hectares de lavoura e produtores de milho com lavoura de até 2.200 hectares. As áreas de lavouras que ultrapassarem esses limites, em caso de prejuízos, não terão cobertura do seguro. Desta forma e com um maior volume de recursos destinados para o Proagro, as autoridades econômicas entendem que um maior número de agricultores terão a cobertura do seguro agrícola.

A maior novidade nesta área, no entanto, fica por conta da estrutura de arrecadação do seguro. Até safra anterior, o produtor que fazia cobertura total sobre a sua lavoura e tinha pego, nos últimos três anos, apenas uma indenização de Proagro, pagava apenas uma taxa de 5 por cento. Com duas indenizações, o adicional ia para 12,5 por cento e em caso de três indenizações, pagava 18,5 por cento. Agora, depois das mudanças e válidas para esta safra de verão, as taxas passam a ser fixas e as indenizações variáveis.

Pelas alterações fica estabelecido que, sobre o custeio pecuário, de investimento, de culturas irrigadas ou perenes, o agricultor pagará um adicional fixo de 3 por cento, independente do número de indenizações tomadas nos últimos três anos. A taxa de seguro para as culturas de sequeiro, como o milho, a soja e o sorgo, passam para 5 por cento; a da lavoura de arroz de sequeiro para 6 por cento e a da lavoura de trigo salta de 3 para 9 por cento.

Mas para evitar que produtores beneficiados com o Proagro nestes três últimos anos consecutivos venham beneficiar-se com um seguro total, o governo tomou suas medidas, estabelecendo alguns limites. O

produtor que já foi beneficiado uma vez nestes últimos três anos, terá um rebate de 20 por cento sobre o valor dos recursos cobertos pelo seguro. Se foi beneficiado duas vezes, o rebate será de 40 por cento e três vezes, 60 por cento, tendo, neste último caso, direito a 40 por cento de cobertura embora tenha pago o adicional cheio. Estas mudanças, segundo o coordenador do Serviço do Proagro do Banco Central e também coordenador do Grupo do Trigo no Estado, Roberto Paulo Sholl da Silva, estão inseridas dentro do programa de redução do déficit público. "Elas também não deixam de ser uma forma do governo dar uma colocada de ordem na casa", diz ele referindo-se ao fato de que anteriormente o agricultor, para 100 por cento de cobertura, pagava 18,5 por cento de taxa em caso de já ter pego três indenizações nos últimos três anos de lavoura. "Agora, por exemplo, ele só vai pagar 9 por cento de taxa para o trigo, mas se teve três indenizações, vai ter menor cobertura".

O Roberto Sholl também avisa que o agricultor só será anistiado destas indenizações em um caso de calamidade pública e cita como exemplo a estiagem de 1985 que foi generalizada e causou muitos prejuízos. Outro aviso: a estiagem deste ano e que aconteceu mais forte em apenas algumas regiões do Estado, vai contar para efeito de cálculo do Proagro. "A seca, diz ainda, não foi o bicho-de-sete-cabeças que se falava e quem teve prejuízos, no caso da soja, foi salvo pelos preços que garantiram boas receitas".

MAIOR PREÇO

Outra alteração a ser aplicada nesta próxima safra diz respeito ao cálculo de indenização. Até a safra passada, o governo calculava essa indenização em cima do preço mínimo do produto. De agora em diante, esse cálculo vai levar em conta o maior preço alcançado pelo produto. Se o maior preço for o mínimo, o cálculo será feito sobre esse preço, mas se o de mercado for maior, ele vai incidir sobre esse último. "Essa alteração, explica Roberto Sholl está sendo feita no sentido de evitar que o produtor ganhe pelos dois lados".

VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC) E CALENDÁRIO DE LIBERAÇÕES
Safrá das águas — 1988/89

Produto e área de abrangência	Faixas de produtividade (kg/ha)	VBC	Calendário de Liberações									
			1ª parcela				2ª parcela		3ª parcela			
			de	até	C2S 1,00/ha	OTN/ha	% a partir de	nº de OTN	% a partir de	nº de OTN	% a partir de	nº de OTN
ALGODÃO HERBÁCEO												
Regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Bahia-Zona 1	—	1.000	56.718,75	28,61	35 Ago	10,00	30 Out	8,50	35 Fev	10,02	11,66	
	1.001	1.200	66.055,25	33,32		11,66		10,00				
	1.201	1.400	78.109,71	39,40		13,73		11,82		13,79		
	1.401	1.600	87.189,47	43,98		15,39		13,19		15,40		
	1.601	1.800	98.449,96	49,66		17,38		14,90		17,38		
	1.801	2.200	109.313,95	55,14		19,30		16,54		19,30		
	acima de	2.200	119.345,30	60,20		21,07		18,06		21,07		
ARROZ IRRIGADO — IRR./MECÂNICA	—	3.000	71.198,86	35,91	45 Ago	16,16		16,16		3,59		
Regiões Sul e Sudeste	3.001	3.600	84.949,27	42,85		19,28		19,28		4,29		
	3.601	4.200	96.923,45	48,89		22,00		22,00		4,89		
	4.201	5.000	110.186,24	55,58		25,01		25,01		5,56		
	acima de	5.000	121.763,75	61,43	45 Ago	27,64		27,64		6,15		
Regiões Centro-Oeste e Norte	—	3.000	74.759,32	37,71		16,97		16,97		3,77		
	3.001	3.600	89.211,60	45,00		20,25		20,25		4,50		
	3.601	4.200	101.780,52	51,34		23,10		23,10		5,14		
	4.201	5.000	115.897,53	59,36		26,26		26,26		5,94		
	acima de	5.000	127.869,96	64,50		29,03		29,03		6,44		
ARROZ IRRIGADO — IRR. NATURAL	—	3.000	60.763,01	30,65	45 Ago	13,79		13,79		3,07		
Regiões Sul e Sudeste	3.001	3.600	70.179,79	35,40		15,93		13,93		3,54		
	3.601	4.200	80.092,19	40,40		18,18		16,18		4,04		
	4.201	5.000	90.341,61	45,42		20,51		20,51		4,55		
	acima de	5.000	101.939,12	51,42	45 Ago	23,14		23,14		5,14		
Regiões Centro-Oeste e Norte	—	3.000	63.796,21	32,18		14,48		14,48		3,22		
	3.001	3.600	73.688,78	37,17		16,73		16,73		3,71		
	3.601	4.200	84.096,80	42,42		19,09		19,09		4,24		
	4.201	5.000	94.861,67	47,85		21,53		21,53		4,79		
	acima de	5.000	107.034,10	53,99	70 Ago	24,30		24,30		5,39		
ARROZ DE SEQUEIRO EM ÁREAS DE TOCO	—	1.000	13.223,14	6,67		4,67		1,33		0,67		
Todo território nacional	1.001	1.300	17.068,98	8,62		6,03		1,72		0,87		
	1.301	1.600	22.183,95	11,19		7,83		2,24		1,12		
	acima de	1.600	26.069,61	13,15		9,21		2,63		1,31		
ARROZ DE SEQUEIRO	—	1.000	23.135,54	11,67	70 Ago	8,17		2,33		1,17		
Região Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Bahia-Zona 1	1.001	1.300	29.915,62	15,09		10,56		3,02		1,51		
	1.301	1.600	38.816,96	19,56		13,71		3,92		1,95		
	acima de	1.600	45.616,86	23,01	70 Ago	16,11		4,60		2,30		
Regiões Sul e Sudeste	—	1.000	22.025,35	11,11		7,78		2,22		1,11		
	1.001	1.300	28.488,24	14,37		10,00		2,67		1,44		
	1.301	1.600	36.973,25	18,65		13,00		3,78		1,86		
	acima de	1.600	43.436,14	21,91		15,31		4,38		2,19		
FEIJÃO					55 Jul		25 Ago	1,83	20 Out	1,45		
Todo o território nacional	—	400	14.472,10	7,30		4,02		4,04		3,23		
	401	600	32.017,05	16,15		8,88		4,89		3,90		
	601	800	38.737,66	19,54		10,75		6,12		4,90		
	801	1.000	48.531,11	24,48		13,46		7,73		6,19		
	acima de	1.000	61.318,11	30,93		17,01						
MILHO (2)					50 Ago		30 Out		20 Fev			
Regiões Sul e Sudeste	—	900	11.637,16	5,87		2,94		1,76		1,17		
	901	1.300	16.890,73	8,52		4,26		2,56		1,70		
	1.301	1.700	24.087,13	12,15		6,08		3,65		2,42		
	1.701	2.100	29.261,40	14,76		7,98		4,43		2,95		
	2.101	2.500	33.003,04	16,95		9,58		5,09		3,38		
	2.501	3.000	39.726,90	20,04		10,02		6,01		4,01		
	3.001	3.500	43.198,24	21,79		10,90		6,54		4,35		
	3.501	4.000	51.266,76	25,57		12,94		7,76		5,17		
	4.001	5.000	58.502,11	29,86		14,78		8,67		5,91		
	5.001	6.000	67.325,02	33,96		16,98		10,19		6,79		
	6.001	7.000	79.556,92	40,13		20,07		12,04		8,02		
	acima de	7.000	91.806,65	46,31	50 Ago	23,16		13,89		9,26		
Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Bahia, Zona	—	900	12.212,06	6,16		3,00		1,85		1,23		
	901	1.300	17.723,57	8,94		4,47		2,68		1,79		
	1.301	1.700	25.296,44	12,76		6,38		3,83		2,55		
	1.701	2.100	30.729,44	15,50		7,75		4,65		3,10		
	2.101	2.500	36.288,14	17,80		8,90		5,34		3,56		
	2.501	3.000	41.711,38	21,04		10,52		6,51		4,58		
	3.001	3.500	46.359,14	22,88		11,44		8,15		5,43		
	3.501	4.000	53.844,16	27,18		13,58		9,31		6,21		
	4.001	5.000	61.536,18	31,04		15,52		10,70		7,13		
	5.001	6.000	70.895,24	35,66		17,63		12,64		8,43		
	6.001	7.000	83.541,71	42,14		21,07		14,59		9,72		
	acima de	7.000	96.398,18	48,62	50 Ago	24,31						
SEMENTE HÍBRIDA DE SORGO DE SEQUEIRO	—	1.500	45.795,29	23,10	30 Ago	11,55		9,24		2,31		
Todo território nacional	acima de	1.500	52.793,44	26,63		13,32		10,65		2,66		
SEMENTE HÍBRIDA DE SORGO IRRIGADO	—	2.000	66.650,98	33,62	30 Ago	10,09		20,17		3,36		
Região Nordeste, Espírito e Vale do Jequitinhonha (MG)	acima de	2.000	73.649,13	37,15		11,15		22,29		3,71		
SOJA	—	1.250	34.792,52	17,55	70 Ago	12,29		3,51		1,75		
Regiões Sul e Sudeste	1.251	1.500	37.389,57	18,86		13,20		3,77		1,89		
	1.501	1.750	44.645,45	22,52		15,76		4,50		2,26		
	1.751	2.000	47.995,84	24,21		16,95		4,84		2,42		
	2.001	2.400	55.410,32	27,95		19,57		5,59		2,79		
	acima de	2.400	57.709,99	29,11	70 Ago	20,38		5,02		2,91		
	—	1.250	36.517,28	18,42	70 Ago	12,89		3,68		1,85		
	1.251	1.500	39.272,93	19,81		13,67		3,96		1,98		
	1.501	1.750	46.885,65	23,65		16,56		4,73		2,36		
	1.751	2.000	50.394,64	25,42		17,79		5,08		2,56		
	2.001	2.400	58.185,79	29,35		20,56		5,87		2,93		
Regiões Norte, Nordeste	acima de	2.400	60.594,59	30,56	85 Ago	21,39		6,11		3,06		
Todo território nacional	—	2.050	23.413,09	11,81	85 Ago	7,68		2,95		1,18		
	2.001	2.500	31.025,01	15,65		10,17		3,91		1,57		
	2.501	3.000	35.208,54	17,76		11,54		4,44		1,74		
	acima de	3.000	40.482,24	20,26	85 Ago	13,27		5,11		2,04		
TRIGO MOURISCO	—	1.500	19.111,11	9,64			15 Jan	8,19		1,45		
Todo território nacional	acima de	1.500	24.562,93	12,39				10,53		1,86		

CBS: Os municípios integrantes da Zona I do Estado da Bahia são aqueles constantes do MCR – Documento nº 2.1, Município de Salvador, 1990, p. 100.

(f) Calendário de liberação em 4 parcelas. Os valores da 4ª parcela, correspondentes a 25 por cento do VBC a serem liberados a partir de MAR/90, são os seguintes: até data kh/ha 2,70 OTN/ha; de 601 a 10000 kg/ha 3,79 OTN/ha; de 10001 a 15000 kg/ha, 5,12 OTN/ha; de 15001 a 19000 kg/ha 6,13 OTN/ha; de 19001 a 23000 kg/ha 7,24 OTN/ha e acima de 23000 kg/ha 8,70 OTN/ha.

(2) As duas últimas faixas destinam-se a atender, preferencialmente, os produtores de lavoura irrigada.

do Tesouro Nacional levou o governo a promover um corte de 36 milhões de OTNs e a alterar os limites de financiamento para algumas culturas como a soja, por exemplo, que está recebendo menos recursos. Outras culturas, como o feijão, a mandioca e o milho, estão sendo estimuladas através de uma faixa maior de custeio. Qualquer uma delas terá custeio integral, independente da classificação do produtor. Já para a soja os recursos ficaram escassos mesmo. O pequeno produtor, que até a safra anterior tinha direito a 90 por cento do VBC, está sendo contemplado com apenas 70 por cento. O médio produtor que levava 60 por cento, só poderá recorrer a 40 por cento depois das novas restrições, e o grande a 30 por cento. O arroz irrigado teve seus limites de financiamento estipulados em 100 por cento para os pequenos; 70 por cento para os médios e 60 por cento para os grandes.

Com direito a apenas 38 por cento do total de recursos canalizados para a próxima safra de verão, os produtores de soja que colhem uma média de 1.750 a 2 mil quilos por hectare terão um VBC de Cz\$ 47.995,84. Já os produtores de feijão, incluídos na faixa de produtividade de 800 a 1 mil quilos por hectare, receberão Cz\$ 46.531,11. Os produtores de milho, os grandes beneficiados e para o qual o governo está querendo deslocar parte dos sojicultores, serão beneficiados com Cz\$ 38.737,66, caso estejam incluídos dentro da faixa de produtividade de 2.101 a 2.200 quilos por hectares.

QUEM SERÁ BENEFICIADO

Os produtores de soja do Rio Grande do Sul, principalmente da região das Missões e que foram severamente castigados pela estiagem nesta última safra de verão, vão receber um tratamento diferenciado. Eles vão poder obter um financiamento 20 por cento superior aos limites fixados para o resto do país.

Mas quem serão os produtores beneficiados com esta medida? "Apenas aqueles que foram beneficiados com a resolução de número 1.480 do Banco Central", avisa Roberto Paulo Sholl da Silva, coordenador do Serviço de Proagro do Banco Central no Estado e também coordenador do Grupo do Trigo. "Essa vantagem, prossegue, não é generalizada". A resolução de nº 1.480 prorrogou as dívidas de custeio e investimentos e ainda contemplou os produtores, minis e pequenos, que tiveram prejuízos com a seca, com financiamento familiar, desde que não tivessem sido indenizados com Proagro.

Também constou do pacote agrícola, reajustes para os preços mínimos vigentes na safra 87/88. Eles foram atualizados pela variação da OTN do mês de julho, sendo que o milho foi beneficiado com um prêmio de 15 por cento; o feijão das águas com 5 por cento e o arroz irrigado com 11,6 por cento.

"Os atuais VBCs estipulados pelo governo para a nossa região representam um grande desrespeito para com o agricultor", reclama Waldemar Michael. Ele vai plantar, nesta próxima safra, 400 hectares de soja "com o financiamento que o governo está dando", mas garante de safra que esse dinheiro não cobre as despesas de 30 por cento da lavoura. Como grande produtor, seu Michael tem direito a Cz\$ 14.398,75 para formar um hectare de lavoura de um total de Cz\$ 47.995,84. "Com esse dinheiro, só podemos fazer uma lavoura mal estruturada e mal preparada, sem uma boa projeção para o futuro", diz ainda o agricultor, proprietário de 266 hectares de terra e arrendatário de mais 320 na localidade de Rincão dos Pampas, Augusto Pestana.

Desestímulo à produção

Divulgados as medidas, o descontentamento foi geral e tanto os preços mínimos quanto os valores básicos de custeio (VBCs) ficaram aquém dos sugeridos pelo setor cooperativista. O presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras, Roberto Rodrigues, levou sua preocupação ao governo federal e afirmou que o Brasil vai perder uma grande chance de aumentar suas exportações.

O vice-presidente da Cotrijuf no Mato Grosso do Sul compartilha com Rodrigues a mesma opinião. Nedy Rodrigues Borges lamenta atividade do governo, que ao seu ver vai impedir que o País participe com mais intensidade no mercado internacional, justamente num momento favorável à exportação da soja brasileira, que certamente terá a comercialização da sua próxima safra garantida lá fora. Isso devido a quebra da safra norte-americana, que segundo estimativas irá reduzir em torno de 21 por cento por causa da seca que vem atingindo a região produtora de grãos nos Estados Unidos.

O que o governo quer é estimular a produção de outras culturas como o milho e a mandioca, avalia Nedy Borges, e isto pode acontecer em estados como o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas dificilmente vai ocorrer na região Centro-Oeste. No Mato Grosso do Sul, continua ele, a soja vai continuar sendo a principal cultura de verão, apesar de não receber um acréscimo muito grande em termos de área plantada, como se previa antes da divulgação do pacote agrícola.

A expansão que terá a sojicultura será em detrimento do arroz de sequeiro, outro atingido nos cortes do governo, devendo diminuir em cerca de 30 por cento a sua área plantada no estado. Estas lavouras é que serão ocupadas com soja, calcula o vice-presidente da regional no Mato Grosso do Sul. Mas o aumento no total vai ser pouco significativo.

Quanto aos VBCs e preços mínimos, ele diz que também não agradaram a classe produtora. Os percentuais para financiamentos foram baixos e mesmo para o grande produtor, o limite de 30 por cento a ser financiado vai obrigá-lo a buscar dinheiro emprestado, sujeitando-se aos juros de mercado.

Apesar de todas estas dificuldades, o agricultor segue em frente e o setor agrícola só não se expande mais devido a constante insegurança que o homem rural sente diante da instabilidade econômica que atinge o País, conclui Nedy Borges.

Paço do superintendente regional do Banco do Brasil em Campo Grande, Syrlei Mendes Nogueira, o pacote agrícola foi condizente com a situação brasileira, pois o governo está sem dinheiro em caixa e por isto mobilizou todas as instituições financeiras a fim de obter recursos para a agricultura nacional. O objetivo é se alcançar outra safra como já vem ocorrendo nos dois últimos anos, continua ele, mas ao limitar os financiamentos o governo está sendo realista, uma vez que não tem recursos próprios para subsidiar toda a atividade agrícola.



Syrlei



Nedy Borges

Shirley Nogueira

Nogueira não concorda com a afirmação de que a sojicultura esteja sendo desestimulada. Os preços da soja no panorama internacional são

por si só o melhor incentivo para o agricultor investir na cultura, que deverá ter um acréscimo de 10 a 15 por cento em área plantada na próxima safra. Para o milho, ele prevê um aumento ainda maior, devendo o percentual ultrapassar os 20 por cento. Isso representará em torno de 170 mil hectares de lavoura financiada pelo Banco do Brasil no Mato Grosso do Sul. Contribuem para essa estimativa dois fatores: o VBC integral em todos os níveis e a perspectiva de bons preços para o milho no mercado internacional.

A área de soja a ser financiada pelo banco deverá ficar entre os 950 mil a um milhão de hectares. Estima o superintendente regional, (no total a oleaginosa deverá ocupar 1.700 mil hectares) calculando que o montante destinado ao Mato Grosso do Sul deve ficar perto dos 70 bilhões de cruzados. Todas as agências do Banco do Brasil estão com os recursos disponíveis, lembra ele, e mais de um bilhão de cruzados já foram liberados para os agricultores que planejam desde agora a próxima safra de verão.

CUSTOS DE PRODUÇÃO

Pela "hora da morte"

Os custos de produção, para a próxima safra de verão, vão ficar mesmo pela "hora da morte", com as despesas financeiras consumindo a maior parte da rentabilidade do produtor. Só vai conseguir correr na frente dos custos, aquele produtor que decidir apostar em produtividade, embora esse tenha sido um ano atípico em termos de preços para o caso da soja. Agora, quem garante que ela vá repetir a escalada deste ano, quando o preço da tonelada no mercado internacional quase encostou em 11 dólares, numa situação nunca vista antes?

Mas só o plantio de um hectare de soja, que nesta safra vai exigir um desembolso de dinheiro ainda maior do produtor por causa da queda no crédito dada pelo governo, vai custar Cz\$ 254.773,96. Um custo nada mais nada menos do que 1.124,93 por cento superior ao levantamento realizado no ano passado, por esta mesma época do ano e para a mesma cultura. O levantamento dos custos de produção para a soja, o milho e o feijão, assim como também as sugestões para VBCs, foram realizados pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuf, Regional Pioneira. O peso maior dos custos, segundo o Sérgio Dalepiane, técnico agrícola responsável pelo trabalho, continua correndo por conta das despesas financeiras, que a cada ano que passa ficam maiores.

Ao levantar o custo de produção de um hectare de soja, projetado pelo Sérgio em Cz\$ 254.773,96, fo-

ram considerados os custos fixos e variáveis. Os custos variáveis, aqueles que obrigam o produtor a enfiar a mão no bolso e envolvem despesas com insumos, conservação e reparos, custos financeiros, Proagro, representam Cz\$ 203.755,13. Ou ainda 79,97 por cento do total. Deste, 61,77 por cento correspondem às despesas financeiras. Considerando apenas as despesas variáveis, cada saco de soja produzido — média de 30 sacos por hectare — teria um custo de Cz\$ 6.791,84, sendo que Cz\$ 5.245,43 correspondem aos gastos com as despesas financeiras.

A outra parcela do custo total de plantio de um hectare, Cz\$ 51.018,83, diz respeito aos custos fixos e corresponde a Cz\$ 1.700,63 por cada saco produzido. No final das contas, juntando os dois custos, os variáveis e os fixos, um saco de soja terá um custo de produção de Cz\$ 8.492,47. Mas até 31 de maio de 1989, se a inflação continuar neste mesmo ritmo e nada de novo acontecer na economia brasileira, um saco de soja terá um custo de Cz\$ 15.711,07.

O MILHO E O FEIJÃO

Mas não é apenas o plantio da soja que vai andar pela "hora da morte". O produtor que for plantar um hectare de milho, vai gastar Cz\$ 256.586,17, 1.172,11 por cento mais caro que a lavoura projetada no ano passado neste mesmo período. O custo de produção de um saco, considerando 3.500 quilos por hectare, será de Cz\$ 4.398,87. Deste, Cz\$

2.608,76 correspondem às despesas financeiras. A participação dos custos variáveis, no caso, é de Cz\$ 904,85. O custo financeiro chega a 59,30 por cento do custo total, apresentando um aumento de 186,6 por cento se comparado com o custo por saco projetado no ano passado. Para 31 de maio, o custo projetado pelo Sérgio Dalepiane chega a Cz\$ 8.137,91.

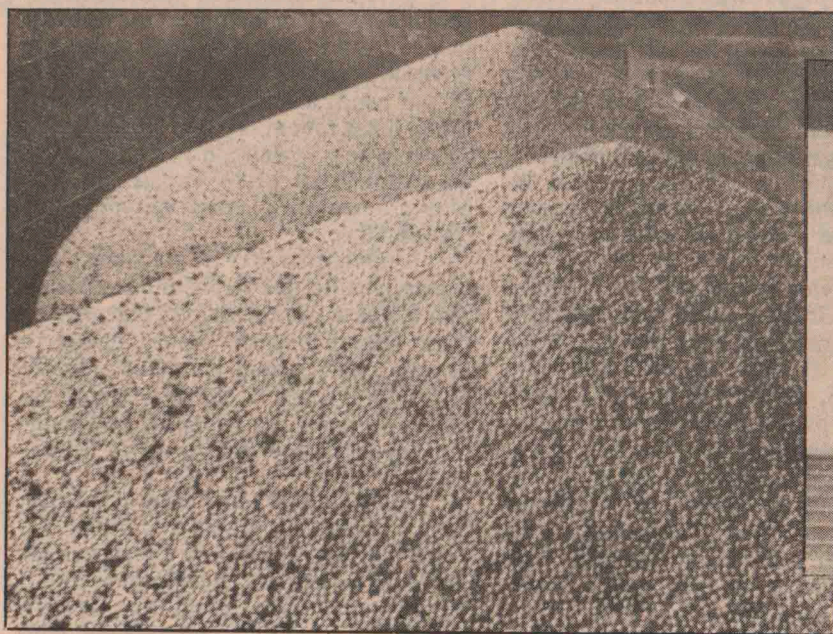
O custo de plantio de um hectare de feijão, segundo o levantamento realizado pela Cotrijuf vai ficar em Cz\$ 232.856,66. Esse valor corresponde a 1.032,02 por cento do valor projetado no ano passado. Apenas um saco de feijão terá um custo de produção de Cz\$ 9.702,36, com Cz\$ 5.763,61 representando as despesas financeiras ou ainda 59,40 por cento do custo total. O custo projetado para dezembro é de Cz\$ 14.359,49.

OS VBCs NECESSÁRIOS

De acordo com os custos de produção — base no mês de julho — a Cotrijuf também levantou os Valores Básicos de Custeio necessários para a formação das lavouras de soja, milho e feijão. No caso da soja, considerando uma produtividade média de 1.800 quilos por hectare, o VBC necessário será de Cz\$ 48.750,88. Para o milho, numa faixa de produtividade de 3.500 quilos por hectare, o produtor necessitará de Cz\$ 54.071,16. Para a lavoura de feijão, com produtividade média ao redor dos 1.200 quilos por hectare, será necessário um VBC de Cz\$ 45.377,40.

Na dependência da demanda

Mais de 18 milhões de toneladas de grãos é o resultado da safra brasileira de soja, que viveu, neste ano, um dos melhores preços da sua história. Apesar da inflação que corrói qualquer atividade produtiva, alguns produtores pagaram as dívidas e ainda fizeram investimentos na propriedade. A euforia de Chicago, no entanto, tem muito de passageira, servindo de alerta para os rumos da produção brasileira, hoje ocupando o quarto lugar em área de plantio, porém, o oitavo em produtividade.



Argemiro: euforia dos preços não pode esconder a realidade do mercado

Eficiência e produtividade. Estas são duas palavras mágicas para as próximas safras de verão brasileiras, especialmente para o produtor de soja que pretenda se manter na atividade. É claro que esta exigência não é nova para a maioria dos produtores, porém, neste final de década, ela torna-se mais importante ainda devido as mudanças estruturais que, aos poucos, vão se apresentando no mercado internacional o, definitivamente, por causa das perspectivas continuístas que rondam a economia nacional.

O alerta é feito pelo professor e analista de mercado Argemiro Luís Brum, que reside em Montpellier, na França, onde realiza estudos sobre o comércio das oleaginosas. De retorno a Ijuí, até o dia 7 de setembro, Argemiro fez mais uma análise sobre as tendências do mercado da soja, partindo da elevação recorde do seu preço na Bolsa de Cereais de Chicago, que atingiu o pico no dia 28 de junho, quando o produto chegou aos 10,59 dólares por bushel.

Preocupado com os rumos da produção brasileira e a sua colocação no mercado externo, Argemiro inicia explicando a alta de Chicago pelo "crack" ocorrido nas bolsas de valores mundiais, em outubro do ano passado. "Mesmo que não tenha provocado a recessão prevista, diz o professor, a quebra serviu para detonar a fuga de um grande número de especuladores para

investimentos em matérias-primas como a soja e seus derivados".

A pressão sobre o produto foi suficiente para que o preço se elevasse nos últimos meses de 87, contudo, não chegou a causar maiores impactos. O estopim mesmo veio com a notícia da estiagem no meio-oeste americano, a partir de abril e maio, que inflamou o mercado, levando as cotações a 10,50 dólares por bushell, no final de junho. Antes disso, no entanto, já corria solto por entre todas as "traindings" da soja (empresas especialistas em comercialização externa), a informação de uma sensível diminuição nos estoques de soja norte-americanos.

REDUÇÃO NOS ESTOQUES

"Bastou a possibilidade de uma redução nos estoques americanos para aguçar ainda mais a especulação", destaca Argemiro, mostrando, no entanto, que estas previsões não tinham nada de boato. Como já se sabe, estas reservas devem ficar em 7,9 milhões de toneladas este ano, contra os 17 milhões existentes há quatro anos atrás. Ao mesmo tempo, em razão da seca que trouxe uma quebra de 21, por cento na safra americana, proteja-se, para 89, uma quantidade de aproximadamente, 3,4 milhões de tonelada em setembro.

Mas, o susto na oferta, não é inédito na história recente da soja, acrescenta Argemiro, considerando as

altas anteriores provocadas por este mesmo fator. Em 1983, quando os Estados Unidos passaram a subsidiar a redução do plantio por causa da super oferta existente, ocorreu, por coincidência, uma estiagem que acabou reduzindo a produção em 20 por cento. Neste ano, então, o bushel atingiu o pico de 8,47 dólares.

Hoje, passado cinco anos, a alta dos preços também é provocada pela redução dos estoques, e, como naquele ano, já tem a sua regularização prevista pelos analistas de mercado, caso não surjam novos problemas de clima na América Latina. Isto comprova, segundo Argemiro, "que existe um fator de alta no mercado, essencialmente especulativo, pois a seca por si só, não provocaria uma elevação tão significativa". Na verdade, se o mercado estivesse normal, a soja estaria cotada, pelo menos a 30 por cento abaixo dos níveis atuais, com o bushel valendo de 6,50 a 7,50 dólares. "Uma cotação razoável, se considerarmos, acima de tudo, a demanda e a oferta existentes", afirma o professor.

CRISE NA DEMANDA

Este, aliás, é o ponto que Argemiro mais se detém em sua análise, uma vez que as tendências do mercado internacional já apontam uma fase de estagnação da demanda, principalmente em relação a Comunidade Econômica Européia, a mais tradicional impor-

tadora de soja. Grande responsável pelas altas nos últimos anos, a CEE já comprou muito farelo brasileiro para ser utilizado na ração animal. Hoje, no entanto, por uma questão de eficiência no setor agropecuário, os europeus passaram a substituir a soja por produtos mais baratos, como a colza, a ervilha, o girassol e glicose de milho. O que obriga os participantes desse mercado a reavaliarem a demanda do farelo.

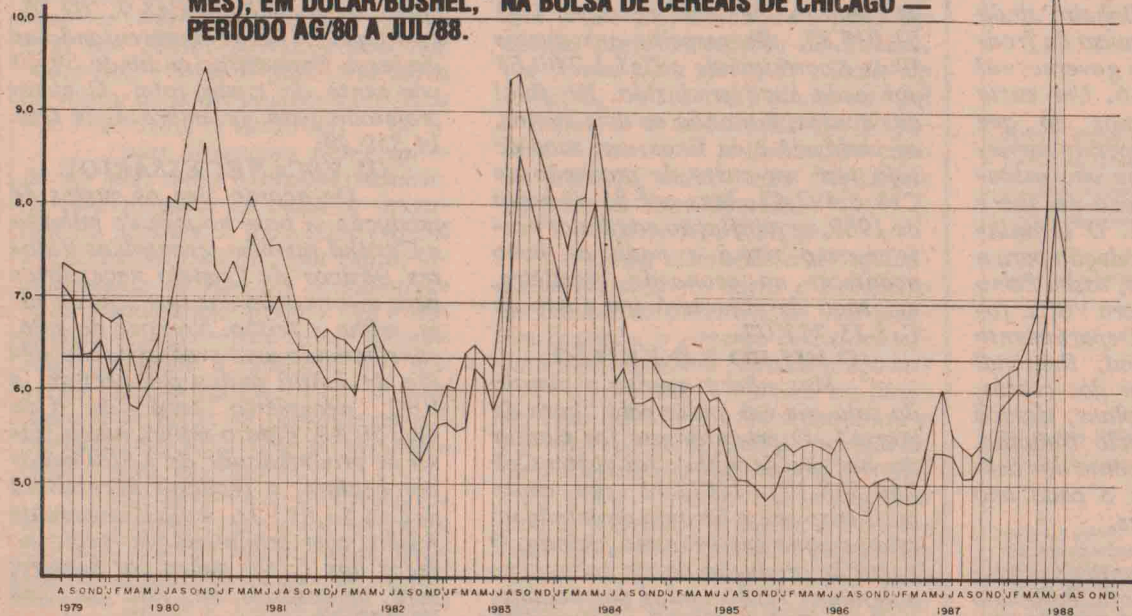
"Isto não significa dizer que o mercado de soja não existe", deixa bem claro Argemiro. O que está acontecendo, segundo ele, é uma reacomodação na característica do mercado, onde, ao contrário do que acontecia até o início da década, a procura do grão passa a ser maior que a do farelo, e ainda por compradores potenciais como o Japão e até mesmo imprevisíveis como a União Soviética. Quanto a esta mudança, Argemiro é taxativo: os europeus conquistaram um espaço de eficiência, e a não ser que aconteça uma catástrofe, eles não voltarão atrás.

DESAFIO É DA PRODUÇÃO

Por causa desta reestruturação, que deve dar os seus sinais mais evidentes a médio prazo, Argemiro é extremamente enfático. "Nós temos que ter consciência disso", diz ele chamando a atenção para a euforia de preços deste ano, que não pode esconder a realidade do mercado. "A soja tem mercado na CEE, volta a frisar, mas a nível de 6,0 a 6,50 dólares por bushel". Mais do que isso, os compradores já procuram um substituto, podendo provocar, quem sabe, uma crise de superprodução nos mais despreparados. O aviso, aqui, é para a América Latina, onde somente no Brasil já é estimado uma safra de 24 milhões de toneladas de grãos para 89. Mas serve também para a Argentina, onde se fala em produzir 11 milhões de toneladas de soja.

É preciso estar atento às mudanças, finaliza Argemiro, salientando que o Brasil deve ser o mais competitivo possível, tanto lá fora como internamente. Do contrário, se a soja deixar de ser imprescindível e continuarmos a aumentar somente a área de plantio, sem nos preocuparmos com a produtividade e a demanda interna, pode-se chegar a uma crise de produção. E quem não estiver estruturado não sobreviverá somente com a safra de soja.

COTAÇÕES DE FECHAMENTO DA SOJA/GRÃO (MÁXIMAS E MÍNIMAS DO MÊS), EM DÓLAR/BUSHEL, * NA BOLSA DE CEREIS DE CHICAGO — PERÍODO AG/80 A JUL/88.



* Luís Carlos Perez

Após o recorde histórico na década de 70, a soja em grão atingiu mais três picos. Em outubro de 80, o bushel foi a 9,80 dólares; em setembro de 83, a 9,60 e agora, em 88, a 10,99, ultrapassando em muito a média histórica, oscilante entre 6,36 e 10,50. * bushel: 27,32 quilos

Produção de hoje, na peneira da crise

Eficiência e alternativas econômicas compensadoras formam o grande desafio da produção brasileira, caso pretenda ser competitiva nos mercados externo e interno.

Se por um lado o mercado internacional vive um ano atípico com os preços correndo acima da média dos últimos anos, o que dizer do mercado interno, onde os dólares de Chicago se transformam em cruzados, uma das moedas mais desvalorizadas por uma curva inflacionária que só anda para cima? Quem responde a mais esta indagação é ainda o Argemiro Luís Brum, dizendo que também a nível interno "vive-se uma situação excepcional", na qual já se anuncia uma inflação de 800 por cento ao ano, até dezembro, mas com grandes chances de alcançar mais de mil por cento até maio do próximo ano.

Os efeitos desta corrida inflacionária podem ser medidos através das próprias compensações da última safra. Considerando o período de junho de 87 a julho de 88, a média do preço da soja evoluiu numa proporção de 682 por cento, ganhando da inflação calculada em 424 por cento. A mesma média, no entanto, não foi suficiente para superar o termômetro relativo dos equipamentos agrícolas que tiveram um aumento de 732 por cento.

LAVOURA MAIS CARA

Estes sintomas levam o professor Argemiro a prever três fatos importantes, a curto e médio prazo, caso o cenário político econômico continue no mesmo passo. Além de conviver com uma lavoura bem mais cara no próximo verão — os preços dos insumos já demonstram isso —, o produtor de soja terá que ser mais eficiente do que nunca, para ganhar no mercado externo e interno. "Como em qualquer atividade econômica, ele terá que produzir não

para empatar, mas para ter lucro", afirma Argemiro, prevendo um aumento no preço da saca de soja, no valor de 474 por cento, em relação ao preço médio de julho passado. O que nem de longe acompanhará a inflação prevista para mais de mil por cento ao ano.

Por causa destes números, projetados, mas nem por isso menos alarmantes, as preocupações se voltam para a produção de um maior número de grãos em menor espaço, com a redução máxima de custos. "Temos urgência em sair da média de mil e 500 quilos por hectare, no Rio Grande do Sul, para no mínimo dois mil e 400 quilos", salienta Argemiro, dizendo que esta média seria razoável para enfrentar tanto a concorrência externa como a ameaça de perda de espaço criada pela crise econômica interna.

ESPECIALIZAÇÃO

É preciso que o produtor de soja se especialize, reforça o analista de mercado, lembrando até mesmo a concorrência com os vizinhos argentinos, que, embora tenham incorporado a soja há apenas dez anos, já atingiram uma produtividade ao redor de dois mil quilos por hectare. E mais ainda: sem alto consumo de adubos e fertilizantes e utilizando equipamentos agrícolas de vinte anos atrás.

Sem considerar a lavoura argentina como modelo para a brasileira, o professor faz questão de chamar atenção para a necessidade do produtor criar alternativas mais baratas e mais rentáveis, dentro das expectativas econômicas que apontam, cada vez mais, a carência de recursos e um maior índice inflacionário.

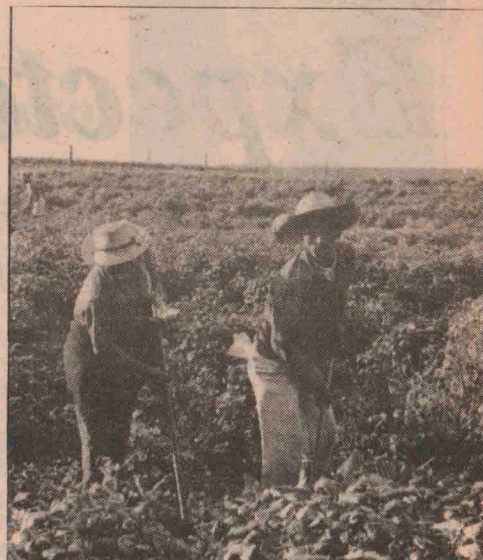
RECURSOS ESCASSOS

Em geral, quem tiver a intenção de produzir para continuar na agricultura, terá que se dar conta que o tempo das "vacas gordas" acabou, destaca Argemiro. A época em que existia dinheiro oficial fácil, às custas do financiamento externo e de rombos na caixa pública nacional, foi substituída por outra, na qual a tendência do Governo é reduzir, ano a ano, o crédito subsidiado. Esta previsão é ainda mais forte em relação ao produtor de soja, com o objetivo de deixar os estímulos da cultura por conta do mercado. Um exemplo? O volume de recursos liberado ao VBC relativo a soja, segundo as faixas de produtores.

No entanto, essa reformulação do crédito rural não foge a uma necessidade da própria crise e do perigo iminente de quebra total do País, mais conhecida como recessão. Por um lado, diz Argemiro, a nova década que se aproxima exige mudanças no sentido de que a sociedade deixe de pagar vantagens, através da transferência de renda, a um grupo que já ganhou muito dinheiro com o crédito subsidiado, comprando terras e enriquecendo fácil.

SELEÇÃO

O corte de recursos deverá provocar, certamente, uma aceleração no processo de seleção — há um bom tempo em rota na agricultura —, mas especificamente, na produção de soja realizada pelos produtores descapitalizados. Afinal, diante de uma inflação de mais de mil por cento ao ano e um Produto Interno Bruto negativo (o PIB é o medidor do crescimento da produção nacional), na ordem de um por cento



Mudanças exigidas pela crise podem acelerar o processo de seleção

no primeiro semestre, a recessão não pode ser encarada como uma mera previsão pessimista. E recessão significa menos empregos, menos salários, menos demanda, e portanto, menos produção.

Mesmo que este efeito não tenha chegado ao extremo nos bolsos ou nas propriedades, é certo que o produtor que não estiver estruturado economicamente, dificilmente poderá se manter na atividade, ainda que os preços internacionais não descaibem. Este ano, por exemplo, se não ocorresse a seca nos Estados Unidos, a saca de soja estaria valendo pouco mais de mil e 500 cruzados. Um valor extremamente ruim para quem planta 20 hectares, colhe 500 sacos e ainda paga financiamento.

"Não quero dizer que o pequeno produtor não possa ser eficiente", complementa Argemiro, mas sim que este produtor tem sérias dificuldades para fazer o mesmo raciocínio econômico que os grandes e médios fazem, uma vez que por sua produção ser menor, os seus recursos também são mais escassos. "Com isto, potencialmente, estes produtores estão mais sujeitos à seleção, se não forem encontradas alternativas econômicas compensadoras. Este é o grande desafio que temos pela frente e que não pode mais ser ignorado".

O retorno da venda picada

Tirando a seca que conseguiu frustrar a metade das lavouras da região, a soja até deu lucro nesta última safra, mesmo com toda a inflação que anda correndo por aí. O retorno da soja, no entanto, causado em grande parte pela estiagem americana, teve também a participação do produtor que passou bem na maneira de ganhar com uma cultura plantada com o banco, comercializada em dólares e trocada em cruzados.

O seu Bertoldo Alfredo Diekow, por exemplo, proprietário de 48 hectares na localidade de Sítio Olivério, em Coronel Bicaco, conhece bem este jogo do mercado, e, por isso, sempre comercializa a sua produção da forma mais picada possível. "Sempre vendi assim, porque todos os negócios da gente dependem deste dinheiro", conta o produtor que colheu, por causa da seca, apenas mil sacos de soja, em 41 hectares de plantio, quando em anos anteriores ele chegou a mil e 500 sacos.

VENDA EM DEZ VEZES

Neste ano, então, seu Diekow não teve dúvidas. Pensando no financiamento de dez por cento da lavoura e nas reformas de manutenção do equipamento, o produtor procurou parcelar ao



Bertoldo Diekow

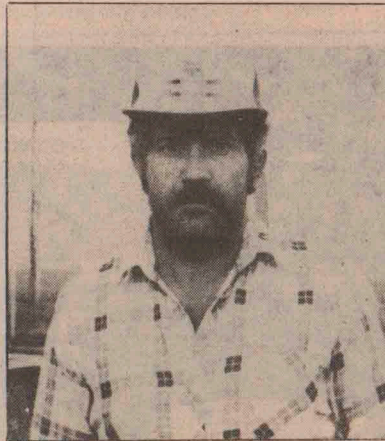
máximo a sua venda. Até agora, ele já realizou dez liquidações, sendo oito feitas em maio e junho, e mais duas em agosto, tendo ainda um restinho de soja para vender. "Se pudesse teria vendido a soja só a partir de junho", diz o produtor, calculando que "poderia pagar as contas e ainda sobriaria um dinheiro a mais". "Mas só quem tem dinheiro de sobra pode fazer isso". Mesmo sem ter planos de aumentar a área de plantio na próxima safra, o pro-

dutor garante que vai apostar firme na soja, mas mantendo o mesmo espaço de milho, um hectare, para o consumo.

PREÇO MÉDIO

Mas, se uns preferem fazer a sua própria média, outros produtores se sentem mais seguros com o preço médio, estabelecido pela Cooperativa, que neste ano encerrou as liquidações no dia quatro de julho. É o caso do seu Odracil Famézio de Medeiros, proprietário de 175 hectares na Esquina São João, em Coronel Bicaco. Por causa da quebra de 60 por cento na lavoura, o produtor colheu somente mil e 800 sacos em 125 hectares plantados. Desta produção ele destinou 200 sacos para o mútuo, e os demais mil e 600 sacos, vendeu tudo em preço médio. "Faço preço médio, desde que ele foi inventado", afirma Odracil, mostrando que esta é melhor forma de comercializar o produto.

Por outro lado, o dinheiro adquirido com uma média acima das vendas ao dia, não foi suficiente para cobrir os juros e a correção monetária relativas às dívidas do produtor. "Estou descontente é com os altos juros cobrados sobre os financiamentos", reclama Medeiros, dizendo que a venda da soja só deu para cobrir as despesas de mão-



Odracil de Medeiros

de-obra da propriedade e a manutenção das máquinas.

Na dependência de uma prorrogação das dívidas contraídas, há mais de dois anos atrás, na compra de uma automotriz, um trator e calcário, Odracil não descarta nem a possibilidade de vender um pouco da terra. "Se a prorrogação não ocorrer, vou ter que vender uns 20 hectares porque lavoura não paga juro alto, nem que se colha bem". Apesar das contas, vai manter a área de soja no próximo verão, enquanto o milho deve ocupar de 10 a 15 hectares.

SOJA

Expectativas da próxima safra

Produzir um maior número de grãos, a níveis mais baratos, na mesma área, é a melhor forma de ganhar com a soja sem comprometer o desenvolvimento de outras atividades.

Com praticamente toda a safra liquidada — faltam ao redor de 15 por cento do total da produção entregue na Cooperativa —, a Cotrijuf também entra em cheio na defesa da produtividade, que deve ser o carro-chefe das próximas lavouras de verão. Principalmente num ano como este, em que a cotação da soja bateu o maior recorde da sua história recente, passando, assim, a sugerir uma provável expansão do plantio. Na pedra, os produtores da região, tiveram o seu melhor preço no dia 28 de junho, quando a saca de 60 quilos foi a 18,16 dólares, ou seja, três mil e 500 cruzados por saco.

"Este foi o melhor preço de venda em cruzados, até o momento", comenta o assistente de comercialização da Regional Pioneira, Paulo Roberto Porto, considerando a correção atual do dólar. No entanto, confirmando uma característica tradicional do mercado da soja, poucos produtores aproveitaram este preço, esperando um pouco mais no dia seguinte, quando a cotação voltou a cair.

De qualquer forma, tanto o preço à vista, que arrecadou o maior número de liquidações, como o preço médio, que embora em menor percentual atingiu uma média de 16,50 dólares por saco, serviram para estimular o produtor que, depois de um bom tempo, viu a soja trazer uma margem de lucro razoável.

SEM ILUSÕES

O estímulo do produtor é mais ou menos calculado pelo departamento agrotécnico da Cotrijuf, Regional Pioneira, que já admite um aumento na área de plantio da cultura. Mesmo assim, o departamento continua vendo na produtividade, a linha mestra da produção de soja. "Não podemos nos iludir com este aumento temporário dos

preços, abandonando outras atividades e expandindo desordenadamente o plantio de soja", afirma o gerente da área de produção vegetal da Regional Pioneira, o engenheiro agrônomo João Miguel de Souza. "Devemos investir em conservação e fertilidade do solo", salienta ele, "e com estas práticas obter maiores produtividades na atual área de cultivo, aproveitando assim as condições favoráveis de mercado".

"A lavoura de soja somente pode ser viabilizada pela produtividade", diz o agrônomo, ao lembrar que esta é a única forma de superar os custos de produção, hoje estimados em 124 por cento, dos quais 61 por cento representam os gastos financeiros. Isto demonstra que a lavoura de soja, assim como a de trigo, é uma das mais caras, e portanto, não possibilita um retorno real através da simples expansão da área. "É necessário, sim, destaca João Miguel, que cada hectare plantado produza sempre mais, com menores custos.

A IMPORTÂNCIA DO MILHO

Mas os alertas do departamento agrotécnico não param somente na lavoura de soja. De acordo com João Miguel, o produtor precisa pensar economicamente a sua propriedade, sem esquecer todas as possibilidades de cultivo, que ajudam a reduzir os custos de outras atividades. Se ocorrer uma expansão acentuada da soja, diz ele, o primeiro atingido será o milho, que tem sido um suporte básico para outras atividades fundamentais na estabilidade econômica da região.

É o caso da suinocultura e da pecuária leiteira, que atualmente contribuem com uma renda periódica para um grande número de produtores. Mui-

tas vezes, estas atividades, mas especialmente o leite, tem compensado os prejuízos de culturas das frustradas pelo clima ou mesmo pelos altos juros de financiamentos.

CONSERVAÇÃO DO SOLO

Pensando na importância do milho e na manutenção de uma lavoura de soja mais produtiva, o departamento agrotécnico vem priorizando um trabalho de manejo adequado do solo, onde o aumento da fertilidade e a rotação de

culturas, aliada a outras várias práticas conservacionistas são essenciais. Por causa desta preocupação, a Cooperativa está procurando incentivar o produtor através de financiamentos próprios, como o que consta no projeto de recuperação de solos, ainda tramitando pelos órgãos encarregados. Com este projeto, vai ser facilitada a aquisição de potássio, fósforo e calcário, elementos indispensáveis para recuperar e manter a fertilidade do solo, exigida pelas plantas.

Últimos números da quebra americana

Mercado nervoso e reviravoltas nas cotações da Bolsa de Chicago. Este foi o clima em todos os setores de comercialização do mercado da soja, após a divulgação dos números da quebra da safra americana, no dia 11 passado. De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, USDA, a quebra foi de 21,6 por cento na soja — mais de 11 milhões de toneladas e de 38,64 por cento no milho, ou seja, 76 milhões e 770 mil toneladas.

Divulgados os números da quebra, o mercado regional da soja, na sexta-feira, dia 12, abriu em limite de alta, mas, já à tarde, voltou a cair em 11 pontos para setembro, sem apontar as causas exatas do tumulto. Mesmo porque a perda dos americanos foi grande. Nada menos do que o equivalente à produção de soja argentina, a quebra americana, estimada inicialmente em cerca de 51 milhões de toneladas terá uma colheita de apenas 40 milhões de toneladas. No milho a quebra reduziu a safra prevista em mais de 198 milhões de toneladas para 121 milhões e 890 mil toneladas.

COGITAÇÕES

Embora esses números sejam quase definitivos, não serviram para uma avaliação mais exata, de como o mercado vai se comportar daqui para frente. As indefinições residem, principalmente, na ausência de um número concreto referente aos estoques americanos do ano que vem, e também pela incerteza quanto à demanda mundial de soja. No entanto, há quem cogite que grande parte da quebra já tenha sido incorporada pelo mercado, o que se fosse verdade, não provocaria maiores altas.

Lubrificação de Máquinas Agrícolas

Aqui estão os óleos do seu dia-a-dia.



Shell Rimula CT

É o mais recomendado para motores diesel turbinado ou de aspiração normal que operam em condições extremamente severas. Modernos aditivos detergente-dispersantes reduzem ao mínimo a formação de lacas e vernizes nos êmbolos, cilindros, válvulas e a colagem dos anéis. Por sua vez, os poderosos aditivos antioxidantes do Rimula CT praticamente eliminam ou reduzem ao mínimo a formação e o depósito de lacas e borras resultantes da oxidação do lubrificante e do combustível.

Shell Spirax

Óleo lubrificante para engrenagens tipo hipóide. É recomendado para caixas diferenciais, caixas de redução, de câmbio, caixas de direção e juntas universais. **Proteção contra a corrosão e umidade.** Spirax HD oferece proteção adequada contra a corrosão das engrenagens e outros componentes de eixos sujeitos à ação prejudicial da umidade. Apresentam também excepcional resistência à deterioração por uso prolongado.

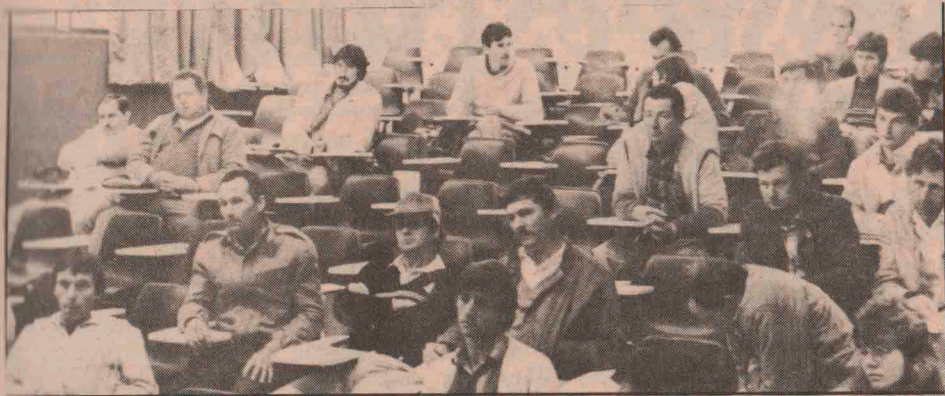
Shell Tellus 68

Óleo lubrificante para sistemas hidráulicos. É fabricado com básicos parafínicos altamente refinados e contém aditivos antioxidantes, antiferrugem, antidesgaste e antiespuma.



SEMENTE

Bons resultados



Os valores de retorno foram discutidos pelo Conselho de Produtores da cooperativa

Os associados da Cotrijuf, produtores de sementes de trigo, aveia preta, aveia, sincho, ervilhaca, aveia branca, triticale e tremoço, estão dividindo um total de Cz\$ 45 milhões como bonificação pela produção de sementes. Os retornos dados aos produtores de sementes foram discutidos e aprovados pelo Conselho Geral de Produtores de Sementes da Cotrijuf na Regional Pioneira, em reunião realizada no dia 10 de agosto, em Ijuí. Estiveram presentes na reunião produtores de todas as Unidades de Beneficiamento de Sementes da Cotrijuf.

Apesar da extrema dificuldade de comercialização da semente de trigo, em função do grande excedente, que obrigou a cooperativa a trabalhar sem margem de lucro, o volume comercializado, segundo o agrônomo e gerente da Área de Produção Vegetal da Cotrijuf na região, o João Miguel de Souza, foi superior às demais. Os produtores de semente de trigo estão dividindo o maior volume de recursos: Cz\$ 38 milhões, como resultado da comercialização deste produto. Cada produtor está recebendo, como bonificação pela produção de semente de trigo, a importância de Cz\$ 190,64.

De acordo com o João Miguel, algumas medidas contribuíram para o aumento das vendas de semente de trigo, "apesar do ano difícil". A própria criação do mútuo — pelo qual o produtor troca o produto indústria por semente —, a presença de boas variedades — as melhores segundo a pesquisa —, a qualidade da semente produzida pela Cotrijuf e a entrada definitiva da

cooperativa no mercado de terceiros.

AS FORRAGEIRAS

As forrageiras de inverno também apresentaram excelentes resultados, "fruto de um trabalho paciente junto ao mercado de outros estados e nas bacias leiteiras do Rio Grande do Sul que hoje praticamente consomem toda a produção de sementes produzidas pela Cotrijuf, já que o consumo interno, por parte do quadro social é pequeno.

Dentre as forrageiras, a aveia preta, o avevém e a ervilhaca, foram as que apresentaram os melhores resultados financeiros, tanto pelo volume de produção como pelos preços alcançados. Pela aveia preta, os produtores de sementes estão recebendo de bonificação Cz\$ 1,21 por quilo; pelo avevém Cz\$ 5,14 por quilo; pelo sincho, Cz\$ 4,45; pela ervilhaca Cz\$ 17,70; pela aveia branca Cz\$ 3,33; pela triticale Cz\$ 2,00 e pelo tremoço Cz\$ 10,38 por cada quilo produzido.

O cuidado na produção é uma característica da atividade na Cotrijuf, e que precisa se cada vez mais intensificada, segundo João Miguel.

Por esse motivo, a eficiência é cada vez maior, o que pode ser comprovado pela quebra mínima entre o recebimento bruto e a semente disponível para venda tanto de trigo como de forrageiras. Esse estágio vem confirmar que uma das melhores maneiras de fazer sementes é utilizar áreas pequenas ou médias, bem cuidadas, aliadas a uma estrutura de recebimento compatível com o volume produzido e o número de produtores envolvidos na atividade.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SANTO AUGUSTO

CARTA SINDICAL Nº 164.604/64 — EXPEDIDA EM 26.10.65/
CGC(MF) Nº 96.349.717/0001-12

Rua Moises Viana, 460 - Caixa Postal, 48 - Fone (055) 381-1211 - CEP 98560 0 SANTO AUGUSTO - RS

ELEIÇÕES SINDICAIS AVISO

Em cumprimento ao disposto no artigo 12º, § 1º da Portaria Ministerial nº 3.150, de 30 de abril de 1986, comunico que foi registrada a chapa abaixo, como concorrente à eleição a qual se refere o Aviso publicado no dia 30 de julho de 1988, no jornal Atualidades de Santo Augusto, RS.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE STº AUGUSTO CÉDULA ÚNICA

Diretoria EFETIVOS	Conselho-Fiscal EFETIVOS	Del. Representantes EFETIVOS
CHAPA Única		
João J. Possatto	Milton Andrighetto	João J. Possatto
Milton M. Moresco	Heitor R. Antonio	Valsumiro J. Calgaro
Suplentes	Suplentes	Suplentes
Osvino Bartsch	João O. Sschindler	Milton M. Moresco
Valdir Gonzatto	Alceu Boff	Osvino Bartsch
Otilio Werner	Milton da Silva	

Nos termos da Portaria 3.159, o prazo impugnado de candidatos é de cinco (5) dias, a contar da publicação deste Aviso.
Santo Augusto, 15 de julho de 1988

VALCIR LUIZ GONZATTO — Presidente
S. T. R. — Santo Augusto

COMISSÃO AGRÍCOLA

Pensando no futuro

Há mais ou menos um ano atrás um grupo de 12 associados de Maracaju se reuniu na unidade da Cotrijuf daquele município e decidiu criar a primeira Comissão Agrícola do Estado, que tem como meta o intercâmbio de experiência e troca de informações e tecnologia que venham a possibilitar uma maior produtividade nas áreas rurais.

O trabalho teve como fonte de inspiração a Fundação ABC do Paraná, que reúne associados de cooperativas de Castrolândia, Cambaré e Arapoti. E para ver "in loco" como funciona aquela Fundação, um grupo de cooperativados e agrônomos da Cotrijuf foi até o Estado paranaense no ano passado.

Hoje a Comissão Agrícola, uma experiência inédita na Regional do Mato Grosso do Sul, vem funcionando a pleno vapor, mas as consequências práticas deste trabalho só virão a longo prazo. "Daqui a uns dez anos teremos os resultados concretos do que estamos fazendo agora", diz o associado Telmo Roos. Para ele a Comissão foi formada para atender às necessidades dos produtores rurais e um dos objetivos básicos é procurar formas de baratear o custo com a produção das lavouras, que representa uma das principais preocupações do agricultor. Mas há muito mais do que isso.

Atualmente é necessário que o produtor esteja a par dos avanços da tecnologia, de novas técnicas de manejo do solo e do uso de novos produtos agrícolas, tudo enfim que permita um aumento de produtividade da lavoura com custos acessíveis. Esta não é, entretanto, uma preocupação exclusiva do agricultor, porque há vários órgãos, públicos e privados, com dedicação absoluta para a pesquisa. A própria Cotrijuf dá uma ênfase muito grande para isso e possui em Maracaju o CTC — Centro de Treinamento Cotrijuf — com seus 25 hectares voltados unicamente para este objetivo. Também órgãos do governo como a Embrapa e Empaer estão trabalhando em tempo integral com pesquisa e experimentação. Os problemas, como aponta Telmo Roos, é que muitas vezes o agricultor não

ficava sabendo dos avanços tecnológicos já aprovados pelos centros de pesquisa. E é para intensificar o intercâmbio entre produtores e pesquisadores que a Comissão pretende também atuar.

Roos, um dos líderes e grande incentivador da Comissão Agrícola, avalia que neste primeiro ano de existência o trabalho foi muito bom e cita os dois dias de campo sobre culturas de verão que foram realizados e que produziram ótimos efeitos. Na opinião de Meewis Breure, atual presidente do grupo, o trabalho começou a partir da constatação de que o agricultor precisava adquirir maior conhecimento sobre como desenvolver sua lavoura, sobre como acompanhar o desenvolvimento tecnológico e sobre como enfrentar os problemas que certamente advirão como consequência da exploração sistemática do solo e o que por sua vez acarretará uma queda de produtividade.

Para o agrônomo Carlos Pitol, coordenador do CTC de Maracaju, o empenho e o desempenho que os produtores vêm tendo através das reuniões mensais realizadas neste primeiro ano é louvável e deve servir de exemplo e incentivo para que grupos similares sejam criados em outras unidades da Cotrijuf. Ele, como pesquisador, sabe melhor do que ninguém que a pesquisa em si é um processo lento, que exige tempo e dedicação.

Pitol salienta que um dos principais méritos da Comissão Agrícola é o interesse que despertou e que vem sendo mantido pelo produtor no sentido de acompanhar o desenvolvimento das experiências e cita algumas, como a pesquisa com adubação nitrogenada, micronutrientes e como rotação de culturas.



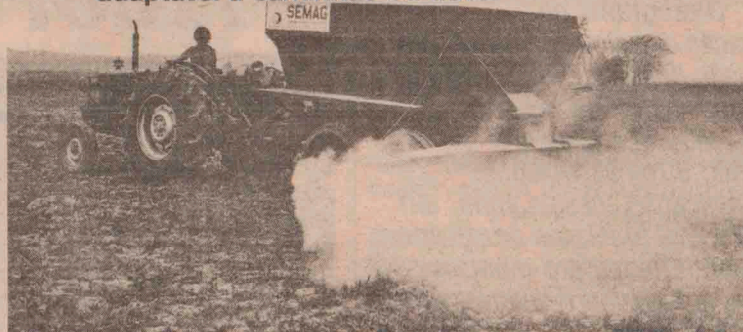
Telmo Roos



Meewis Breure

CAÇAMBA DE CALCÁRIO SEMAG

adaptável a caminhão ou trator



Em apenas 15 minutos você distribui, aduba e até semeia pra não colher tempestade.

A caçamba de calcário SEMAG, é pioneira no Brasil, o que lhe dá total segurança e a garantia de uma excelente safra.

Capacidade: até 15 ton

SEMAG: 18 anos de tecnologia com qualidade.

Linha de Produtos: Caçamba forrageira, de ração, secagem, limpeza e movimentação de grãos.

SEMAG
EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS LTDA.
Eixo principal com eixo secundário A
Fone: (0512) 88.2299 Telex (051) 1828
DISTRITO INDUSTRIAL DE GRAVATAI
GRAVATAI - RS

ODACIR KLEIN

“Vamos unir nossa escassez”

A reunião do conselho de representantes da Cotrijuí, Regional Pioneira, do dia 29 de julho, contou com a presença do Secretário de Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul, Odacir Klein que conversou com os associados e ouviu o presidente Oswaldo Meotti falar do trabalho e das metas da Cotrijuí na busca de alternativas econômicas que possam viabilizar a propriedade rural. “De uns 12 anos para cá, a Cotrijuí vem tentando fazer a sua parte com seus próprios meios”, ressaltou deixando claro que já é hora dos setores público e privado unirem suas forças na busca do bem comum para a economia gaúcha, “pois precisamos voltar a ser o Estado celeiro do país”. Mas antes do secretário falar sobre as metas da sua pasta e dos acordos internacionais entre Brasil e Argentina, que considera “inevitáveis”, o diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí na região, o agrônomo Léo Goi apresentou todos os programas alternativos de produção da cooperativa, explicando que as grandes culturas não foram abandonadas. “O que queremos é alcançar a produtividade, pois é do que precisamos para sobreviver na agricultura”. Uma melhor produtividade só vai ser alcançada na medida em que os agricultores tiverem condições de investir em programas de conservação, recuperação e correção do solo. A própria Cotrijuí já tem um programa montado para atacar estes pontos, mas que continua esbarrando na questão crédito. “As demais práticas, disse o agrônomo, como adubação verde, plantio direto, rotação de culturas, já estão sendo feitas pelos agricultores da região”. O programa de conservação de solos da Cotrijuí tem a pretensão de atacar, num período de três anos, 180 mil hectares na região — 60 mil a cada ano —, alcançando 8 mil associados. Seriam aplicados, nestes anos, um milhão e 80 mil toneladas de calcário e outro tanto de fósforo e potássio. “Todo esse trabalho resultaria num acréscimo de produção ao redor de 30 por cento”, finalizou. Empolgado com os trabalhos da Cotrijuí e com a visita feita ao CTC, Klein deixou o convite para que a mesma apresentação seja feita na Secretaria da Agricultura, em Porto Alegre. Na parte da tarde, a conversa continuou, mas só que para tratar assuntos da casa.



Odacir Klein visitou o CTC e convidou a Cotrijuí para apresentar seus programas na Secretaria da Agricultura

“A Cotrijuí está fazendo, através de seus programas, exatamente aquilo que achamos importante para a agricultura gaúcha”, disse o secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado, Odacir Klein, depois de ouvir uma apresentação dos programas das áreas animal e vegetal que estão sendo levados adiante e as metas a serem perseguidas, feita pelo diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, o agrônomo Léo Goi. Entusiasmado com o trabalho da Cotrijuí, Odacir Klein convidou a direção para fazer uma outra apresentação dos seus programas, só que desta vez para toda a equipe técnica da Secretaria da Agricultura. O novo encontro entre Cotrijuí e Secretaria da Agricultura deverá acontecer em Porto Alegre, em data ainda a ser definida.

Odacir Klein veio a Ijuí, a convite da direção da Cotrijuí e falou para conselheiros, representantes, associa-

dos e funcionários. O encontro aconteceu na sede da Afucotri de Ijuí, no dia 29. Depois do almoço, com a direção da Cotrijuí no Centro de Treinamento, Klein teve a oportunidade de conhecer “in loco” um pouco dos trabalhos que a cooperativa vem realizando na área de pesquisa e experimentação.

A participação da Cotrijuí na busca de soluções para os problemas vividos pela agricultura gaúcha, segundo o secretário da Agricultura, representa a sociedade civil cumprindo com sua parcela de responsabilidade, “sem uma visão paternalista de que ao poder público cabe a solução de todos os problemas, sejam os relacionados com assistência técnica, pesquisa ou extensão”. Reconhece que o poder público não pode ficar omissos, mas adianta que ele também não pode ficar sozinho na administração destas questões. A saída, segundo o secretário, seria o governo,

representando o poder público e a iniciativa privada, representando a sociedade civil, desenvolver programas conjuntos na busca de alternativas para aumentar a produtividade e viabilizar economicamente a propriedade, até porque os recursos, tanto do governo como das cooperativas e dos agricultores, são bastante escassos. “O que temos de fazer, sugere, é unir a nossa escassez de recursos.”

Klein lembrou que a Secretaria da Agricultura e Abastecimento não tem poder de decisão sobre a política agrícola, sobre os preços, o crédito rural ou sobre a formação de estoques reguladores, mas tem condições de interferir, “dentro de suas limitações”, na questão do fomento à produção, da assistência técnica e da extensão. “A Secretaria não tem recursos suficientes, mas trabalhando em conjunto, podemos tocar muitos projetos”. Citou o

Acordos são inevitáveis

As mudanças nas regras de comercialização do trigo e o acordo Brasil/Argentina, foram assuntos que também fizeram parte da conversa entre os agricultores e o Secretário da Agricultura. Odacir Klein mostrou-se preocupado com a possível retirada do governo da comercialização do trigo, principalmente num momento em que o país chega a sua auto-suficiência. Reconheceu, no entanto, que os critérios de comercialização adotados ainda hoje, vêm servindo para acomodar alguns interesses, como o de dificultar o funcionamento de pequenos moinhos ou o de possibilitar a criação de um cartel de moagem.

Mas acredita que a retirada repentina da presença do governo da comercialização do trigo, com todos os excedentes de estoques, poderia trazer reflexos terríveis para os agri-

cultores. Com os estoques da produção brasileira já existente, mais a safra deste ano e a entrada de produto da Argentina e do Canadá, o Brasil deverá chegar ao final de 88 com trigo suficiente para o próximo ano, “isso sem contar com a produção da safra de 89. Para Odacir Klein, ainda é possível se chegar a uma posição intermediária, sem continuar com a cartelização da moagem. “O governo precisa garantir ao produtor a sua presença na aquisição do produto para formação de estoques, inclusive para administrar esses estoques, diz o Secretário, lembrando que não foi o produtor quem criou esse excesso de produção.

EM DEFESA DOS INTERESSES

O acordo internacional firmado entre Brasil e Argentina, se-

gundo Klein, faz parte da necessidade de organização entre continentes, em defesa dos seus interesses comuns. “A Europa, assinalou como exemplo, também organizou o seu mercado comum. E esse acordo entre Brasil e Argentina, no meu entendimento, é o começo de um grande acordo a nível de América do Sul. Disse ainda que nem todos os produtos que constam no acordo, oriundos do Estado, vão entrar nesta primeira relação. Uma abertura completa agora, segundo Klein, ocasionaria uma transferência de rendas do setor primário para o setor industrial do Rio Grande do Sul. Mas defende o acordo, como algo inevitável. “É o continente que está se organizando comercialmente e nós, gaúchos, temos é que defender nossos interesses nesse relacionamento internacional”.

APOIO AOS PEQUENOS

Ao falar sobre o programa de trabalho da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, Klein foi categórico e disse que a prioridade é a pequena propriedade rural, que receberá apoio através de um fundo de equalização de taxas bancárias com financiamentos de programas para implantação de micro-bacias hidrográficas e aquisição de semente e insumos necessários para a correção do solo. A dívida do financiamento será transformada em valor de produto agrícola, e o agricultor ainda terá um prazo de carência para efetuar o pagamento do dinheiro pego no banco. "Vamos fazer esse trabalho, alertou o secretário, com recursos escassos e não estamos aqui para semear ilusões, até porque o Estado não tem assim tanto dinheiro para emprestar e equalizar na primeira hora".

Como metas de sua pasta, Klein anunciou ainda a implantação de um programa visando a construção de paisais — individuais ou comunitários — com recursos do BNDES. Como esses recursos serão oriundos do Finsocial, 40 por cento serão destinados a fundo perdido e os outros 60 por cento poderão ser pagos num prazo de cinco anos, também com um período de carência. Ressaltou ainda que a sua Secretaria está pensando em diversificação também no sentido de abastecimento, "pois não é possível que um estado como o Rio Grande do Sul, continue importando alimentos de outros estados. É neste sentido que estamos pensando em trabalhar, assegurou, conhecendo ao mesmo tempo que em dois anos muita coisa não poderá ser feita.

Klein voltou a ressaltar a necessidade da sociedade civil se unir ao poder público para tentar resolver esse tipo de questões, "pois se ficarmos apenas na dependência da máquina burocrática, que é um paquiderme pesado", não vamos fazer nada. O que precisamos é de uma sociedade civil organizada", observou, citando como exemplo prático dessa situação, a própria Fetag que, depois de fazer um levantamento dos produtores necessitados de participar do programa de troca-troca de sementes, vai se encarregar da sua distribuição. "É um setor da sociedade civil que está organizado e tem agilidade. A própria Cotrijuf também é um outro exemplo, já que vem desenvolvendo atividades que, à primeira vista, parecem típicas do poder público. Por isso, tenho certeza que, com a junção de nossas escassez, vamos poder fazer um bom trabalho".

ASSENTAMENTO

O secretário anunciou ainda a intenção de, para o próximo ano, assentar em torno de 500 famílias de sem-terras, através de um programa de crédito fundiário, chamado Funterra. Para a implantação deste programa, o governo do Estado está mantendo tratativas com o Mirad, para que ele forneça títulos da dívida agrária, para que se possa comprar terras que existem em algumas regiões para assentamento destes agricultores que continuam sem condições de adquirir um pedaço de terra para plantar.

Klein fez questão de deixar claro que o governo do Estado, com os programas que tem em projeto, não está fazendo qualquer discriminação entre grandes, médios ou pequenos produtores, ou entre proprietários e arrendatários. "Nós queremos fazer com que todos tenham atenção do Estado. Agora, o dinheiro público é para ser destinado para quem está numa situação pior do que a situação do Estado".

A Estrutura do Poder em discussão

"A privatização do trigo é uma decisão irreversível", afirmou o diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Meotti durante a reunião com os representantes, na tarde do dia 29, quando a conversa pegou o rumo dos assuntos gerais. Assim, o trigo seria mais uma cultura a entrar para a política de preços mínimos, a exemplo do que já ocorre com a soja, o milho. Lamentou esta atitude do governo "principalmente num momento em que a produção nacional está beirando a auto-suficiência". Disse que o setor tritícola saiu derrotado sem ter perdido a questão, na medida em que, mesmo com uma comissão de estudos para analisar a questão da privatização, o assunto já estivesse praticamente definido. Mas ainda para esta safra a compra da produção nacional será feita pelo governo, com preços corrigidos até o mês de dezembro pela OTN. Para Meotti a privatização da comercialização do trigo é uma realidade que os triticultores precisam encarar, embora acredite que até se possa tirar, dessa lição, uma nova postura.

O PROJETO SOLO

O segundo assunto do dia, muito mais a nível de informação do que de discussão, esteve relacionado com o projeto Pró-Solo da Cotrijuf. O projeto formal já foi apresentado para as duas superintendências do Banco do Brasil no Estado, a de Porto Alegre e de Santa Maria, no sentido de se buscar respaldo financeiro para que o mesmo possa ser implantado. O assunto, embora as duas superintendências tenham dado parecer favorável ao projeto formal, continua na área das tratativas, mas segundo Meotti, a Cotrijuf continua brigando para que esse financiamento, a ser repassado aos agricultores interessados em melhorar as condições físicas e químicas do solo, saia o mais rápido possível.

SUGESTÕES PARA MUDANÇAS

A necessidade de se fazer algumas alterações no regimento interno da Cotrijuf, dando uma mexida principalmente nos itens que dizem

respeito a figura do representante eleito, foi outro assunto levantado

durante a reunião e que ficou pendente até porque ele vai exigir uma grande rodada de discussões pelas três regionais da cooperativa. Meotti pediu para os representantes que as sugestões apresentadas sejam muito bem discutidas, "para que se possa chegar a um documento final de consenso. Depois de uma longa rodada de reuniões envolvendo associados da Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso, as sugestões e novas emendas serão colocadas no papel e levadas a aprovação da assembléia.

No item "função do representante", a sugestão é de que os artigos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º sofram algumas alterações. O artigo 2º deverá mudar em pouca coisa, mas o 5º deverá sofrer o acréscimo de mais alguns parágrafos. O artigo 6º que pelo atual regimento interno diz que a função do representante é a de organizar chapa ou chapas para a eleição do Conselho de Administração e Conselho Fiscal, poderá ter seu texto alterado no sentido de especificar melhor essa função. Em vez de apenas organizar as chapas, caberá ao representante promover reuniões com lideranças rurais participativas, visando a preparação de futuros administradores da Cooperativa. Esse artigo poderá ser complementado com o acréscimo de mais dois parágrafos, também em estudo.

O artigo 7º, que fala da representação nas assembléias, também está em análise, podendo ter o seu texto original totalmente reformado. Os dois parágrafos a serem acrescentados e em estudo, já são do conhecimento do quadro social, pois já sofreram, inclusive, aprovação em assembléia. De acordo com os dois parágrafos, um representante pode afastar-se de sua condição de titular para concorrer a um cargo no conse-



Os representantes vão discutir com as bases as mudanças

lho de administração da cooperativa. Em caso de não ser eleito, poderá retornar a sua condição de titular.

No "item do processo eleitoral para votação de chapas", estão em discussão pelo quadro social os artigos 9º, 10, 16, 18 e 19. A discussão em torno do artigo 19 busca melhor definir quem pode ser eleito representante. Dos "associados aptos a votar e serem votados", estão sendo examinados os artigos 20 e 21. No artigo 20 deverão ser estabelecidas novas condições para que o associado possa ser eleito representante, além da obrigatoriedade da entrega da produção no exercício anterior.

OUTROS ASSUNTOS

A questão do capital rotativo, da extinção dos convênios com terceiros, da construção de um posto de gasolina e do recebimento de uma unidade recebedora de produto em Roque Gonzales, foram assuntos que também fizeram parte da pauta de discussão. Com relação ao capital rotativo, Meotti disse que "por enquanto ele está sendo deixado de lado", mas explicou que a instalação de um posto de gasolina é uma forma da cooperativa verticalizar as suas atividades e melhorar sua receita. O posto de gasolina será montado pela Petrobrás, sem qualquer investimento inicial por parte da Cotrijuf que terá um prazo de 10 anos para efetuar seu pagamento. A unidade armazenadora de produto que a Cotrijuf está recebendo em Roque Gonzales é por conta de uma antiga negociação da Cotriexport com a Coopa-trigo de São Luiz Gonzaga. A unidade tem capacidade para receber e armazenar 12 mil toneladas de produto e é constituída de duas moegas, secadores, balanças, casa para gerente, escritório, posto de mercado e de venda de insumos.

CCGC operando em São Luiz

Ao assumir o parque industrial do Frigorífico São Luiz S/A, de São Luiz Gonzaga e desativado há mais de ano, a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes não estava apenas buscando resolver seus problemas operacionais e que têm limitado a expansão dos abates de suínos. Ela também estava buscando a verticalização das suas atividades, colocando nas mãos de suas filiadas um suporte seguro para os programas de produção animal. Na Cooperativa Castilhense de Carnes e Derivados Ltda, localizada em Júlio de Castilhos e onde funciona desde 1980, a expansão dos abates já não era mais possível em função do limite de capacidade da cozinha industrial. "A planta do frigorífico da Castilhense, explicou Celso Sperotto, vice-presidente da Cotrijuf da Pioneira, uma das três cooperativas filiadas a

CCGC e detentora de 90 por cento do capital, vinha operando totalmente fechada contra uma oferta que na região vem se expandindo".

Pronto para iniciar o abate de bovinos já no início do mês de setembro e suínos mais para o final do mês, o frigorífico São Luiz conta com um parque industrial, segundo Tânio Bandeira, presidente da CCGC, com capacidade de produzir até 240 toneladas de embutidos por mês. A capacidade de abate de bovinos é para 3 mil animais por mês e a de suínos chega a 10 mil cabeças por mês. "Com o frigorífico de São Luiz, observa Bandeira, vamos ter condições de absorver todo o excedente produzido na região e ainda possibilitar o fomento de programas da área animal, tanto de bovinos como de suínos. Será uma agroindústria nas

mãos das cooperativas, operando de acordo com os interesses da região.

O arrendamento do frigorífico São Luiz, ao preço de 420 OTNs ao mês com reajuste a cada três meses, deverá durar até que o mesmo vá a leilão. De um total de cinco embutidos, a CCGC deverá começar a trabalhar com toda a linha — cerca de 20 produtos —, "aproximando ainda mais o consumidor". De 80 mil quilos de embutidos — apresuntados, pão, carne, mortadela, salsichas, linguiças, salames, entre outros, vamos passar a colocar no mercado mais de 300 mil quilos", diz ainda o presidente da CCGC garantindo que a intenção da Central não é o de tirar a produção de outras indústrias. "Vamos trabalhar com os resultados dos programas que vêm sendo fomentados pelas cooperativas".

A pobreza dos nossos solos é uma questão que tem tirado o sono de muito agricultor, técnico ou dirigente de cooperativas. Para buscar o respaldo do produtor em mais um projeto que pretende recuperar, num prazo de três anos, 180 mil hectares de terras, a Cotrijui promoveu, através do seu Departamento Agrotécnico, um dia inteiro de discussão sobre o assunto. Mais de 400 produtores da região participaram do encontro que contou com a participação de dois pesquisadores da Embrapa de Passo Fundo.

Um programa para recuperar nossos solos

"A Cotrijui foi a pioneira na introdução do sistema de plantio direto na região", ressaltou o Airton de Jesus, agrônomo e supervisor da área de solo na região durante o encontro sobre manejo de solos, realizado na Afucotri de Ijuí. Lembrou que na década de 70 foram realizados excelentes trabalhos nesta área com resultados que realmente comprovaram a eficiência do sistema. Mas alguns critérios como fertilidade do solo, falta de alternativas para a prática de rotação de culturas, a compactação do solo, entre outros, e que ainda hoje são imprescindíveis para o avanço do sistema, foram deixados de lado pelo produtor. Até problemas com ervas daninhas, por exemplo, serviram como limitação para que a técnica não avançasse.

Só que hoje, passados quase 20 anos, o agricultor da região vive uma outra situação que o obriga a revisar a questão solos. Com os custos de produção pela "hora da morte", a saída é buscar a produtividade. Mas como alcançar essa produtividade? Oferecendo ao solo as condições necessárias para que continue produzindo. Essa é a proposta da Cotrijui ao lançar um Programa de Recuperação de Solos. "É claro, diz o Airton, que o sucesso do programa depende também do respaldo e da consciência do agricultor em relação aos problemas que vêm ocorrendo com o solo".

PELA FERTILIDADE
O programa de recuperação de solos da Cotrijui começa pela questão da fertilidade, passando pela rotação de culturas e manejo adequado do solo. O Airton lamenta que ainda hoje o agricultor não esteja consciente de que a análise do solo é um instrumento básico necessário para o levantamento das necessidades de corretivos da acidez do solo e fertilidade para as principais culturas. "Os resultados deste trabalho vão refletir diretamente na produção, disse o agrônomo, lamentando por outro lado que ainda hoje nem 10 por cento dos agricultores fazem análise do solo na sua propriedade. Os que ainda realizam, o fazem, na maioria das vezes, de maneira incorreta, coletando amostras em locais inadequados.

Resultante dos cultivos continuados de soja e trigo, complementados com os problemas de erosão, o esgotamento do solo deverá ser atacado através do programa de recuperação de solos da Cotrijui, de forma global, contemplando todas as propriedades. Ultrapassada a barreira da fertilidade que ainda hoje é um dos fatores limitantes para o avanço do sistema de plantio direto, a

intenção é atacar pelo lado do manejo do solo.

A compactação do solo é um problema real e limitante do plantio direto, "pois nossos solos são argilosos". Ela é resultado do excessivo manejo, destruição da matéria orgânica, queima dos resíduos de lavouras e uso constante de implementos de discos. Mas este é um problema que, para ser corrigido, vai depender de uma nova postura do produtor, partindo para a reformulação do seu sistema de produção. A rotação de culturas, neste caso, é importante, pois o produtor já está cansado de saber que sem cobertura morta não se pode fazer plantio direto.

Com a adubação verde o produtor terá condições plenas de melhorar as características físicas, químicas e biológicas do seu solo, complementando os efeitos da adubação química. As leguminosas utilizadas como adubo verde possuem a capacidade de fixar Nitrogênio do ar atmosférico. O Airton lembra que o efeito residual da adubação verde de inverno sobre as culturas de verão vai depender em muito das culturas utilizadas. Por exemplo, o tremoço e a ervilhaca promovem grandes aumentos de rendimentos no milho, mas apresentam pouca influência sobre a soja e o feijão, que preferem a aveia.

Com todas estas práticas em andamento, o produtor terá condições de ingressar no sistema de plantio direto, considerado o sistema ideal para controle da erosão. Ao contrário do sistema convencional, o sistema de plantio direto faz uma movimentação no solo bem menor, mantendo na superfície do solo os restos culturais que vão atuar como adubo e ainda segurar a água sobre a lavoura.

Mas o sistema de plantio direto só vai proporcionar resultados realmente eficientes, segundo o agrônomo, se o solo estiver preparado adequadamente para a adoção desta técnica. É preciso que ele já tenha passado pelo teste da fertilidade, da descompactação, adubação de cobertura, terraceamento, entre outras práticas que fundamentalmente fazem do plantio direto um sistema recomendado. A qualificação do produtor também é fundamental, neste caso, "pois ele deve conhecer tanto de manejo de solo como de controle de ervas daninhas", diz ainda o Airton. "É o importante, destaca ainda, é que o agricultor precisa ter consciência de que ele não poderá obter resultados positivos com o plantio direto, se o fizer em solos erodidos, compactados ou infestados".



Encontro sobre manejo de solos promovido pela Cotrijui contou com a presença de mais de 400 agricultores da região

Como manejar adequadamente

Manejo de solos e práticas culturais foi o tema da palestra do pesquisador da Embrapa de Passo Fundo, o agrônomo Rainoldo Alberto Kochmann. Ele falou para mais de 400 agricultores associados da Cotrijui na região, deixando conselhos úteis para quem anda preocupado com as condições de seu solo e tem interesse em melhorá-las.

Falou sobre os sistemas de terraceamento, "ainda uma preocupação", pois continuam os problemas de manejo entre as faixas de terraços, onde obrigatoriamente tem que ser feito um manejo de solo diferenciado, com um bom preparo. "O preparo deste solo, alertou, só deve ser feito quando as condições de umidade forem as ideais". Mas como o produtor pode ter certeza de que o seu solo está apresentando as condições de umidade ideal? Basta ele pegar um torrão do solo, tirado de uma profundidade de 10 centímetros e pressionar levemente com os dedos. Se o torrão se esbrugar e não grudar nos dedos, é porque o solo está no ponto ideal de umidade e pronto para ser preparado. Como consequência do preparo do solo com excesso de umidade, Kochmann diz que 85 por cento dos solos da região apresentam problemas de compactação.

COMO FAZER A DESCOMPACTAÇÃO?

Só há uma época ideal para se fazer a descompactação do solo, afirma o pesquisador. É justamente quando o solo apresenta a menor quantidade de água acumulada. Ou melhor ainda: depois das culturas de verão. O implemento a ser usado para realizar a descompactação deve ser um que tenha capacidade de ajustar o espaçamento das hastes, sempre procurando trabalhar em função da profundidade. Uma camada

compactada de 12 centímetros, por exemplo, deve ser quebrada ligeiramente abaixo, proporcionando um aumento na capacidade de infiltração da água.

Os melhores implementos para a descompactação do solo, segundo Kochmann, são aqueles que possuem hastes estreitas com inclinações de 45 graus em relação a superfície do solo, apresentando ainda uma ponteira estreita com ângulo de ataque principal, e que vai exigir menos força do trator. Assegura, no entanto, de que nada adianta fazer descompactação se não se colocar sobre esse solo palha ou culturas com sistema



Rainoldo Kochmann

radicular agressivo e que explore muito bem esse solo. A massa verde produzida pela cultura vai agregá-lo e torná-lo mais resistente ao tráfego de máquinas. "O solo jamais pode ficar descoberto", alertou, dizendo ainda que se recusava a discutir a queima da palha, "coisa do passado", assim como também considerava economicamente inviável o pouso durante o inverno.

Ao deixar a palha sobre o solo, o produtor está diminuindo os riscos de erosão sobre o solo e aumentando a capacidade de infiltração da água, pois os compostos orgânicos da palha, ao serem lavados pelas chuvas, atuam sobre esse solo, melhorando a sua estrutura e restando a umidade. O pesquisador cita ainda como vantagens proporcionadas pela palha o aumento de material orgânico sobre o solo, o menor risco de compactação e o aumento de rendimento.

UM CÂNCER

Rainoldo Kochmann considera a forma de distribuição do calcário nas lavouras como o grande câncer dos solos. Diz que a calcariadora de linha ainda é o melhor equipamento para a distribuição uniforme desse calcário, embora reconheça que ela continua esbarrando num fator limitante que é o tamanho da caixa. "Não é com grade de discos, leve ou pesada, alerta, que se faz a incorporação do calcário". Ela deve ser feita com arados de discos que, quando nova, consegue trabalhar a uma profundidade de 18 a 20 centímetros, atingindo todo o perfil do solo. Mas se o produtor está pensando em adequar seu solo para entrar no sistema de plantio direto, poderá distribuir esse calcário a uma profundidade um pouco maior.

Também alertou para a necessidade do produtor fazer rotação de culturas, mesmo sabendo que as alternativas

Máquinas: alguns requisitos

A mecanização agrícola e as adaptações de máquinas agrícolas para o plantio direto. Esse foi o assunto da palestra do engenheiro mecânico Arcênio Sattler, da Embrapa de Passo Fundo. Arcênio fez uma retrospectiva das primeiras máquinas de plantio direto que surgiram. Estas faziam um grande movimento de solo, jogando a semente no pó. Elas não deram certo, por promoverem problemas de erosão e possuírem alta demanda de potência. Ele lembra que também nessa época, o produtor queria fazer plantio direto em cima da soja e do trigo, sem rotação de culturas.

Com o aperfeiçoamento do sistema, as máquinas também foram se especializando. Disse que hoje já existem máquinas específicas para o plantio direto, modernas, mas ainda apresentando problemas que causam falhas generalizadas dentro de uma lavoura.

REQUISITOS

Para o Arcênio, uma semeadeira de plantio direto, seja ela adaptada ou especializada, precisa apresentar certos requisitos de garantia ao produtor. Entre estes, ele cita os fatores resistência e funcionalidade. "A duração desta máquina tem de ser no mínimo de 10 anos", avisa. Ela precisa apresentar condições de penetrar em cima de uma resteva de aveia ou de milho e também de plantar tanto cereais de inverno como de verão. A questão dos espaçamentos também é importante. "Se o produtor quer uma máquina que plante ao mesmo tempo cereal de inverno e de verão, tem que procurar uma com essa capacidade de adaptação, podendo tanto aumentar como diminuir os espaçamentos.

Outro requisito básico: cobrir e compactar a semente, principalmente no caso das culturas de verão. Essa máquina tem de oferecer condições para que a semente tenha "aquele contato íntimo" com o solo. Deve possibilitar ainda a semeadura em diferentes profundidades. Um último requisito, que possui conjuntos independentes. "A nossa topografia, explica, não permite uma máquina rígida e fixa. Cada linha tem que apresentar oscilações independentes para poder acompanhar as ondu-



Arcênio Sattler

lações do terreno", explica.

Arcênio rebate a mentalidade que se criou, tanto por parte dos produtores como das indústrias, de que máquina para plantio direto tem que ser robusta e pesada. "O tamanho da máquina tem apavorado o produtor, diz ele ressaltando que é preciso se buscar um ponto de equilíbrio. O próprio produtor pode, muitas vezes, partir para adaptações de acordo com as características de sua propriedade.

OS ROMPEDORES

Mais adiante o engenheiro mecânico da Embrapa falou sobre os principais rompedores de solo, "todos eles baseados em discos de corte, discos duplos e subsoladores. Cada um deles apresentando suas limitações e alguns, inclusive, com vantagens sobre os outros. Disse que as máquinas de plantio direto que utilizam como princípio o sulcador, deixam muito a desejar em termos de eficiência em solos pesados. Outra opção apresentada: o sulcador tipo faca. Este busca diminuir o revolvimento do solo.

Em termos de corte de resíduos, o Arcênio aconselha, por sua eficiência, o uso de discos de corte plano. Quanto menor o diâmetro do disco — ideal é 15 polegadas —, maior é a eficiência de penetração, pois vai necessitar de menos peso para penetrar na palha. Discos maiores, além de promoverem a patina-

gem na palha, ocasiona o embuchamento, resultando numa germinação deficiente da semente. O produtor pode trabalhar com três modelos de discos: os lisos, estriados e os ondulados.

Um segundo princípio do plantio direto: o uso do disco duplo comum, desde que acompanhado do disco de corte. A este caberia a incumbência de abrir o canal e o disco duplo o de colocar a semente e o adubo no caso das culturas de inverno. Para o plantio de cereais de verão, seria necessário mais um conjunto, pois apenas o disco duplo normal não tem condições de trabalhar sobre a palha. Outra opção seria a de utilizar, para o caso do adubo, um sulcador, e para a semente um disco duplo, ambos conjugados com um disco de corte.

Uma terceira idéia seria a de trabalhar com discos desencontrados, "ainda a melhor opção que temos", diz Arcênio. O conjunto é formado por um disco maior — 15 polegadas — e por um menor, de 13 polegadas, montados juntos. Enquanto o disco menor vai abrindo o sulco, o maior vai cortando a resteva. É um disco com menos densidade de peso por apresentar um único ponto de apoio, mas ainda apresenta certos problemas. Por ser um disco muito aberto, ainda causa o revolvimento exagerado do solo, com problemas de capacidade de penetração.

PROBLEMAS DE COMPACTAÇÃO

Existem no mercado, segundo Arcênio, semeadoras com bons mecanismos de distribuição de semente para as culturas de verão, mas que ainda pecam no aspecto "aderência desta semente ao solo". A falha deste sistema continua no compactador que precisa ser melhor aperfeiçoado. Compactadores com diâmetros finos provocado o embuchamento". Ao girar em alta velocidade, o compactador não consegue se livrar da palha, disse ainda o engenheiro mecânico. As opções de distribuidores de sementes, picadores de palha — tanto para a soja como para o milho — e descompactadores, não ficaram apenas nestas sugestões. É claro, disse ainda Arcênio, que muita coisa depende da imaginação e criatividade do produtor.

jeito ao impacto das gotas das chuvas e das oscilações de temperaturas. Já no caso de solo com plantio direto, ele terá sempre maior umidade por um período maior. A estrutura desse solo também se torna mais resistente.

Para Kochmann, 95 por cento das perdas por erosão são controladas pelo sistema de plantio direto, que também permite a realização de semeaduras em períodos secos. O sistema também possibilita menor utilização de máquinas na lavoura — restritas a uma semeadura, um trator, um pulverizador e uma colheitadeira — com consequente redução no consumo de combustíveis. O uso de mão-de-obra também é menor, embora ela se torna especializada para o caso do plantio direto. Cita ainda como vantagens, redução nas perdas da colheita; maior armazenamento de água, estabelecimento de novas áreas, antes consideradas marginais para o preparo convencional.

Mas o sistema de plantio direto também tem as suas limitações. e, entre elas, Kochmann cita a questão do gerenciamento que ele resume n.º do produtor achar que sabe tudo, a respeito da prática ao adotá-la. Também são limitantes, a cobertura vegetal, as plantas daninhas, os custos dos herbicidas e a necessidade do uso de máquinas especiais.

O MANEJO DOS RESÍDUOS

No plantio convencional, quando o produtor não queima a palha, ele incorpora. No plantio direto, ela fica na superfície atuando sobre o solo e reduzindo as perdas. Um solo revolvido se torna mais facilmente erodido e a ausência de cobertura morta o torna mais su-

A feira da diversificação

Pela sétima vez consecutiva os associados da Cotrijuf realizam uma feira só de produtos coloniais

A feira de produtos coloniais reforçou, pela sétima vez consecutiva, a idéia de que o colono não deixou de lado a fabricação de alimentos caseiros e muito menos abandonou em definitivo, em nome do trigo e da soja, o plantio de pequenas culturas voltadas para a subsistência da família. A fatura de produtos que iam desde queijos, salames, natas, manteigas, schmiers, cucas, ovos, doces, lingüiças, presuntados, mel, verduras e muitas frutas colocadas à disposição dos consumidores, caracterizavam muito bem a preocupação do colono em manter uma propriedade bem diversificada, onde apenas o excedente destas pequenas culturas é comercializado.

"Não existem milagres", disse Oswaldo Olmiro Meotti, diretor presidente da Cotrijuf ao falar, durante a solenidade de abertura da VII Feira realizada no dia 23 de julho e ao referir-se aos 31 anos de fundação da cooperativa. "O que existe é muito trabalho, união e identidade de objetivos. A nossa Cotrijuf nasceu pequena, coesa e conseguiu sobreviver aos tantos percalços pelos quais passou o sistema cooperativista nestes últimos anos". Mais adiante, ao falar da importância da feira e ao agradecer o apoio do quadro associativo, conselheiros, representantes e funcionários, disse que ela representava a manutenção das origens.

A INTEGRAÇÃO

A feira de produtos coloniais de Ijuí já é uma tradição consagrada e, neste ano, além de marcar o aniversário da Cotrijuf como vem fazendo desde 1982, também integrou a programação alusiva à Semana do Imigrante, promovida pela Prefeitura Municipal com apoio da Cotrijuf, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, do Sindicato Rural e da Rádio Progresso de Ijuí e que aconteceu de 16 a 24 de julho. Dois grupos culturais — o Grupo Cultural Alemão e o Grupo Cultural Italiano — e mais o Grupo Folclórico Fogo de Chão, foram as atrações à parte da Feira que, além da presença de Oswaldo Meotti, de Elso Sperotto, vice-presidente na Pioneira e Walter Frantz, superintendente da cooperativa na região, também contou com o prestígio do prefeito municipal Wanderley Burmann.

Sem querer fazer qualquer distinção, a feira de produtos coloniais da Cotrijuf vem, desde a sua criação, reunindo, além de uma grande diversidade de produtos produzidos na região, as várias etnias que integram o quadro social da cooperativa e são responsáveis pela manutenção destas pequenas culturas ou pela fabricação de alimentos caseiros. Em cada estande de vendas, cada uma delas representando um núcleo cooperativo, alemães, italianos ou poloneses, se revezavam na comercialização de presuntos, cucas ou schmier. O importante era mostrar as alternativas que o colono está buscando no sentido de viabilizar economicamente a sua propriedade.

COOPERAÇÃO

Toda essa integração ficava muito bem caracterizada no estande do núcleo de Alto da União, onde os Deckmann, os Mensch e os Muraro se revezavam na venda dos cerca de 20 produtos colocados à disposição do consumidor. "Participo da feira desde o primeiro ano, recordou Hugo Deck-



Oswaldo Meotti na abertura



O Grupo Cultural Italiano

mann, garantindo que a sua participação se devia muito mais pela necessidade de cooperação do que pela vontade de vender a sua produção. "Não só estamos trabalhando pela Cotrijuf como também aproveitando a oportunidade de poder mostrar ao pessoal da cidade a diversidade de produtos que se tem na colônia."

O núcleo da Linha 4 Leste estava representado pelos Winkoski — Dari e a mulher Lidia e mais dos dois filhos Ederson de 10 anos e Mauro de 8 anos —, de origem polonesa. Eles participaram da feira pela terceira vez consecutiva. "O importante nestas feiras, disse Dari, é que podemos mostrar um pouco do que é produzido na propriedade. O consumidor que vem aqui, sabe com certeza que só vai levar produto da colônia, desde o queijo até a manteiga".

POR TRADIÇÃO

Mas nem mesmo o tempo feio, chuvoso e frio, foi capaz de espantar os consumidores garantidos que todos os anos procuram o estande da Colônia Santo Antônio para procurar a famosa "copa" fabricada pelo seu Armando Boniatti ou a conhecida graspa — cachaca feita de uva e que leva o nome do seu Pedro Dalla Rosa. Só que esse ano, o seu Boniatti mal conseguiu vender as tantas encomendas feitas em casa, que pouca coisa conseguiu mandar para a feira. Mas tanto a graspa como a erva-mate, também fabricação do seu Dalla Rosa, se encarregaram de assegurar o tradicional movimento do estande. "Participo da feira por tradição garantiu Pedro Dalla Rosa. É a oportunidade do colono vender algum produto direto ao consumidor. Ele vem aqui, olha, escolhe e compra".

No estande do núcleo de Aracy Serves, a atração, a exemplo do que ocorreu na feira passada, era o tal de feijão-arroz que o seu Reinhold e a dona Herta Dorn estavam vendendo a Cz\$ 120,00 o quilo. No meio da manhã, metade do produto colocado à venda já tinha saído e a dona Herta só lamentava os atrapalhos da seca que reduziu a produção em menos da metade.



A Feira de Ijuí reuniu 10 núcleos e integrou a Semana do Imigrante



Pedro Dalla Rosa: muita graspa

Mas a cada consumidor que levava um quilo de feijão-arroz, a dona Herta dava a receita: cozinhar que nem a lentilha, misturando batatinha e carne de porco defumada.

OS CHOCOLATES CASEIROS

No núcleo da Linha Base Sul, a atração eram os chocolates e bombons caseiros feitos pela Solange Sartori. Em forma de borboletas, corações e flores, eles atraíram mesmo era a criança. "Elogios já ganhei bastante, dizia a Solange no início da manhã, reconhecendo que o pessoal estava dando preferência à compra de gêneros alimentícios de maior necessidade. No estande ao lado, representando o núcleo da Linha 7 Leste, a dona Doralina Cavinatto se revezava na venda de natas, queijos, manteigas, entre outros produtos da colônia e os arranjos de flores, chapéus, cestas e bolsas feitos de fibra e de palha. Ela só não participou da primeira feira e até agora tem tido muito sucesso nas suas vendas. "Gosto do

artesanato. É um trabalho difícil, mas compensa porque sempre tenho muitas encomendas", dizia dona Doralina, que vê a sua participação na feira como uma forma de mostrar ao pessoal da cidade que a mulher rural, além de ajudar o marido na lides da propriedade, também procura



Doralina Cavinatto: artesanato

diversificar o seu aprendizado.

MOVIMENTO BOM

O movimento financeiro da feira alcançou os Cz\$ 600 mil e, como acontece todos os anos, muito pouca coisa deixou de ser vendida. Participaram da feira 10 núcleos, que por azar, sofreram os atrapalhos de um dia chuvoso e frio. Mas nem mesmo a cara feia do tempo impediu que o pessoal da cidade viesse até o pátio da Cotrijuf para fazer as suas compras.

No final da tarde, durante a reunião de avaliação coordenada pelo pessoal da Assessoria de Desenvolvimento e Recursos Humanos da Cotrijuf, os feirantes, satisfeitos com os resultados, decidiram realizar mais uma feira na primeira semana de março de 1989. "Será uma feira menor, mas preparatória para a VIII Feira a ser realizada em julho, explicou Jaime Ledur, da Assessoria de Desenvolvimento e Recursos Humanos da Cotrijuf.



Os Winkoski: pela terceira vez

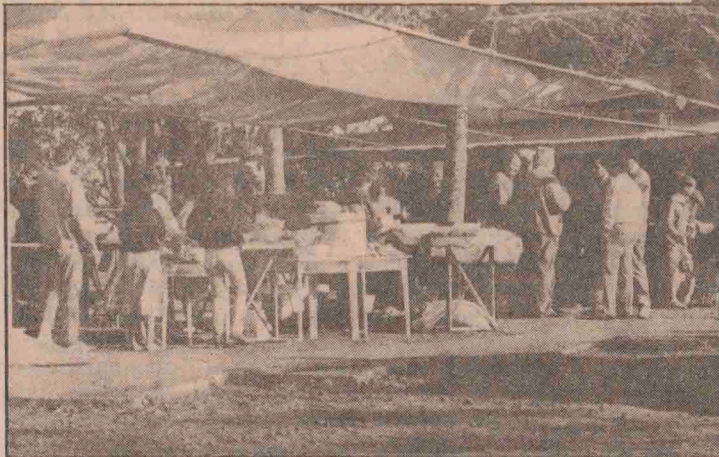
Em Jóia, o sucesso se repete

No município de Jóia, distante a 50 quilômetros de Ijuí, a II Expo-Feira movimentou o município no dia 20 de julho. Promovida pela Cotrijuf, unidade de Jóia, a II Expo-Feira reuniu produtos coloniais dos núcleos de Esquina 21 de Abril, Esquina Santo Antônio, São José, São João da Bela Vista, São João Mirim, Coronel Lima e Cará, que também trouxeram muitas cucas, queijos, natas, manteigas, verduras e frutas para vender na cidade, a um preço 20 por cento mais baixo que o mercado.

"São 31 anos de experiências, de buscas de soluções e de organização", ressaltou Walter Frantz, supe-

rintendente da Cotrijuf na Regional Pioneira ao fazer a abertura da Expo-Feira e ao relacionar a realização da mesma com o aniversário da cooperativa. "A Cotrijuf hoje representa uma experiência de organização", destacou lembrando ainda que o Cotrijornal, que também completava 15 anos de criação, soma-se a essa longa caminhada. Também falaram na abertura da feira o gerente da Unidade, Walter Colombo, o conselheiro Ataídes da Conceição, o prefeito Jandir Andreatta e a representante da Secretaria Municipal de Educação, professora Neila Poletto.

Mas além dos estandes com produtos coloniais e ca-



Sete núcleos fizeram a feira de produtos coloniais de Jóia

seiros, os visitantes assistiram a uma mostra dos principais produtos que levam a marca Cotrijuf e que já ocupam um

espaço garantido no mercado regional. O Cotrijornal, que no dia 20 completava 15 anos de existência, também se fez



A abertura feita por Walter Frantz

presente na Expo-Feira com fotos de edições antigas e muitos dos jornais que, neste meio tempo, circularam entre os associados. Também marcando presença a Secretaria Municipal de Educação através do trabalho que vem sendo realizado pelas escolas Pólo.

Viagem para conhecer um pouco da agricultura americana

Nove jovens, filhos de agricultores desta região do Estado, acompanhados por Valmir Beck da Rosa, funcionário da Cotrijuf na Regional Pioneira, viveram uma experiência diferente entre o período de 8 de junho a 20 de julho: passaram 40 dias em meio a famílias de agricultores do estado de Indiana, nos Estados Unidos. A viagem, uma espécie de excursão de estudos, foi proporcionada pelos Companheiros das Américas e Departamento de Clubes 4-H na Universidade de Purdue. Trata-se de um intercâmbio de jovens filhos de agricultores entre estados-irmãos — Indiana e Rio Grande do Sul —, para conhecer mais sobre a cultura, comportamento, família, carreira profissional e, principalmente, sobre projetos da atividade agropecuária.

Os jovens, Cleber Góti, Laércio Marcks, Cláudia Richéski, Mirian Krüger, Adriano Francescato, André Müller, Jacira E. Pinto, Suian Barella e Márcio Casagrande e mais Valmir saíram do Rio Grande do Sul embaixo de um dos invernos mais rigorosos dos últimos anos e enfrentaram uma das piores secas dos últimos 50 anos, vivida pelos americanos e só comparada com a de 1936. As perdas nas lavouras, ocasionadas pela seca, já andam ao redor de 38 por cento para o milho e aproximadamente em 21 por cento para a soja. "Para as famílias que têm tradição na agricultura, essa quebra pode não significar muito. O problema maior, segundo o Valmir, está com aqueles que recém estão iniciando a produzir, pagando terra ou compromissos de arrendamento, o que é comum em Indiana, um estado grande produtor de soja, milho e trigo. Só nesta região, em 10 anos, de 1977 a 1987, 22 mil produtores deixaram de plantar, dedicando-se a outras atividades. E hoje, de um total de 240 milhões de norte-ame-

ricanos, apenas dois por cento permanecem na agropecuária.

A PRODUTIVIDADE

A média da produtividade das lavouras situadas no centro-oeste de Indiana, segundo puderam constatar os brasileiros, situa-se, para o caso da soja, em 3.200 quilos por hectare; para o milho em 10.500 quilos por hectare e em 5.400 quilos para o trigo. Para alcançar estas médias, os lavoureiros seguem à risca a recomendação técnica, usando fertilizantes conforme exige a análise do solo. A média de precipitação por ano é de 960 milímetros, e, mesmo sendo uma região plana, existem problemas de perdas no solo por erosão. O plantio direto é uma técnica largamente difundida, "mas vale a pena ressaltar, conta Valmir, um programa especial do governo norte-americano que subsidia 20 por cento da área de cada propriedade, para efeitos de conservação do solo.

Mesmo não sendo uma região onde predomine a pecuária, dentro da diversificação de culturas, muitos agricultores dedicam parte da sua propriedade para a engorda de novilhos, gado de leite, criação de suínos, frangos e perus. As exposições de animais, levadas a efeito nas férias escolares de verão, são de responsabilidade dos Clubes 4-H, organização, conforme pode constatar o Valmir, de extensão semelhante aos 4-S e que recebem apoio da Universidade de Purdue e das próprias comunidades. Ovelhas, cabras, coelhos, suínos e gado de leite e de corte, além de equinos, são julgados nestas feiras. O padrão dos animais nada fica a dever aos que são expostos anualmente na Feira Internacional de Esteio.

Mas além de visitar famílias, conhecer lavouras de trigo, milho e soja, a comitiva de brasileiros teve a oportunidade de conhecer Chicago, sede da Bolsa de Cereais. "Gra-

ças a um convite especial, conhecemos o prédio da Bolsa por dentro, tendo permanecido por duas horas no local do pregão", informa. Um pouco mais da experiência dos estudantes brasileiros será contada na próxima edição do Cotrijornal.



Duas lavouras de produtores americanos: milho e trigo

Agora, uma única injeção mata vermes, sarna e piolhos.

Ivomec, aplicado nas porcas 7 a 14 dias antes do parto, mata:

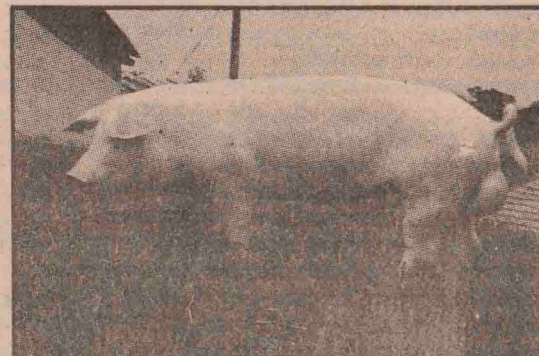
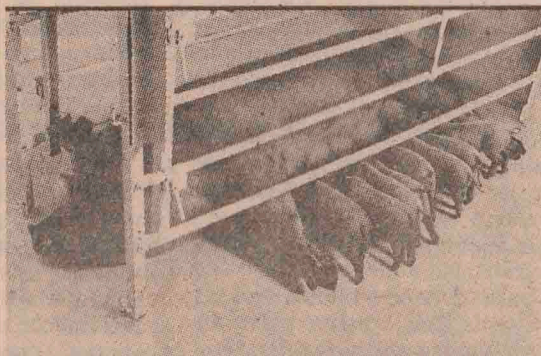
- Vermes redondos gastrintestinais (Ex.: *Ascaris suum*)
- Vermes renais (*Stephanurus dentatus*)
- Vermes pulmonares (*Metastrongylus* spp.)



Ivomec controla sarna e piolhos:

- Sem as trabalhosas tarefas de aspersão.
- Atingindo os ácaros da sarna e piolhos nas dobras da pele das orelhas e corpo.

Um bom início para um grande final.



ivomec (ivermectin, MSD)
Injetável para Suínos

VC-32/86

Marca Registrada

(B)AR-IVCS-32/86

MSD AGVET
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária Ltda.
São Paulo - São Paulo, 1.000 - 1º andar - CEP 01001-000 SP

Como fazer chucrute

Produtores de leite se reúnem para falar sobre silagem e forrageiras mais indicadas

"A silagem é como chucrute. É só colocar em conserva e deixar fermentar". A afirmação é do professor Paulo Mühlbach, engenheiro agrônomo ligado ao departamento de Zootecnia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que, no dia 22 de julho, veio até Ijuí para conversar com os produtores de leite da área de atuação da Cotrijuí, sobre os fundamentos fermentativos no silo. O encontro aconteceu na Afucotri de Ijuí e também contou com a presença da engenheira agrônoma da Emater de Santa Maria, Marta Gomes da Rocha.

Para Paulo Mühlbach, os princípios do processo fermentativo no silo já são do conhecimento de muitos produtores e se resumem na questão da anaerobiose, do substrato fermentescível e na presença de microrganismos. A anaerobiose se resume na ausência de ar, necessária para a proliferação das bactérias conhecidas como anaeróbicas. O sucesso da silagem, segundo o professor, vai depender da rápida fermentação do material, o que pode muito bem ser facilitado pela fragmentação do material a pedaços de 1 a 2 centímetros, pela compactação da massa e pela vedação do silo.

Todo o material excessivamente seco — com mais de 40 por cento de matéria seca — ou muito fibroso e mal picado, apresenta menor densidade e isso dificulta a compactação e a retirada do ar. Para Mühlbach o fundamental é limitar ao máximo a respiração das plantas, desde o corte até a vedação. A respiração das plantas causa o "esquentamento" do material, resultando em perda de energia, o que certamente prejudicará a qualidade do produto. O segredo está no fechamento do silo que deve ocorrer o mais rápido possível, disse ainda.

As bactérias são as responsáveis pela fermentação dos açúcares da planta, produzindo ácidos orgânicos, cuja concentração aumenta até inibir o processo fermentativo, conservando, desta forma, o material ensilado. Mas estes açúcares de fácil fermentação, segundo Mühlbach, devem apresentar um teor mínimo de 10 a 15 por cento de matéria seca da planta ensilada. Em caso contrário, ele aconselha a adição suplementar de aditivos energéticos e ácidos. Fez um alerta, dizendo que plantas pobres em açúcares e ricas em proteínas e minerais, principalmente no estágio vegetativo inicial, e com alto teor de umidade, são difíceis de ensilar. Estas plantas são consideradas de "alto poder tampão", pois além da produção de ácidos orgânicos serem insuficientes, tende a ocorrer uma neutralização da acidez produzida, devido a degradação da proteína.

QUATRO TIPOS

Dentro de um silo, são encontrados quatro tipos de microrganismos diferentes: as bactérias lactofermentativas, as clostrídicas, as coliformes e os fungos. As bactérias lactofermentativas são produtoras de ácido láctico, enquanto que as bactérias clostrídicas são responsáveis por fermentação indesejável — produção de ácido bórico e putrefação do material. Fermentam os açúcares, o ácido láctico já produzido e degradam a proteína vegetal amônia. Gostam de umidade — material com 80 por cento de água e temperatura acima de 35 graus centígrados na massa ensilada. Para evitar os clostrídios, Mühlbach garante que não adianta apenas

retirar o ar ou baixar a umidade e a temperatura interna do silo, "pois eles também são favorecidos quando a acidificação é muito lenta. Por este motivo, quanto mais rápida for feita a fermentação, menos chances de aparecerem os clostrídios".

Já as bactérias conhecidas como coliformes, se desenvolvem tanto na ausência como na presença de ar e são as responsáveis pelo início do processo fermentativo. Mas se o enchimento do silo for muito demorado, com entrada de ar, essas bactérias consumirão os açúcares que mais tarde poderão faltar aos lactobacilos. O aparecimento de fungos é indicativo de fermentação indesejável. Eles geralmente se proliferam quando ocorre entrada de ar no silo ou quando da sua abertura, e estão associados a grandes perdas de energia. "O material esquenta, ocorrendo produção de calor, podendo, nestes casos, produzirem substâncias tóxicas aos animais", alerta o professor.

Para ajudar a fermentação do material ensilado, Mühlbach aconselha que o produtor retire o ar do silo o mais rápido possível, utilize material com açúcares em quantidades suficientes; evite o esquentamento do material; retire a umidade e evite usar plantas de baixo "poder tampão".

AS ALTERNATIVAS

Uma vaca de 550 quilos tem

condições de manter uma produção diária de leite de 15 litros, desde que muito bem alimentada, "por essa razão, alerta Mühlbach, antes de adquirir um animal deste porte, precisa examinar muito bem as alternativas de alimentação que pode oferecer para manter a produção equilibrada. "Uma opção, segundo o professor, seria o fornecimento de capim elefante complementado com mais oito quilos de ração. Mas avisa que é uma opção de custo elevado, quando o caminho, hoje, é o produtor trabalhar com racionalidade de custos. Na sua opinião, o preço do leite no Brasil está muito bem pago, só que o produtor ainda precisa reduzir seus custos de produção, aumentando a produtividade.

Como opção mais racional, para alimentar este mesmo animal de 550 quilos e uma produção de 15 litros de leite, sugere o fornecimento de 50 quilos de milho, acrescidos de outros quatro quilos de ração ou ainda, 70 quilos de azevém com trevo. O produtor pode usar ainda 30 quilos de silagem de aveia, só que neste caso, como o animal vai comer apenas 8 quilos de matéria seca, que é o que contém este tanto de silagem, Mühlbach aconselha ainda a utilização de feno de alfafa e mais 2 quilos de ração. Agora, se o alimento usado for a silagem de milho, usar uma ração diária de 22 quilos com-

As mais indicadas

O objetivo da produção de silagem, segundo a agrônoma da Emater de Santa Maria, Marta Gomes da Rocha, é o de preservar a forragem, minimizando as perdas de nutrientes e evitando mudanças adversas na composição química do cultivo. E como vantagens oferecidas pela preservação do cultivo como silagem, ela cita os fatores climáticos, a duração indefinida da forragem ensilada e ainda a possibilidade de realizar, tanto a operação de colheita como de distribuição do alimento, de forma mecanizada. Mas a Marta reconhece que também existem algumas desvantagens, quando comparada a silagem com a fenação. "A silagem é um material pesado, com alto conteúdo de umidade e, uma vez aberto o silo, o consumo da forragem deve ser diário".

AS MELHORES FORRAGEIRAS

Entre as forrageiras mais indicadas para a ensilagem, a agrônoma cita o milho, "muito atrativo face as suas características intrínsecas — identificação fácil do ponto de ensilagem, boa produção por área. Em área onde o milho é bem adaptado, sua produção de energia não é ultrapassada por nenhuma outra forrageira. Diz que a silagem de milho, preservada a 30/35 por cento de matéria seca — grãos passando do estágio farináceo para o vítreo é o mais desejável para constituir a maior parte da ração. A silagem de milho imaturo apresenta alto conteúdo de umidade, por esta razão é recomendado, pois os carboidratos solúveis que constituem uma proporção alta da matéria seca e o ácido láctico da fermentação são dissolvidos na umidade. "Esta si-

lagem, explica, é muito fluida, e uma quantidade excessiva de energia pode ser perdida por lixiviação quando comprimida sob o peso da forragem. O milho maduro demais pode ser muito baixo em umidade para uma boa compactação e isto dificulta a sua preservação como silagem. Pica-gem fina e compactação intensa são essenciais para prevenir a deterioração da silagem alta em matéria seca. Após a planta do milho ter alcançado 40 por cento de matéria seca, a perda das folhas e plantas acamadas aumenta e a compactação torna-se mais difícil.

Segundo Marta, a lavoura de milho que sofreu "stress" hídrico durante o verão, não formou grãos e é de porte baixo, fornecerá uma silagem com cerca de 70 por cento do valor energético da silagem normal. Esta silagem vai apresentar também, conteúdo protéico superior, só que a maior parte desta proteína é encontrada na planta, fazendo com que se torne mais degradável no rúmen. O milho estará no ponto ideal de colheita quando a matéria seca atingir 32 a 38 por cento.

Outra boa alternativa para a silagem é o sorgo, embora o valor energético da silagem seja inferior ao da produzida pelo milho. O ponto de colheita do sorgo para silagem, segundo Marta, pode ser determinado através da observação de suas espigas, "que devem apresentar os grãos em seus terços inferiores, medianos e superiores, respectivamente no estágio farináceo, leite grosso e leite fino". É uma ensilagem que dispensa aditivos.

Já o capim elefante que tam-

plemen-tada com seis quilos de feno de alfafa.



Paulo Mühlbach

Os mandamentos

Mas como produzir uma boa silagem? Para Paulo Mühlbach, basta o produtor seguir dez regrinhas que batizou de "mandamentos".

- Cultivar plantas forrageiras de bom valor nutritivo, em quantidade suficiente, e alta produtividade;
- Fazer a colheita no momento adequado, objetivando maior concentração de nutrientes por hectare e menores perdas a campo;
- Quando necessário adequar as forrageiras à silagem, através de emurchecimento e/ou adição de energético ou material absorvente;
- Garantir a anaerobiose rápida e permanente, através da fragmentação, compactação e vedação adequadas;
- Construir o silo em local apropriado e nas condições adequadas, ajustando-os à disponibilidade de maquinário e mão-de-obra para enchê-los rapidamente;
- Na ensilagem de material com elevada umidade, considerar o uso de aditivos energéticos/absorventes e/ou permitir a drenagem do efluente;
- Procurar evitar temperaturas acima de 35 graus centígrados a 40 graus centígrados, antes, durante e após a ensilagem;
- No material emurchecido, garantir uma picagem a partículas de 1 centímetro e forte compactação;
- Garantir um período mínimo de fermentação de três semanas;
- Ao abrir o silo, evitar o "esquentamento", retirando fatias diárias de, no mínimo, 10 centímetros de espessura e propiciar o consumo imediato da silagem.

bém apresenta condições para a produção de silagem de boa qualidade, tem como inconveniente o excesso de umidade das plantas. "A espécie apresenta baixos índices de matéria seca, inferiores a 22 por cento até quatro meses de vegetação", informa, dizendo ainda que teores de matéria seca próximo a 30 por cento, recomendados para silagem só foram obtidos com 5 a 6 meses de rebrote.

No caso do capim elefante, a Marta diz que é necessário aliar uma boa produção por área a um bom valor nutritivo. Esta condição só ocorre, no caso da variedade Taiwan, a mais recomendada, aos 50/60 dias de rebrote. Mas neste estágio, segundo a Marta, existem três fatores limitantes: alto teor de umidade; baixo teor de carboidratos solúveis, alto poder tampão. O excesso de umidade pode ser corrigido com o pré-murchamento, deixando o capim exposto ao sol antes de ser ensilado ou ainda adicionando materiais com alto conteúdo de matéria seca como a cama de galinha, feno e palhas. Para estimular a fermentação, recomenda a adição, durante a ensilagem, de materiais ricos em açúcares, cana-de-açúcar, melão e fubá.

Comida para a entressafra

A fenação permite o armazenamento de forrageiras para aquelas épocas de escassez de alimento

João Miguel de Souza

A fenação consiste na desidratação — perda de água — da forragem verde com 65 a 85 por cento de umidade para 10 a 20 por cento. Assim como a silagem, a fenação permite o armazenamento de forrageiras para períodos de escassez de alimentação, sendo mais uma alternativa para a conservação de forragem. Num comparação entre os dois processos, a fenação tem como desvantagem o fato de apresentar maior dependência às condições climáticas para a sua elaboração. No entanto, como vantagem apresenta a possibilidade de obtenção a partir de plantas forrageiras de maior valor nutritivo, tais como leguminosas — alfafa — e a partir de gramíneas em estágio de crescimento em que apresentam maior qualidade.

Sabemos que as plantas ao envelhecerem diminuem seus teores de proteínas e açúcares solúveis e aumentam seus teores de fibra, reduzindo assim sua qualidade. Na prática isto pode ser bem observado no caso da aveia. Enquanto que para confeccionar a silagem, a aveia tem que se apresentar em estágio de formação de grãos — grão leitoso a pastoso —, para a elaboração do feno, esta cultura pode apresentar-se no estágio de emborrachamento ou até antes. Em estágio anterior ao emborrachamento dependeríamos de um maior período de tempo para a secagem da planta, pois neste caso, ela apresenta maior quantidade de água.

Além disso, em função da planta nova ter maiores teores de açúcares, o feno só poderá ser armazenado com menos de 15 por cento de umidade. Os elevados teores de açúcar que apresenta proporcionariam alta absorção de umidade, comprometendo a qualidade do feno armazenado. Outra vantagem do feno em relação a silagem, é que este se apresenta como o volumoso ideal para animais jovens. Assim, na criação da terneira leiteira, o feno atua como um estimulador do desenvolvimento do rúmen,

acelerando o aproveitamento pelo animal, de alimentos fibrosos e evitando ou diminuindo diarreias.

Em relação ao clima, que tanta preocupação nos traz quando do corte e secagem do feno, podemos afirmar com bases em informações de outros pesquisadores, que em países com clima bastante úmido e, portanto, desfavorável a confecção de feno — caso da Inglaterra, por exemplo —, cerca de 90 por cento da forragem é conservada através deste processo.

No geral quando comparado o desempenho de animais recebendo silagem e feno, os resultados se assemelham em muito. Em Bagé, Rio Grande do Sul, a Embrapa mediu a produção de leite de vacas recebendo feno e silagem de azevém com trevos e cornichão e obteve os resultados mostrados na tabela de número 1. Já em Viçosa, Minas Gerais, a Universidade Federal observou o desempenho de vacas leiteiras confinadas, recebendo, durante 63 dias, feno de aveia e silagem de milho. Os resultados obtidos não foram diferentes, conforme pode-se observar na tabela de número 2.

A ESCOLHA DAS FORRAGEIRAS

A alfafa se apresenta como a melhor opção, dada a sua qualidade, produtividade e distribuição desta produção — em torno de dois cortes no inverno e quatro cortes no período quente do ano —. Entretanto a aveia pura ou consorciada, o azevém puro ou consorciado, são muito usados em outros países como planta para fenação. Além destas gramíneas perenes de verão, tais como bermuda e panicum, podem ser usadas, assim como as leguminosas subarbutivas guandu e crotalaria juncea. A tabela de número 3 nos dá uma idéia exata da qualidade comparada do feno de algumas forrageiras em função do estágio de crescimento da planta.

PONTO DE CORTE

O ponto de corte varia em função do tipo de planta usada. Na alfafa o corte para o feno deve ser realizado do inf-

cio até metade da floração. Em pastagens tais como bermuda ou panicum, o corte deve ocorrer antes da floração, pois apresentam boa qualidade e são plantas que perdem a umidade facilmente. No geral, o melhor compromisso entre um valor nutritivo satisfatório, uma boa produção e facilidade de perda de água, situa-se no início do florescimento. Após esta fase, a secagem é mais rápida, a produção por área aumenta, mas a qualidade do feno diminui.

SECAGEM

Por ocasião do corte para feno, as plantas apresentam teor de umidade de 80 a 85 por cento, reduzindo rapidamente para 60 a 65 por cento, isto porque a perda d'água superficial se processa num período curto de tempo. A redução da umidade de 65 para 30 por cento, é mais difícil. As folhas perdem água mais rapidamente, tomando-se quebradiças. Para que a secagem seja mais rápida, após a perda inicial de água, as plantas devem ser enleiradas, pois a água do caule passa para as folhas diminuindo a perda de folhas — e de qualidade —, processando-se uma secagem além de mais rápida, mais uniforme.

Quanto mais rápida for a secagem, menor a perda de forragem, pois mesmo após o corte a planta continua viva, gastando energia através da respiração, que cessa quando a umidade da massa fenada reduz para 30 por cento. Por isso a importância de se reduzir rapidamente a umidade. Porém, as maiores perdas durante a secagem ocorrem por ação da chuva, pois quanto mais seco estiver o material ceifado, menor a capacidade das células da planta em reter o suco celular que é arrastado pela ação da água, fazendo com que ocorra um declínio acentuado na digestibilidade (qualidade) da forragem.

O final da secagem pode ser determinado de maneiras bem práticas:

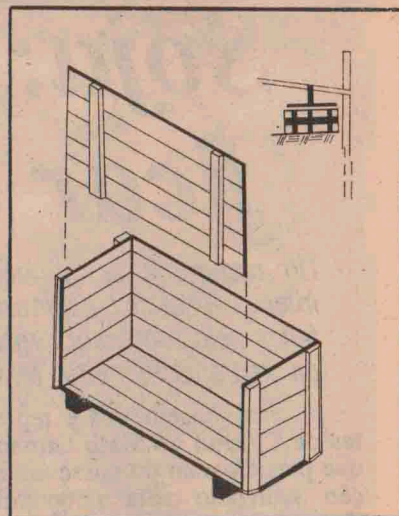
1° — quando, ao torcer um feixe de forragem, o material voltar à posição inicial, sem quebrar, mas sem surgir umi-

dade. Nesse caso, ele está pronto para ser armazenado.

2° — Pica-se um feixe de forragem e mistura-se com sal em um vidro fechado. Se, ao agitar o vidro, o sal continuar solto, é porque o material está pronto para ser armazenado. No entanto, se o sal formar grumos — torrões —, é porque a forragem deve ficar mais tempo ao sol, perdendo umidade.

ARMAZENAMENTO

Para o armazenamento do feno é ideal fazer fardos — que ocupam menos espaços e facilitam o manuseio —, com comprimento duas vezes a largura. Esta dimensão facilita o empilhamento. Além dos equipamentos mecanizados, os fardos podem ser feitos com equipamentos simples, de fabricação caseira como mostra a figura acima. No caso, o fardo é pressionado com os pés ou com uma alavanca fixada num poste, que pode ser até o esteio de um galpão.



Enfardadeira de construção caseira

Bibliografia

Leal, J.J.B. et alii. 1972. Feno e Silagem na Alimentação das vacas Leiteiras. IPEAS/MA — DNPEA, Pelotas.

Motta, V.A.F. et alii. 1980. Aveia Forrageira (Aveia Bizantina, L) Nas formas verdes, fenada a silagem de milho na alimentação de vacas em lactação. Rev. SBZ, Viçosa, 9 (3), 430-40.

Islabão, N — 1984 — Alimentação de Gado Leiteiro. POA — Sagra, Pelotas

João Miguel de Souza é engenheiro agrônomo e gerente da área de Produção Vegetal da Cotrijul na Região Pioneira

Tabela 1: Desempenho de vacas em lactação com feno e silagem de azevém e cornichão

Parâmetros observados	Feno	Silagem
Consumo diário/vaca (Kg)	14	23
Consumo diário de ração/vaca (Kg)	2,7	2,4
Produção diária de leite/vaca (Kg)	9,46	8,75
Gordura do leite (%)	4,3	4,3

Fonte: adaptado de Leal et alii — 1972

Tabela 2: Desempenho de vacas em lactação alimentadas com feno de aveia e silagem de milho

Parâmetros observados	Feno de aveia	Silagem de milho
Consumo diário de ração/vaca (Kg)	2,5	—
Cons. diário de farelo algodão/vaca (Kg)	—	2,0
Produção diária de leite/vaca (Kg)	10,9	10,6
Gordura do leite (%)	3,7	3,9

Fonte: adaptado de Motta et alii — 1980

Tabela 3: Composição química e energética de alguns fenos

Forrageira	PB (%)	Ca (%)	P (%)	NDT (%)	EM (Mcal)
Alfafa	15,5	1,25	0,23	47	1,92
Azevém	9,2	0,62	0,34	55	2,05
Aveia	8,1	0,26	0,24	54	1,99
Cevada	7,7	0,21	0,30	50	1,82
Bermuda	8,6	0,46	0,48	48	1,74

Fonte: adaptado de Islabão, N° 1984

NOVIDADE PARA DEIXAR OS ROEDORES DE ORELHA EM PÉ.

RATICIDA TOMORIN 5

JÁ À VENDA
NA SUA COOPERATIVA
COTRIJUL.

CIBA-GEIGY
Higiene
DO SEU ANIMAL

Soja: é preciso ficar alerta

Um panorama da agricultura mundial e as perspectivas do mercado internacional de oleaginosas foram os assuntos da rodada de palestras feitas pelo professor Argemiro Luís Brum para associados da Cotrijuí da Regional Pioneira, Mato Grosso e Dom Pedrito.

Os conselheiros e representantes da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul que participaram do curso de atualização realizado pela cooperativa em Campo Grande, tiveram a oportunidade de assistir a primeira de uma série de palestras que o professor Argemiro Brum fará em todas as Regionais da Cotrijuí. A dose foi repetida no dia 15 em Dourados, mas desta vez para um público bastante heterogêneo, composto por quase cem pessoas.

Argemiro cursa Doutorado em Economia Rural na cidade francesa de Montpellier e é conhecido pelo quadro social através dos artigos que escreve mensalmente no Cotrijornal. Em sua palestra, o professor traçou um panorama da agricultura mundial e falou principalmente sobre as perspectivas do mercado internacional de oleaginosas e o Mercado Comum Europeu, além de fazer algumas projeções para a comercialização das próximas safras.

Em sua explanação sobre a constante oscilação no preço da soja nos últimos meses, Argemiro afirmou que esta situação é o reflexo de vários acontecimentos que mudaram o cenário econômico internacional. Um destes acontecimentos decisivos foi a histórica quebra nas Bolsas de Valores ocorrida nos Estados Unidos em outubro do ano passado. A consequência imediata foi um deslocamento de investidores de papéis para as Bolsas de Mercadorias, como a de Chicago que é o termômetro mundial em termos de preços dos produtos agrícolas. Com isto, aumentou sensivelmente a especulação nesta área.

Outro fator marcante foi a entrada da União Soviética no mercado comprador pois em fins de 87 os russos importaram mais de 1,5 milhão de toneladas de farelos e grãos. Isto agitou Chicago pois pensava-se então que eles viessem a se tornar efetivos compradores. A previsão não se confirmou porque o dólar a partir do mesmo período voltou a ser valorizado depois de permanecer meses em baixa cotação no panorama internacional, o que causou também uma diminuição considerável nas importações feitas pela Comunidade Econômica Européia. Para o Brasil foi extremamente prejudicial pois nosso principal mercado comprador ainda é o Mercado Comum Europeu, que compra 80 por cento de nossas exportações de farelo de soja.

O professor Argemiro chama atenção para a política agrícola que vem sendo adotada nos países europeus, onde toda a atividade agropecuária é em grande parte subsidiada pelo governo e onde cada vez mais os agricultores vêm sendo incentivados a procurar alternativas que possam reduzir as importações. É o que já vem ocorrendo com os produtos do complexo soja que estão sendo substituídos na composição de rações para consumo animal por oleoproteaginosas produzidas lá, como a colza, o girassol e a ervilha.

Esta busca de substituição de produtos importados que obviamente inclui pesados investimentos em pesquisas e tecnologia tende a aumentar e deve-se levar em conta também que daqui a quatro anos, em 1992, a Comuni-

dade Econômica Européia será transformada em um só país e acabarão as fronteiras fiscais, técnicas e alfandegárias possibilitando assim uma total integração comercial entre os 12 países que a compõem.

Argemiro frisa que a Europa deverá continuar importando nossa soja mas é necessária a busca de outros mercados consumidores. Um dos mercados com enorme potencial é a Ásia, que segundo ele, poderá ser um grande importador sobretudo de soja em grãos. É certo que por enquanto a oleaginosa tem consumo garantido, mas o agricultor brasileiro precisa estar atento ao que acontece no resto do mundo porque as decisões tomadas lá fora influem diretamente aqui, uma decorrência natural na medida em que a soja é nossa principal cultura de exportação.

Mesmo sendo "expert" no ramo, Argemiro tem uma certa precaução em fazer previsões. Ele acha que é impossível afirmar alguma coisa quando a própria conjuntura é suscetível a variações. É o que vem ocorrendo nesta



Para Brum é hora do produtor mostrar eficiência

época de comercialização da soja por exemplo. Para ele os preços atingiram índices tão altos muito em função da seca que assola o Meio-Oeste americano. É o chamado mercado climático, que esteve com patamares de 30 por cento acima do preço real da soja (em torno de 7,5 dólares por bushel) devido à grande especulação nas Bolsas de Mercadorias.

Sua posição é de dar um alerta aos produtores rurais para que incrementem a eficiência de suas propriedades. É hora de aumentar a produtividade da lavoura e reduzir seus custos. Só assim o agricultor está preparado para enfrentar o futuro. Seguindo este raciocínio que não prevê um mar de rosas para a agricultura, Argemiro traça um cenário com as seguintes possibilidades: uma continuidade do quadro atual da economia brasileira com a inflação nos parâmetros atuais, uma hiperinflação com índices mensais de mais de 30

por cento, o que geraria uma instabilidade muito grande no país e por sua vez poderia levar novamente os militares, através de um golpe, ao poder ou um novo choque econômico, tipo Plano Cruzado, e como última alternativa e talvez a mais improvável, uma diminuição no déficit público, o que daria novamente ao governo o controle da situação econômica.

Estes são os possíveis caminhos que o Brasil vai trilhar, mas seja como for, para o agricultor que faz da soja cultura seu sustentáculo financeiro, o negócio continuará a ser rentável, pelo menos num primeiro instante. As tendências internacionais para daqui a cinco ou dez anos é que não são muito otimistas e por isso Argemiro enfatizou tantas vezes na necessidade do produtor rural demonstrar a eficiência da sua propriedade. Só aqueles que estiverem aptos para isto é que sobreviverão, vaticina o professor.

Curso para conselheiro

O Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí/MS realizou nos dias 12, 13 e 14 deste mês, o primeiro curso para os conselheiros eleitos na última assembleia e também para os representantes escolhidos no final do ano passado.

Durante o encontro, que reuniu mais de vinte associados, foram abordados vários temas tais como a organização do quadro social, suas necessidades e formas de participação, a função dos conselheiros e representantes e a estrutura do poder na cooperativa. Após dois dias de palestras os associados se dividiram em grupos para discutir e dar sugestões à reforma estatutária e ao regimento interno.

Estas mudanças ocorrerão no

próximo ano quando a Cotrijuí terá um novo estatuto em decorrência das mudanças no capítulo dedicado ao cooperativismo nacional da futura Constituição Brasileira.

Os conselheiros e representantes chegaram a um consenso que é preciso conhecer melhor as normas regimentais da cooperativa para uma profícua discussão junto às bases. Mas algumas propostas já foram feitas e entre elas sugeriu-se que se aumente o número de conselheiros, elegendo-se um por unidade, aumentando assim de cinco para oito o efetivo do conselho de administração na Regional/MS.

Outra preocupação do grupo se refere ao Conselho Fiscal, que segundo eles, deveria ter um mandato maior do

que os atuais três anos e o número de representantes deveria ser no mínimo seis (hoje são três conselheiros fiscais em toda a Cotrijuí). Foi sugerido ainda, que cada novo associado da cooperativa, após preencher os requisitos previstos no atual estatuto, seja submetido a um curso de capacitação que lhe permitirá um conhecimento mais aprofundado sobre a vida cooperativista e sua participação neste contexto.

Estas, em suma, foram as principais colocações apresentadas durante o encontro. Na avaliação do gerente de Comunicação e Educação, Geraldo Schorn, o curso teve uma participação expressiva por parte dos associados e todos os objetivos propostos foram plenamente atingidos.

COTRIJORNAL

Um instrumento de debate

Sem nenhuma festa, mas com muito trabalho. Assim, o Cotrijornal comemorou os seus 15 anos de existência. Fundado em 20 de julho de 1973, ano em que a Cotrijuí completava 16 anos, nasceu da necessidade de comunicação entre a direção da cooperativa e o quadro social. 'O próprio crescimento geográfico e a expansão sócio-econômica da Cotrijuí, estavam a exigir, há tempos, um uso maior do meio de comunicação para manter o quadro social informado do grande volume de informações que tem origem dentro da cooperativa ou por consequência dela', apregoava o primeiro editorial.

Fundado pelo jornalista Raul Quevedo, o Cotrijornal foi o primeiro jornal de cooperativas do Estado. Nasceu com 16 páginas e já acompanhado por um Suplemento Infantil que, alguns meses mais tarde passou

a chamar-se Cotrisol por sugestão da criança do meio rural. De responsabilidade dos professores da Escola de 1º Grau Francisco de Assis da Fidenel/Unijul, o Cotrisol tem até hoje o compromisso de colocar nas mãos das crianças e professores do meio rural, um instrumento de participação. Em agosto de 1980 apareceu o Suplemento de Educação, elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais. Sem muitas pretensões iniciais, o Suplemento de Educação foi o embrião de um trabalho na área de educação no meio rural e que hoje é conhecido em muitos Estados do Brasil. O editorial do primeiro número justificava muito bem essa intenção: "...sem a pretensão de levar uma única verdade sobre o assunto, mas tentar abordá-lo de maneira a contribuir para que os professores tenham uma assessoria, visando anali-

sar os problemas mais amplos de educação, encontrando aí recursos para pensar suas situações de sala de aula". O Suplemento de Educação circulou no meio rural, junto com o Cotrijornal por dois anos consecutivos.

O Cotrijornal tem uma tiragem de 15 mil exemplares e é distribuído entre os associados da Cotrijuí na Regional Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso. E neste 15 anos de convivência tem procurado se firmar como um instrumento de debate para o produtor rural, acompanhando as grandes questões que fazem a vida do agricultor brasileiro. Assim foi durante o confisco da soja, na luta pela previdência, na construção do Terminal Graneleiro, na discussão da Estrutura do Poder, entre tantos outros acontecimentos.

CHIAPETTA

Novo e moderno serviço comercial

No mesmo ano em que completa 15 anos de trabalho junto a comunidade de Chiapetta, a Unidade da Cotrijuf no município, aproveita para inaugurar as novas instalações do supermercado, magazine, loja de ferragens e escritórios. Maior volume de artigos à disposição e maior rapidez no atendimento são as principais vantagens que o consumidor de Chiapetta ganha com o empreendimento, inaugurado no dia 26 de julho passado, numa solenidade que reuniu cerca de 280 participantes.

Sem mudar de endereço, o novo complexo comercial está instalado na entrada da sede da Unidade, numa área que hoje atinge mil e 200 metros quadrados de extensão. Na parte térrea do prédio estão instalados o mercado, o magazine e a loja de ferragens, mais os espaços destinados aos insumos. A parte superior abriga o departamento técnico, o setor de Educação e Comunicação e a gerência, que antes funcionava em um pequeno prédio junto ao armazém, e que agora, já passa a ser projetado como refeitório. Com esta ampliação da estrutura comercial, destacou o diretor de Compras e Abasteci-

mento da Regional Pioneira, Orlando Romeu Etgeton, o associado e sua família terão ao seu dispor uma grande variedade de artigos para a casa e a propriedade, dentro de um padrão de venda mais moderno da região.

OBRA ECONÔMICA

Construído com expressiva colaboração dos próprios funcionários da Unidade, o novo complexo comercial tem como característica grande funcionalidade, permitindo ao consumidor plena movimentação entre as várias seções como, padaria, açougue, hortigranjeiros e lancheria. Lembrando a comodidade que a nova estrutura traz ao quadro social, o gerente da Unidade, João Frantz, fez questão de ressaltar o esforço de todos os funcionários para a realização deste novo espaço comercial e administrativo.

Também o conselheiro José Rieth de Oliveira falou sobre o novo empreendimento da Cotrijuf. Em nome dos associados, Rieth demonstrou a satisfação do produtor, destacando que a obra deve dar continuidade a outros projetos aspirados pelo quadro social.

Sperotto: "novo complexo comercial e administrativo é uma obra para toda a comunidade de Chiapetta", que ganha agora mais de mil e duzentos metros de funcionalidade, construídos pelos próprios funcionários.

Por fim, o vice-presidente da Regional Pioneira, Celso Bolívar Sperotto, referiu-se a obra, como "um projeto idealizado pelo ex-superintendente Antoninho Lopes, para atender toda a comunidade de Chiapetta, naquilo que ela espera da Cooperativa". Participaram ainda da solenidade, o prefeito municipal João Dorival Stamm, os religiosos Aloisio Baun e Manfred Refeld, associados, representantes e conselheiros, gerentes de unidades e funcionários.



Lideranças debatem saúde e economia



O encontro de lideranças aconteceu em Ijuí, durante todo o dia

A política econômica nacional, as vantagens do cooperativismo de crédito e a municipalização da saúde em Ijuí. Estes assuntos fizeram parte de um encontro de lideranças de Ijuí, realizado no dia 4 de agosto e que contou com a participação do superintendente da Cotrijuf, Regional Pioneira, Walter Frantz; do gerente da Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda., Darlan Belarmino e do coordenador da Comissão Interinstitucional de Saúde do Município de Ijuí, o médico Carlos Alberto Dias.

Walter Frantz falou da dependência da economia brasileira e da sua evolução, começando pelo "milagre brasileiro", quando o crescimento atingiu o patamar de 11,5 por cento, passando pelo período da recessão, situado entre 1974 a 1984, pelo Plano Cruzado e chegando a situação atual, onde o crescimento anda por volta de 2,89 por cento. Disse ainda que a crise mundial acontece por dois motivos: falta e excesso de dinheiro nos países. E a Cotrijuf, dentro deste contexto da economia nacional serve de instrumento de apoio aos produtores na defesa de seus interesses.

O sistema cooperativista de crédito como forma organizada de viabilizar o pequeno produtor através de juros baixos foi tema da palestra do gerente da Credipel de Augusto Pestana, enquanto o médico Carlos Alberto Dias falou dos objetivos da Cims, dizendo que ela tem a pretensão de fazer acontecer a descentralização da saúde, o atendimento e a prevenção da saúde a nível de município.

Crianças buscando saídas para a agricultura

A presença de associados e filhos de associados no Centro de Treinamento da Cotrijuf, participando de cursos e treinamentos já não é mais novidade para ninguém há muito tempo. Mas a presença de crianças, às voltas com experimentos ou discutindo alternativas de produção para a pequena propriedade é algo novo e que mudou a rotina do CTC por duas semanas.

As crianças, alunos da Escola Estadual de 1º Grau General Osório, de São Pedro, interior do município de Tenente Portela, com idade entre 9 a 15 anos deixaram as atividades escolares, no início de julho, para aprender um pouco mais sobre a terra, a propriedade e as alternativas de produção. E, durante 15 dias, acompanhados pelo professor Ildo Scapini, eles assistiram aulas teóricas e práticas sobre pecuária de leite, pecuária de corte, ovinocultura, piscicultura, solos, entre outros assuntos. Por duas semanas, nada de matemática, geografia, história ou língua portuguesa.

BUSCANDO SAÍDAS

A iniciativa do curso, envolvendo crianças da 4ª a 8ª séries partiu, segundo o professor, do Grêmio Estudantil da Escola, com o apoio do departamento técnico e gerência



15 crianças, de 9 a 15 anos, passaram duas semanas no CTC em treinamento

da unidade de Portela. "A intenção era a de mostrar aos alunos o que a Cotrijuf vem fazendo na área da pesquisa e extensão na busca de alternativas que indiquem uma saída para a crise em que vive a agricultura", disse ele reforçando a postura da cooperativa em relação a diversificação na propriedade. "Temos mostrado aos alunos, em nossa escola, que uma família pode muito bem se manter numa propriedade de 10 hectares desde que use a criatividade e saia da sua posição de comodidade.

Noedi de Castro, de 10 anos e filho de um associado da Cotrijuf em Tenente Portela, proprietário de 24 hectares de terras, gostou das duas semanas que passou no CTC, dando preferência para a piscicultura. Já o Juliano Porsch, de 9 anos e filho de um dos professores da Escola, era o caçula da turma. Ele também gostou da lida com peixes, mas achou ainda mais interessante a criação de marrecos e de suínos em piquetes. Mas é na poda de árvores que ele acha que está especializado, prometendo assim que voltar para casa, colocar em

prática os conhecimentos adquiridos com o pessoal técnico do CTC.

O Remor Boni, de 22 anos, não é aluno da Escola a qual pertencem as crianças, mas faz parte da comunidade de São Pedro. É filho de um associado da Cotrijuf, proprietário de 50 hectares de terra e criador de suínos em confinamento. O Remor também passou duas semanas no CTC, junto com a criança e avalia o curso dizendo que é uma forma do agricultor também se reciclar e adquirir alguns conhecimentos práticos e técnicos que muitas vezes não chegam à propriedade. Ficou entusiasmado com os trabalhos de pesquisa, mas deu preferência para a suinocultura, onde se ateve aos resultados que podem ser obtidos com animais criados em piquetes. "Aprendi muita coisa sobre suinocultura", disse ele prometendo levar seus conhecimentos para serem aplicados na propriedade do pai. "São mudanças que pode se ir fazendo aos poucos e que resultam inclusive em economia para a propriedade", disse.

A agropecuária em debate

Lideranças de Dom Pedrito se reuniram num Seminário para discutir problemas que vêm estagnando o desenvolvimento sócio-econômico do município, um dos mais extensos do Estado.

Lideranças comunitárias e políticas de Dom Pedrito vêm há tempos se preocupando com o fenômeno chamado estagnação, que trava o desenvolvimento sócio-econômico do município, um dos mais extensos e com maiores potencialidades para progredir, de todo o território do Rio Grande do Sul.

Com o objetivo de detectar as causas que levam à estagnação, e cujos efeitos são conhecidos, foi promovido durante os dias 28 e 29 últimos, o Seminário do Setor Agropecuário, tendo por local a Escola de 2º Grau Nossa Senhora do Patrocínio. A ordenação técnica do seminário foi organizada pela Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos — órgão vinculado à Secretaria de Recursos Humanos e Modernização Administrativa — do governo do Estado.

As entidades promotoras foram: Sindicato Rural, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Associação dos Agricultores, Cotrijuf, Emater, e Associação de Engenheiros Agrônomos, Médicos Veterinários e dos Técnicos Agrícolas, Secretaria da Agricultura e apoio da Prefeitura Municipal.

Os trabalhos, que tiveram a coordenação geral do psicólogo João Fernando Coelho de Souza, da FDRH, foram desenvolvidos em três etapas distintas: a identificação dos problemas (situação atual); identificação da situação desejada e identificação das forças restritivas. A pesquisa e aferição de resultados foi trabalhada através de pequenos grupos, em torno de 15 participantes cada um. Foram formados oito grupos de trabalho, totalizando cerca de 120 participantes com direito a voz e voto, tanto nas reuniões de grupos como na plenária. Foram relatores dos pequenos grupos os agropecuaristas Abu Souto Bicca, José Roberto Pires Weber, Valtér José Pötter, Pedro Afonso Pereira, Newton Munhoz, Antônio Cândido da Silva Neto e Noé Conde Costa.

A abertura do seminário ocorreu às 9h do dia 28, em sessão plenária de instalação, com a participação de autoridades, lideranças políticas, empresariais e associativas, representando todas as forças vivas do município. Presentes o prefeito municipal, Quintiliano Machado Vieira, o vice-presidente da Cotrijuf, Oscar Vicente e Silva, presidentes dos Sindicatos Rural e dos Trabalhadores Ru-

rais, respectivamente, Cândido Godoy Dias e Florício Barreto; presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito, Ruy Adelino Raguzzoni, secretário de Educação do município, professora Maria do Horto Caillava dos Santos, entre outras autoridades e lideranças comunitárias e empresariais.

Os resultados do seminário estão sendo tabulados pela Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, em Porto Alegre, e deverão ser tornados públicos dentro de aproximadamente 20 dias, segundo revelou o coordenador João Fernando Coelho de Souza.

OPINIÕES PARALELAS

O engenheiro agrônomo Eloy João Cordero, técnico do Irge, em Dom Pedrito, disse que no momento em que a situação da agropecuária sofre pressões de ordem econômica por todos os lados, principalmente em seus custos de produção, Dom Pedrito se mobiliza para tornar maior a sua riqueza, numa atividade viável.

Observou o técnico que o seminário visa encontrar meios para que os produtores sejam mais eficientes em suas atividades. A agropecuária moderna, ressaltou, não pode mais se desenvolver à custa de subsídios governamentais. Esse é um ônus muito significativo a ser encampado pelo país. Para ele, só a diversificação de culturas e de criações nos tirará do atual binômio boi e arroz, para uma margem mais ampla de empreendimentos e sem os riscos que as quedas de preço geralmente ocasionam.

O que se pretende é que os produtores sejam mais empresários. Com isso, presume Eloy Cordero, muitas questões relacionadas com o convívio entre proprietários de terra e arrendatários, serão melhor resolvidas.

O presidente da Associação dos Agricultores, Ruy Adelino Raguzzoni, espera que o seminário possa influenciar, de alguma maneira, para que as autoridades estabeleçam prioridades para a agropecuária, pois da maneira que vai é quase impossível produzir alimentos.

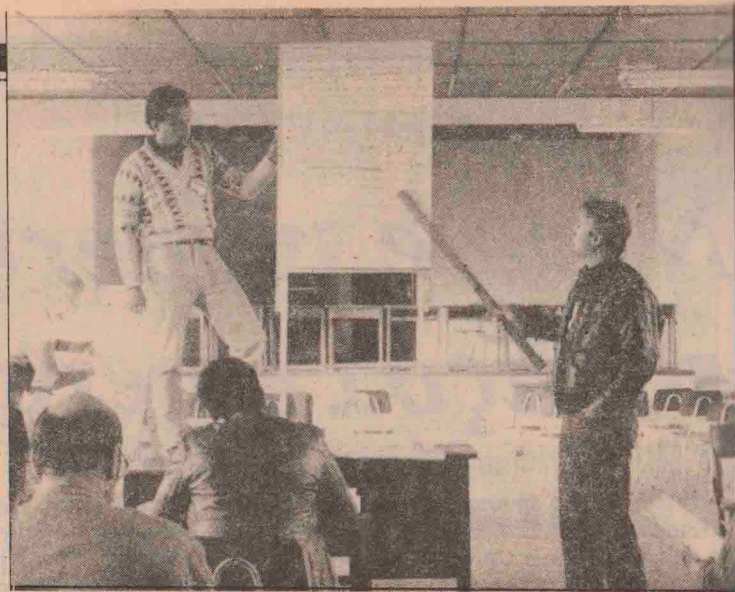
O presidente do Sindicato Rural, Cândido de Godoy Dias, disse que era necessário registrar os problemas, e o seminário veio com esse propósito. Levantar nossas dificuldades, que são muitas, para só então buscar as soluções. Se conseguirmos esse desiderato, ressaltou o ruralis-

ta, o seminário terá alcançado seu objetivo principal.

A professora Maria do Horto Caillava dos Santos, da Secretaria de Educação do Município, abordou o desperdício em termo de mão-de-obra. Ela defende uma nova política de ensino onde as pessoas do campo sejam preparadas profissionalmente para as atividades rurais. Só assim, diz ela, teremos reduzido o êxodo rural em direção as cidades.

O engenheiro agrônomo e professor universitário, Flávio Espartel da Silva, também administrador da Estância Santa Teresinha e Cabanha da Garça, referiu-se a realização do seminário como uma tentativa válida para localizar os problemas, pois só com conhecimento de causa se pode encontrar o caminho da solução.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Ru-



A exposição dos problemas feita pelos técnicos

rais, Florício Barreto, pretende que outros encontros como o que foi promovido voltem a acontecer. Aproveitou o ensejo para destacar a necessidade de se adotar uma política diferenciada de parte do governo, protegendo mais diretamente os pequenos produtores.

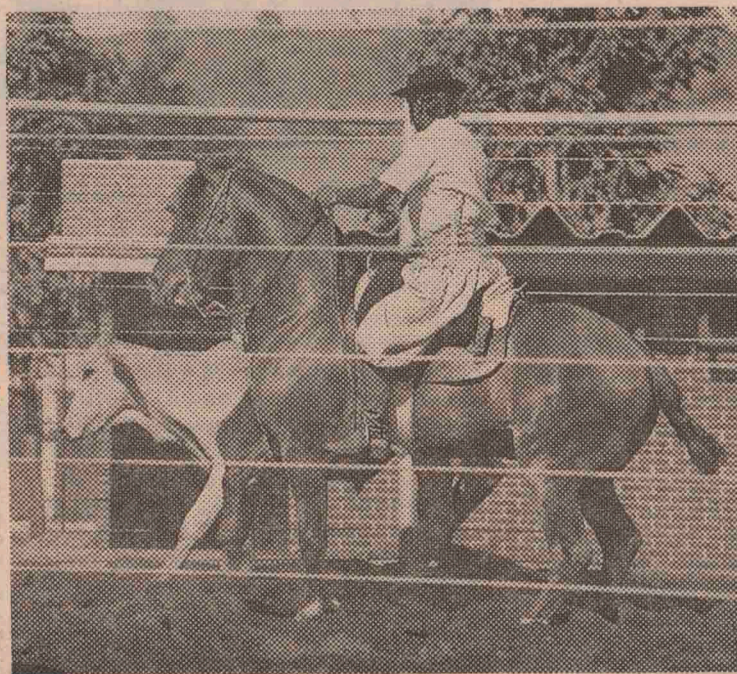
O agropecuarista e presidente do Sindicato Rural, João Alberto Blanco, disse que são encontros como esse que nos fazem ter uma percepção maior da agropecuária do município. A maior produtividade e melhores ganhos, dar-se-ão através da capacitação e eficiência dos produtores. E nesse sentido, os resultados do seminário serão úteis.

Carlos Roberto Comassetto, presidente da Asso-

ciação dos Agrônomos de Dom Pedrito e vice-presidente da SARGS, disse que pela primeira vez se debateu em Dom Pedrito, de forma prática e amadurecida, problemas que afetam a toda a comunidade pedritense. Considerou da maior seriedade e importância um melhor relacionamento entre proprietários e arrendatários de terra.

O agropecuarista José Roberto Pires Weber viu no seminário um caminho aberto para a listagem de problemas que têm atrasado o nosso desenvolvimento. Através da amostragem que deverá ser feita após a tabulação dos dados pelo FDRH, será bem mais fácil identificá-los e corrigi-los, disse o empresário rural.

QUEM TRABALHA MERECE.



Benefícios usando EQVALAN

- Mata os principais parasitas que podem reduzir a capacidade de trabalho do animal.
- Propicia maior agilidade.
- Controla a "ferida de verão" e a "cauda de rato".
- Para obter melhores resultados trate seus animais pelo menos uma vez na estação chuvosa e outra na seca.

EQVALAN é o mais completo e seguro vermífugo para todo tipo e categoria de cavalos.



MSD-AGVET
MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária Ltda.

VC - 16/88

(B) A - EDV - 16/88

DOM PEDRITO

Em busca de soluções

A situação dos rebanhos, a oferta de gado para o abate, médias de rendimento, novilhos jovens, pastagens, manejo, os assuntos que levaram cerca de 150 pecuaristas a fazer uma análise da situação da pecuária em Dom Pedrito.

Recebimento de produtos, comercialização, custos de produção, produtividade, assistência técnica e mercado consumidor da carne, entre outros assuntos, foram os temas dos debates travados no último dia 15, em Dom Pedrito, tendo por local o CTG Rodeio da Fronteira. A reunião foi promovida pela Cotrijuf, dando sequência aos encontros promovidos com o quadro social, visando localizar problemas e buscar soluções.

O setor debatido foi a pecuária. Situação dos rebanhos, oferta de gado para abate, desfrute, médias de rendimento, novilho jovem, pastagens, manejo, cuidados sanitários, mereceram as atenções de um público de cerca de 150 pecuaristas participantes. Os trabalhos começaram na parte da manhã, abertos pelo vice-presidente Oscar Vicente Silva, que deu as boas-vindas aos presentes e passou a palavra ao diretor-superintendente Eduardo Augusto Pereira de Menezes, que passou a coordenar os trabalhos.

O gerente do frigorífico, Juarez Pereira da Silva, fez explanação sobre o trabalho naquela unidade industrial da Cotrijuf. Enumerou alguns problemas existentes na infraestrutura, que necessita de melhoramento, e que serão resolvidos, ao menos em parte, neste período de entressafra.

O gerente técnico, Otaliz de Vargas Montardo, fez um amplo relato das medidas que estão sendo adotadas para um melhor atendimento aos associados nessa área.

REGIONALIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA

Otaliz, que é médico-veterinário, vem trabalhando no sentido de implantar uma assistência técnica mais direta junto aos associados. A meta do trabalho também tem em vista a maior difusão dos ideais cooperativistas, para que os produtores sintam mais de perto a presença da cooperativa.

A regionalização da assistência será, tanto quanto possível, levada a cada propriedade familiar do produtor. Para a maior eficiência do trabalho, disse Otaliz, o município foi dividido em cinco regiões. Um técnico extensionista será responsável pelo atendimento em cada uma dessas áreas. Mas os produtores já estão sendo visitados, independentemente de serem ou não associados da cooperativa, pois nesta fase a Cotrijuf está fazendo um levantamento das necessidades e assistência básica do povo rural, a fim de organizar seu próprio projeto.

Nas visitas, os extensionistas levarão ao produtor todos os programas de produção da cooperativa, especialmente nas áreas de lavouras (arroz, sorgo, milho, forrageiras, sementes) e pecuária, destacando, bovinocultura de corte e leite, ovinocultura, suinocultura, entre outros.

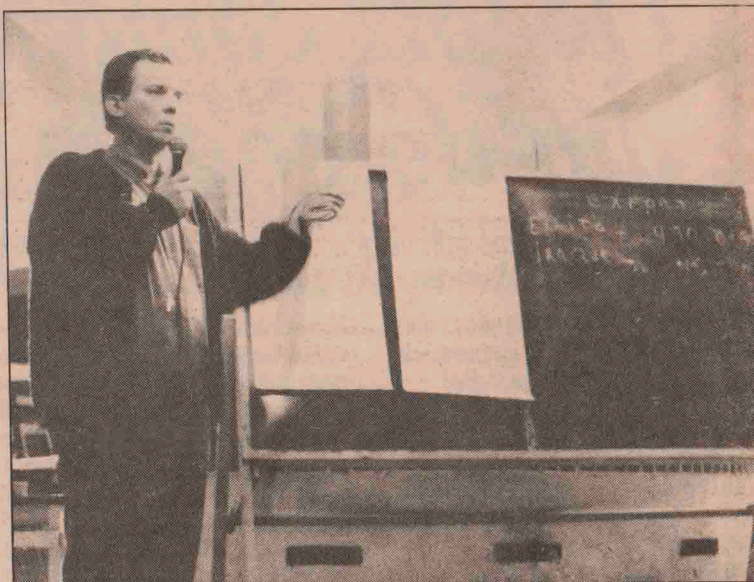
Diversos associados pronunciaram-se a seguir, todos elogiando os esforços da diretoria em proporcionar uma melhor assistência técnica para aumentar a produtividade.

Falaram, nesse sentido, os associados Antônio Cândido da Silva Neto, Flávio E. da Silva, Antonino Irigaray e Lídio Dalla Nora Bastos.

O agrônomo Pedro Afonso Salles, técnico da Embrapa e especialista em cultivos forrageiras, apresentou um trabalho de pesquisa com amostragem sobre ganho de rendimento de peso em bovinos destinados ao abate na categoria jovem.

COOPERATIVA COM GRANDES PLANOS

No período da tarde o diretor-superintendente, Eduardo Augusto Pereira de Menezes, fez longa exposição sobre a situação atual da cooperativa. E numa projeção para o futuro, disse que a tendência é de que o mercado mundial da carne deverá permanecer em alta constante,



O debate coordenado por Eduardo Menezes, superintendente da Cotrijuf

pois a proteína animal será sempre insubstituível. E quem tiver produção e organização para conquistar mercados internacionais irá fazer grandes negócios.

Menezes considera a pecuária do Brasil com boas perspectivas potenciais para conquistar o mercado internacional da carne. Em especial o Rio Grande do Sul. E nesse contexto, Dom Pedrito desponta, em seu entender, como dos mais habilitados para disputar um lugar ao sol. É importante, destaca o líder cooperativista, que nos mantenhamos unidos em torno da Cotrijuf. Podemos, a médio

prazo, integrar o fechadíssimo Mercado Comum Europeu. Segundo Menezes, o caminho que pode levar o Brasil a participar desse disputado mercado, passa por Portugal. Seria, diz ele, uma participação indireta, mas nem por isso menos importante do ponto-de-vista econômico. Ressaltou que nesta safra já estreamos no mercado externo, com exportações de carne para o Egito e Iraque. Mas não é só com carne que temos chance, diz ele. Também o nosso arroz, que é da melhor qualidade, para não falar da soja, pode colocar Dom Pedrito na pauta permanente de mercados externos.

"AGRICULTOR"

É hora de aumentar a nossa produção de milho!

Plante a melhor semente de milho híbrido
Plante Braskalb!



Braskalb®
TECNOLOGIA MUNDIAL EM SEMENTES

Escritório Central: Rua Visconde de Taunay, 321
Tel.: PABX (0192) 32.4599 - CEP 13100 - Campinas - SP

ivomec
O PRODUTO PARA
O TEMPO DAS "VACAS MAGRAS"
E "VACAS GORDAS"
POR QUE?

NO TEMPO DAS VACAS MAGRAS (OUTONO/INVERNO), todo o seu gado sofre pelo clima, pastos ruins e alta infestação de vermes, principalmente os imaturos e em estágio inibido. Por isso você precisa de IVOMEK. Pela sua eficácia, você pode ajudar a manter a produtividade e o lucro.

NO TEMPO DAS VACAS GORDAS (PRIMAVERA/VERÃO), ocorre alta infestação tanto nos animais como nas pastagens. Nesta época você também precisa de IVOMEK. Ele é o mais eficaz contra os vermes adultos, imaturos e em desenvolvimento inibido e atua por mais tempo*. Assim você pode ajudar a aumentar a produtividade e o lucro, e reduzir a contaminação do pasto.

* Ostertagia spp., Cooperia spp., D. viviparus

Use em todo o seu gado

ivomec
Injetável para Bovinos

com ele
você pode
LUCRAR MAIS

MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME
Química e Farmacêutica Ltda

** Não usar durante a lactação quando o leite for para consumo humano.

VC 02/88

Marca Registrada

(B)A - IVC - 02/88

Ocems comemora o dia do cooperativismo

Ocems aproveita a data comemorativa e lança prêmio de jornalismo, objetivando a divulgação do cooperativismo no Estado.

A organização das Cooperativas do Estado de Mato Grosso do Sul — Ocems — promoveu dia 2 de julho reunião-almoço para comemorar a passagem do Dia Internacional do Cooperativismo, festejada sempre no primeiro sábado do mês de julho.

Durante o encontro que congregou dirigentes cooperativistas, políticos e imprensa, o deputado Saulo Queiroz, membro da Frente Parlamentar Cooperativista, falou sobre os avanços do cooperativismo na Constituinte e o deputado estadual André Puccinelli abordou a questão da futura constituinte estadual e o cooperativismo sul-matogrossense.

Também na ocasião foi lançado o Prêmio Ocems de Jornalismo, instituído pela primeira vez pela entidade. O concurso, destinado apenas a imprensa escrita do MS, tem como objetivo primordial a divulgação da doutrina cooperativista, como afirma o diretor-presidente da Ocems Ruy Barbosa Ferreira, lembrando que os trabalhos deverão se deter à participação do cooperativismo no desenvolvimento do Mato Grosso do Sul e do País.

É uma maneira da população tomar conhecimento da importância que o cooperativismo representa atualmente. Apesar de ser ainda incipiente no Estado — a própria Ocems tem apenas sete anos — os números ratificam este destaque e em alguns produtos como o algodão e o trigo, o sistema cooperativista praticamente possui o monopólio de produção e comercialização.

Hoje a Organização conta com 53 cooperativas filiadas que representam 20 mil associados, sendo que 75 por cento deste total estão ligados à atividade rural. Consequen-

temente é sobretudo na agricultura que os números se tornam mais relevantes e as cooperativas que detêm 40 por cento da capacidade armaze-

nadora do Estado, também são responsáveis por mais da metade de toda a produção e comercialização agrícola do Mato Grosso do Sul.



Na mesa, da esquerda para a direita, André Puccinelli, Ruy Barbosa Ferreira, Saulo Queiroz e Harry Amorim Costa

Prestação de contas:

Colheitas de Trigo:		
Média de 11 Anos (1973 a 1984)	902,0	kg/ha
1985	1.598,0	kg/ha
1986	1.440,0	kg/ha
1987	1.785,0	kg/ha

Esses números revelam a eficiência de TILT aliada à força do triticultor e à tecnologia desenvolvida pela Pesquisa Brasileira. TILT trabalha lado a lado com você desde sua chegada em 1984, viabilizando o potencial produtivo das melhores variedades de trigo. Parabéns triticultor. Vamos continuar juntos nessa luta, mostrando que sucesso prolongado não é mera coincidência.

TILT®

Sua produtividade, nosso maior sucesso.



CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA



A COTRIJUI DISPÕE
DE MUDAS DE
EUCALIPTO ALBA

INFORMAÇÕES: Rua das
Chácaras, 1513, fone (055)
332-2400, ramal 377 - CEP
98700 - Ijuí - RS

CALENDÁRIO

BATATINHA

Tradição de consumo

João Agostinho Boaro

A batata inglesa está entre as hortaliças mais consumidas do mundo, principalmente no Brasil, onde ocupa os primeiros lugares em volume de consumo. Como exemplo da importância mundial desta cultura, basta citar o que aconteceu em 1840, quando uma doença dizimou as lavouras da Irlanda. Como consequência, morreram dois milhões de pessoas de fome, pois a batata era o principal alimento da época.

Na nossa região a batata inglesa ostenta uma certa tradição de consumo, atingindo 500 toneladas por ano apenas nos mercados da Cotrijuí. Porém, a mesma tradição ainda não temos em relação ao cultivo da batatinha. Apesar de ser considerada uma região marginal para o cultivo da batatinha — por problemas de clima e de solo —, poderíamos ser um pouco mais ambiciosos e, pelo menos, produzirmos a batata para a subsistência da família. Está comprovado que, mesmo aqui na região com todos os problemas existentes em relação a cultura, já foram alcançados ótimos resultados de produção, basta apenas que se empregue tecnologia adequada.

O sucesso da batatinha depende fundamentalmente de fatores como:

Escolha do local — procurar dar preferência a terrenos "soltos". Ou melhor, terrenos que tenham menor teor de argila e que sejam bem drenados;

Rotação de culturas — não efetuar o plantio em áreas cultivadas com batatinhas nos últimos três anos. Também não se deve cultivá-la em áreas onde haviam sido plantados fumo, tomate, beringela ou outras espécies da mesma família. Esta advertência tem como respaldo o fato de que nestas áreas podem ser encontrados restos culturais doentes e que também podem atingir a batatinha.

Escolha da variedade — uma das variedades mais produtivas para a nossa região é a Baronesa de película rosada.

Sementes para o plantio — a importância de fazer uma boa escolha da semente está relacionada com a sanidade da lavoura. Recomenda-se o plantio da batata-semente certificada, pois desta forma, não estaremos levando, já durante o plantio, focos de doenças como a murchadeira, por exemplo, que é a principal moléstia da cultura, provo-

cando danos consideráveis na lavoura.

Tratos culturais — 1) Espaçamento — o ideal e recomendado é de 80 centímetros entre linhas e 40 centímetros entre as plantas na linha.

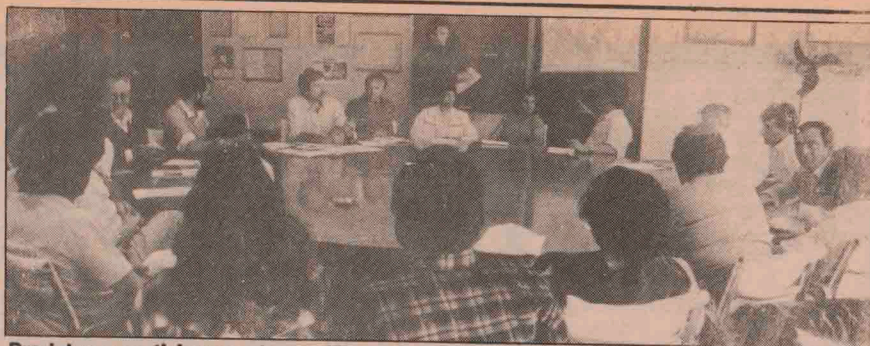
2) Adubação — é importante usar adubo orgânico e químico no momento do plantio e, após, realizar cobertura com sulfato de amônio ou uréia. O produtor neste caso, deve solicitar informações junto ao técnico que assiste a sua propriedade, pois geralmente as quantidades são variáveis.

3) Amontoa — quando a planta atingir em torno de 25 centímetros deve-se realizar a amontoa, que consiste em aproximar terra às plantas formando um camalhão na linha de plantio.

4) Controle de doenças — ao realizar rotação de culturas e escolher uma semente certificada, o produtor não só estará evitando muitas doenças, como também garantindo boa parte da produção. Ao longo do desenvolvimento da cultura, poderão surgir pragas ou doenças, cujo controle será recomendado pela assistência técnica.

Com estes cuidados é possível se obter uma boa produtividade da batatinha, o que já justifica um aumento de área ou então, um aumento no número de famílias que a cultivam para a sua subsistência.

* João Agostinho Boaro é engenheiro agrônomo e supervisor de Olericultura da Cotrijuí na região.



Produtores participaram da reunião para definir as normas

Pepino: normas de produção

Em continuidade ao projeto de produção e industrialização do pepino, a Cotrijuí reuniu produtores da região para discutir o plantio da safra 88/89. A reunião coordenada pelo engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro, supervisor da Área de Olericultura da Cotrijuí na região, aconteceu no dia 3 de agosto e contou com a participação de 25 produtores interessados em produzir pepinos para conserva.

A reunião, segundo Boaro, serviu para estabelecer as normas de produção e recebimento para a próxima safra. Ainda foi estabelecido a área de plantio de cada produtor, bem como o escalonamento no sentido de se buscar uma distribuição mais eficiente durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. "Ocorre, explica o agrônomo, que a cooperativa possui uma capacidade determinada de recebimento e o produtor terá, consequentemente, que produzir nas diferentes épocas para possibilitar uma comercialização uniforme, sem concentração de produção apenas num mês".

O padrão de qualidade do produto também entrou em discussão, ficando estabelecido que o pepino a ser entregue para conserva deverá apresentar um comprimento entre 5 a 8 centímetros e um diâmetro entre 2 a 3 centímetros. "Essa norma vai exigir colheitas diárias", observa, lembrando ao mesmo tempo que o produto deverá ser colhido na parte da manhã para se evitar o murchamento. Antes da entrega na cooperativa, o produto deverá ser lavado.

"O importante, destaca Boaro, é que o produtor entendeu a nossa preocupação em estabelecer certas normas para a produção e recebimento do pepino e que tem como objetivo viabilizar a continuidade do projeto. E esta continuidade só vai acontecer na medida em que a cooperativa tiver condições de competir no mercado com produtos de qualidade, objetivo que só será alcançado com ajustes na produção e industrialização".

O projeto do pepino começou em 1982 com o envazamento de 2 mil unidades. No ano passado a produção industrializada saltou para 120 mil vidros e a estimativa para esta próxima safra, segundo Boaro, é de se chegar a 180 mil vidros. "Esse aumento de produção, observa o agrônomo, vem acontecendo porque cooperativa e produtores vêm, a cada ano, buscando, de forma conjunta, o aperfeiçoamento".

A ervilha em expansão no MS

Francisco Salla

Com uma área de aproximadamente 40 mil quilômetros quadrados, a região de Dourados no Mato Grosso do Sul apresenta uma colonização recente com pequenas e médias propriedades, apresentando uma maior concentração de mão-de-obra na zona rural do que as demais regiões do Estado. No local predominam as culturas de soja, com aproximadamente 105.000 hectares e de trigo com uma área em torno de 60 mil hectares neste inverno.

Entre as culturas de diversificação aparece a ervilha, que nesta safra possui uma área plantada em torno de 5 mil hectares, que devido às precipitações que ocorrem durante o inverno e baixas temperaturas à noite, favorecem o cultivo de sequeiro. A cultura iniciou na Grande Dourados a partir de 1983, num trabalho conjunto entre CNPH — Empaer e Cotia. Sendo plantados inicialmente 25 hectares, com uma produtividade média de 1.317 quilos por hectare, o que impulsionou no ano de 84 a um acréscimo de área plantada para 860 hectares, obtendo-se uma produtividade média de 700 kg/por hectare. Esta baixa produtividade deveu-se principalmente a estiagem prolongada ocorrida, incomum para a média da região, fato que está se repetindo atualmente com a seca que vem assolando o Estado.

No ano de 1985, foram plantados apenas 530 hectares de ervilha devido a falta de sementes; no ano seguinte a área ultrapassou os mil hectares na região, subindo para aproximadamente cinco mil nesta safra, sendo que a média para cada produtor é de 25 hectares de lavoura, ocorrendo varia-

ções para pequenas como para grandes lavouras, citando-se como exemplo a Fazenda Itamarati, com uma área em torno de dois mil hectares plantados este ano.

A produtividade média na região situa-se em torno de 1.600 quilos por hectare, superior a nacional, que é de 1.500 kg/ha. Os estados produtores de ervilha no país são Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Goiás e Distrito Federal que cultivou este ano em torno de 20 mil hectares, prevendo-se uma produção em torno de 30 mil toneladas.

Em 1980 o Brasil importou dos Estados Unidos e Argentina 17 mil toneladas de ervilha, desembolsando oito milhões de dólares para atender o consumo interno, mas a importação foi proibida em 1986 pelo Governo Federal, em função da presença de um vírus (PSBMV) encontrado na semente proveniente do país norte-americano, uma vez que as cultivares de ervilha nacionais são suscetíveis ao vírus e além disso sua disseminação pode ocorrer através da presença do pulgão, bastante comum nas lavouras.

Do volume produzido este ano, quatro mil toneladas serão destinadas a semente, segundo informações do agrônomo Leonardo Giordano, pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças (CNPH-Embrapa) e coordenador do Programa Nacional de Ervilha. Novas importações da cultura só poderão ser autorizadas para instituições de pesquisa e mesmo assim após submetê-las ao teste de Eliza, o mesmo que detecta outras doenças, como o vírus da Aids por exemplo.

A produção da leguminosa ten-

de a se expandir em função da elevação do consumo, embora praticamente toda ela seja destinada a indústria para reidratação. Quanto aos preços praticados no mercado externo, a cotação está favorável, girando em torno de 500 dólares a tonelada. E se este estímulo influenciar positivamente, o Brasil poderá exportar ervilha dentro de três anos. Hoje o país já vende em pequena escala para a Colômbia, Cuba e outros países. Entre as culturas que poderiam seguir o mesmo caminho estão o grão-de-bico e a lentilha, cujo consumo ainda é suprido pelo mercado externo.

Na região de Dourados, os plantios são garantidos através de contratos com as indústrias que geralmente fornecem as sementes, como a Cica, a Arisco, a Paoletti ou a Costa Pinto. Com relação ao recebimento da ervilha, existem padrões de classificação dividindo-se em "A" e "B" de acordo com a época de maturação, granulação e descoloração do grão.

A Cotrijuí/MS está buscando as informações necessárias para incrementar a sua participação no processo e comercialização da leguminosa, bem como na introdução e seleção de materiais através do Centro de Treinamento (CTC) em Maracaju. Também destacam-se na região os experimentos conduzidos pela Empaer — Regional de Dourados, conjuntamente com o CNPH-Embrapa e a Universidade Federal de Agronomia do MS (UFMS) através do seu curso de agronomia.

* Francisco Salla é engenheiro agrônomo responsável pelas pequenas culturas em MS.



A COTRIJUI DISPÕE DE
SEMENTES DE:

SOJA: PARANÁ, BR-2, IAS-5
MILHO: EMPASC 151 E 152,
MILHETO

INFORMAÇÕES:

Rua das Chácaras, 1513
Fone (055) 332-2400,
ramal 304
CEP 98700 - Ijuí - RS

Cotrijuí assume a produção

Kaiú e Iguá. Estes dois nomes de origem guarani, que significam respectivamente boa bebida e hábito de tomar chimarrão, já estão circulando pelos mercados da rede Cotrijuí, apresentando um dos mais novos produtos industrializados pela Regional Pioneira: é a erva-mate, que desde a segunda quinzena de junho, vem sendo beneficiada pela ervateira da Cooperativa, na unidade de Coronel Bicaco.

A ervateira da Cotrijuí está instalada junto ao armazém indústria da Unidade, onde dois prédios que totalizam 377 metros quadrados de extensão, abrigam um sistema formado pelas máquinas de sapecagem, trituração e secagem, além do soque de 12 mãos de pilão, com capacidade de socar 800 quilos de erva por dia. Na parte cancheada, o sistema pode trabalhar três mil e quinhentos quilos diários, o que já lhe permite o depósito do produto até o mês de novembro.

Mesmo funcionando em fase experimental, a ervateira já recebeu até agora mais de 200 toneladas de erva verde, que foram beneficiadas, atendendo os três tipos de serviço que oferece. Cerca de seis por cento do volume são oriundos do sistema troca-troca (erva verde por erva industrializada), do qual o produtor tem um retorno de 26,4 por cento em cada arroba de erva com maturação superior a três anos, entregue na Cooperativa.

Outros 52,5 por cento são resultado do recebimento normal que também destina-se ao abastecimento dos supermercados e postos da Cooperativa, enquanto o volume de 41,5 por cento, faz parte do serviço de cancheamento prestado a várias ervateiras da região, que não possuem o sistema nos moldes da indústria da Cotrijuí.

AGROINDUSTRIALIZAÇÃO

"A ervateira representa a instalação definitiva da agroindústria na nossa região", comenta o gerente da



Ervateira em Bicaco: responsável pela expansão de mais uma marca da Cotrijuí

unidade de Coronel Bicaco, Antônio Jorecy Flores, lembrando que o seu funcionamento traduz uma linha de trabalho buscada pela Cotrijuí, onde três elementos são fundamentais: o produtor, a indústria e o mercado. "Já tínhamos o produtor e o mercado", completa o gerente, "agora temos a indústria que está servindo tanto ao associado como a terceiros".

Para o prefeito do município de Coronel Bicaco, João Venildo dos Santos, "a instalação da ervateira da Cotrijuí, é um empreendimento que vai fortalecer a indústria da região, aumentando a receita do município, além de contribuir para o fortalecimento do título que Coronel Bicaco ostenta como

capital nacional da erva-mate". A indústria é um exemplo do trabalho de diversificação desenvolvido pela Cooperativa, diz o prefeito.

MODERNIZAÇÃO

Durante a sua fase experimental, que deve se estender até meados de 89, a indústria de erva-mate vai trabalhar com o maquinário existente, que pode dar conta da produção prevista para este ano. No próximo ano, no entanto, a ervateira deve funcionar com

volumes bem maiores de produção, o que exige algumas modificações do seu equipamento, permitindo a automação das operações de beneficiamento. Segundo o gerente da Cerealista da Cotrijuí, Nelci Baroni, o aumento da produção é esperado em função da entrega da erva, por parte das unidades que hoje não são tradicionais no cultivo.

MAIOR PUREZA

Com a matéria-prima de Ijuí, Augusto Pestana e Jóia, que deverá ser beneficiada pela ervateira, a Cotrijuí passa então a operar em todo o mercado regional, além de não descartar a possibilidade de ingressar no pequeno, mas promissor mercado de exportações. Neste setor o principal alvo é a Argentina, que há dois anos vem comprando consideráveis volumes de erva brasileira.

A conquista destes mercados está baseada na apresentação de um produto que possui como qualidade, a pureza total, ou seja, sem nenhum componente químico ou natural, que altere tanto o sabor como a própria cor do chimarrão.

RECEBIMENTO

Ao entregar o produto na Cooperativa, o associado pode ser remunerado de duas maneiras, dependendo da utilização ou não dos serviços de corte, que está centralizado na unidade de Coronel Bicaco. Mas, a maior diferença de remuneração está no controle de qualidade, realizado em relação a idade da erva. Cumprindo a norma de três anos, que permite a colheita de uma erva mais leve e seca, o produto escapa de uma quebra de oito por cento, chegando a apresentar um rendimento de até 43 por cento, por arroba.

Incentivo começou em 81

Com a indústria ervateira instalada, a preocupação agora é a de aumentar a área de cultivo da erva-mate, em toda a região da Cotrijuí. Neste ano, por exemplo, foram colocados à disposição dos produtores, cerca de 80 mil mudas, pagas através de produto físico, sendo o maior volume destas, comercializadas na região de Coronel Bicaco. Lá, os produtores já adquiriram mais de 40 mil mudas, o que equivale a uma área de plantio de aproximadamente 30 hectares.

Até o final do ano esta área deve chegar a 45 hectares plantados, quando a Unidade completar a distribuição de 60 mil mudas.

FENAMATE

O interesse pelo cultivo da "ilex paraguariensis" foi retomado em 1981, por ocasião da primeira Fenamate. "Nessa época, conta o técnico Jandir Luiz Pedroni, o pessoal começou a ver a erva-mate com outros olhos e também passou a questionar um título que o município ostenta. Apesar de se considerar uma das capitais nacionais da erva, Bicaco importava ainda 70 por cento da matéria-prima de outros estados. Este dado levou o departamento técnico a fomentar a produção regional através de programas isolados de distribuição de mudas, que ganharam mais

força com a criação do cooperado, mas principalmente com a notícia de que a Cooperativa iria assumir a produção.

GARANTIA DE QUALIDADE

Concentrando todas as mudas distribuídas na região, o departamento técnico realiza o acompanhamento do cultivo, especialmente nos primeiros três anos, quando a erva deve ser podada, anualmente, para se obter uma melhor colheita. Além disso, também se recomenda uma pequena adubação para as mudas plantadas em terras abertas e já cultivadas, assim como proteção dos ventos frios e do sol excessivo.

Todos esses cuidados, diz o Pedroni, garantem a colheita de uma erva de qualidade exigida pela indústria. Uma das principais recomendações que o departamento técnico faz é em relação ao corte que deve seguir a orientação de três anos, segundo o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Se cortada antes deste período ou na entressafra de setembro a abril, o pé de erva pode sofrer problemas de rebote, pois se encontra em fase de floração e produção de sementes. Isso não quer dizer que o produtor não possa fazer a safrinha de janeiro, mas Pedroni já avisa que este corte só será permitido para os ervais nativos localizados junto as matas.

Benefício para todos

Um dos produtores que está entusiasmado com a implantação da ervateira da Cooperativa é o seu Anselmo Gonzatto, proprietário de 45 hectares de terra, na localidade de São Pio X, município de Redentora. "É uma iniciativa que vai beneficiar todos", diz o produtor, analisando o abastecimento próprio dos supermercados da Cooperativa pelo associado e o pagamento mais rápido e seguro para o plantador de erva.

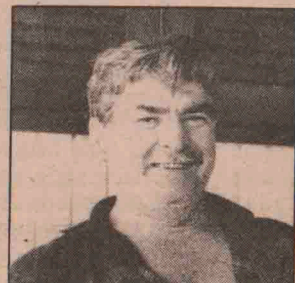
Ampliando o seu erval desde a década de 60, o produtor tem hoje aproximadamente 700 pés de erva-mate, distribuídos em vários pontos da propriedade. "Os primeiros pés que plantei ainda foram trocados por madeira", lembra o produtor, que aprecia o cultivo da cultura pelo pouco tempo de trabalho que exige, a sua durabilidade e o retorno que traz por vários anos, além, é claro, do baixo custo de produção.

Dos vários cortes que fez durante esses anos todos, seu Anselmo sempre preocupou-se em tirar o suficiente para o consumo, vendendo o restante para as ervateiras da região. "A erva tem um ganho razoável", afirma ele, contando que o último corte do erval, realizado há dois anos atrás, lhe rendeu 52 mil cruzados, embora muitas vezes tenha sido logrado.

CERTOS CUIDADOS

Este ano seu Anselmo está

calculando ganhar uns 800 mil cruzados com a erva, que deve ser cortada somente no início de agosto.



Gonzatto: retorno garantido

"Só corto nessa época, para que não haja nenhum perigo do broto vir a sofrer com a geada", explica o produtor que não dispensa outros cuidados tradicionais. Segundo ele, por exemplo, a erva tem um melhor desenvolvimento se, no segundo ano do plantio, receber uma "pitoqueada". Depois disso, é só esperar pelos três anos para fazer o corte. Este, no entanto, deve ser feito três dias após o aparecimento da lua nova.

Um dos maiores cuidados que o seu Anselmo recomenda é a limpeza com o facão utilizado no corte, pois, de acordo com ele, se o cortador for fumante de palheiro, "a gente sempre tem que dar uma olhada, para ver se o aparelho não está sujo". O fumo pode matar a planta, sentencia o produtor, que não deixou de passar estas recomendações para os seus filhos. Adacir, que possui um erval de dois mil e oitocentos pés de erva, Lismar, que tem cerca de 120 e Paulo que já cultiva 100.



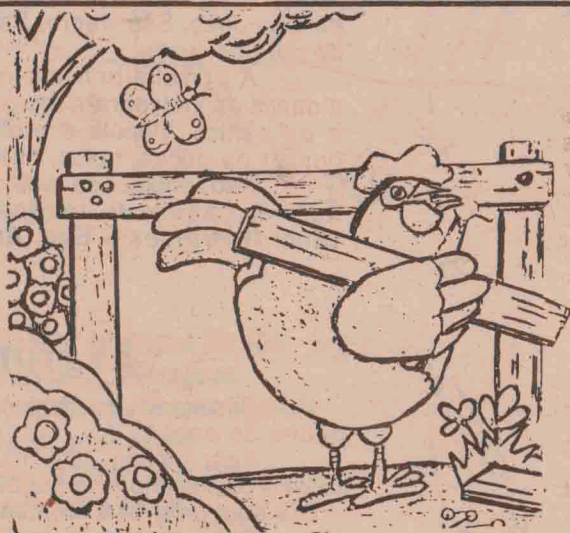
SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Elaboração: Mariluz dos Santos da Silva
Datilografia: Derci Fátima Mariani.

VOGÊ QUER CONSTRUIR SUA CASA?

PROCURE O CONSTRUTOR
SENHOR GALO CUCUDUCO
ELE MORA AÍ NA RUA DO BOM BICO,
ESQUINA COM A
AVENIDA DO FARELO FINO



Dona Galinha Ovolina queria uma casa pra morar. Uma casa onde pudesse botar seus ovos e criar seus pintinhos. Lembrou-se de ter visto na rua num anúncio que dizia:

Você quer construir sua casa? Procure o construtor senhor Galo Cucuduco. Ele mora aí na rua do Bom Bico, esquina com a avenida do Farelo Fino.

Imediatamente, Dona Galinha Ovolina foi falar com o construtor e ficou tudo acertado. O senhor Galo Cucuduco fez uma casa bem feita, muito bonita, com telhado colorido.

Mas, logo que Dona Galinha Ovolina entrou na casa, achou que faltava alguma coisa. . .

Ela olhou por dentro, olhou por fora, até que descobriu o que faltava e reclamou:

- Não tem janela!!! Minha casa está sem janela!

Como vou ver o sol entrar se a casa não tem janela? Casa sem janela não tem graça.

Quero uma casa com janela. Ou melhor, quero uma janela na minha casa.

O senhor Galo Cucuduco perguntou:

- A senhora quer uma janela aberta ou uma janela fechada.

- Quero uma janela aberta, bem aberta.

Enquanto eu estiver chocando meus ovos, vou me distraíndo, olhando pela janela. Quero ver os pássaros, as flores, as árvores. Gosto muito de olhar as nuvens brancas como flocos de algodão passeando de mansinho no céu. . .

O senhor Galo Cucuduco não esperou nem um instante. Fez uma janela como Dona Galinha Ovolina queria: bem aberta.

E ela ficou feliz.

Mas um dia, o sol não entrou pela janela aberta da casa de Dona Galinha Ovolina. É que uma nuvem enorme cobria o céu, escondendo o sol. Depois começou a ventar, a ventar muito.

Dona Galinha Ovolina percebeu que ia chover. Pôs-se a correr de um lado pra outro.

Desesperada, gritava:

- Ai, o que eu vou fazer com a minha

janela aberta?! Vai chover dentro de casa!

Preciso neste instante de uma janela fechada no lugar da janela aberta.

Acuda-me, Senhor Galo Cucuduco! Quero uma janela fechada!

Mais que depressa, o Senhor Galo Cucuduco correu a acudir Dona Galinha Ovolina e fez uma janela fechada no lugar da janela aberta. Caiu uma chuvarada e não entrou nem um pinga d'água na casa de Dona Galinha Ovolina.

Casa com janela

Elza César Sallouti

É que a janela não estava aberta.

Na manhã seguinte, o sol voltou sorrindo, mas não pôde entrar na casa de Dona Galinha Ovolina.

Sua janela era agora uma janela fechada.

Dona galinha Ovolina não gostou nada, nada.

E lá foi ela reclamar ao Senhor Galo Cucuduco:

- Casa com janela fechada não tem graça.

Não poderia me fazer uma janela que abre e fecha?

- Janela que abre e fecha?! . . .

O Senhor Galo Cucuduco se espantou.

Ele nunca havia pensado nisso.

Pensou, pensou e achou que Dona Galinha Ovolina tinha razão.

Foi só inventar uma janela que abre e fecha e acabaram-se os problemas.

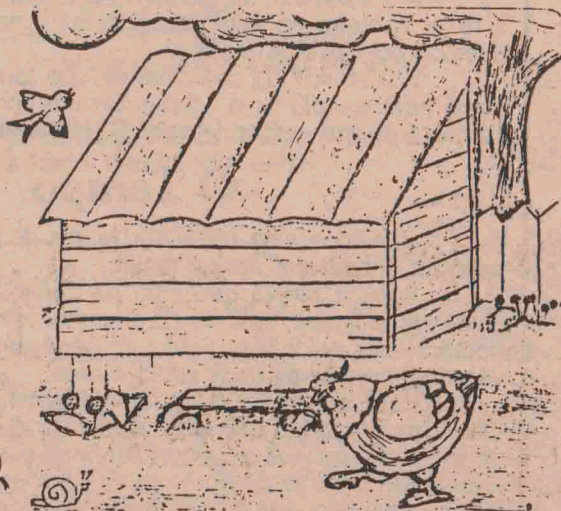
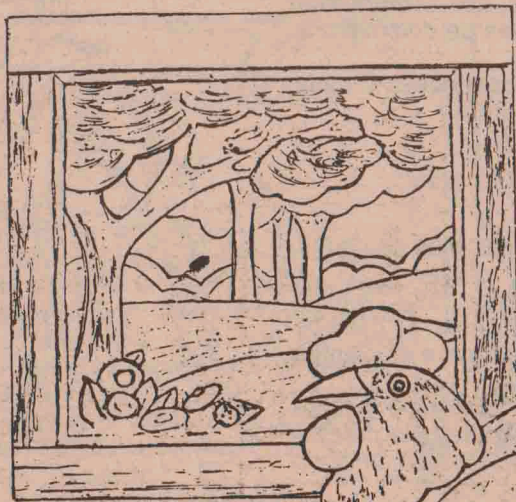
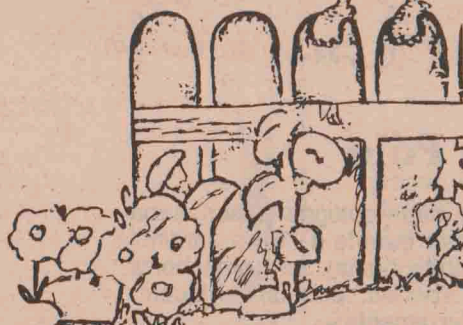
Agora Dona Galinha Ovolina vive feliz.

Em dia bonito de sol, ela deixa a janela bem aberta.

Em dia de chuva, ela corre a fechar a janela.

Todas as manhãs, abrir a janela é uma festa pra Dona Galinha Ovolina. Ela pensa feliz:

"Como é bom ter uma janela que abre e fecha e poder ver as flores, os pássaros, as nuvens brancas como flocos de algodão passeando de mansinho no céu como aquelas que estou vendo lá longe! . . ."



Página do leitor

A Festa de São João

A nossa festa de São João foi boa. Nós dançamos, cantamos, declamamos poesias. Depois nós fomos dançar de novo e fizemos a maior festa.

Nossos pais também foram à festa. Nossas mães fizeram bolos e tomaram chimarrão.

Eu gostei da festa porque tinha doces.
Juliano da Silva Camargo



Fábri Hars - Esc. M. 1º G. Inc. Humberto de Campos.

Na Escola Pólo

Todas as sextas-feiras, eu e meus colegas vamos numa escola perto da nossa. O nome dessa escola é "Silva Jardim" — a Escola Pólo. Lá é um lugar muito bonito, tem uma horta muito bonita e bem cuidada, tem árvores, tem um chiqueiro e um galpão onde se guardam as ferramentas.

Na frente dessa escola, tem um jardim que os alunos estão fazendo.

Lá na sala da Escola Pólo é assim: nós fazemos bastante experiências, bordamos, pintamos e escrevemos sobre os animais e vegetais.

Também dançamos numa sala. Às vezes nós descansamos. Eu gosto muito de ir lá no mato escrever sobre a natureza.

Gostaria que todas as crianças conhecessem a Escola Pólo.

Cristina Dias da Silva — Jóia

Escola Pólo

Eu gosto muito de ir à Escola Polo porque lá nós estamos aprendendo muitas coisas para o futuro.

Por exemplo, na última aula que fomos, nós aprendemos a fazer canteiro na aula de agrícolas e na aula de domésticas, fizemos bonecos de massa.

E isso nos dá um sinal de que tanto pela nossa Escola como pela Escola Pólo, vamos ter um bom futuro.

Itamara Viana — Esc. Angel C. Hernandez

O Tempo

O tempo está nublado. Depois de muitos dias de chuva, voltou a chover em nossa região.

Após a chuva que caiu na noite de 9 de julho, a terra amanheceu úmida, os animais amanheceram alegres, os campos ficaram mais verdes, as águas dos rios aumentaram e as plantas vão desenvolver-se mais rapidamente.

Esta chuva também foi boa para as plantas, principalmente para o trigo que é uma cultura de inverno. Ele precisa de frio e da umidade para crescer, mas quando ele está soltando cacho, ele precisa de vento seco para granar bem.

Texto coletivo das 2ª, 3ª e 4ª séries da Escola Municipal de 1º Grau Inc. Angel C. Hernandez



O Dia de Santo Antônio

No mês passado, no dia 16, nós comemoramos o dia de São João, São Pedro, Santo Antônio, pois todos são santos do mês de junho.

A primeira brincadeira foi a dança das cadeiras, depois a dança da vassoura, a dança das Polcas, os versos, os desafios e os cantos. Depois a professora Gracéla e a Salete foram buscar os doces, bolos, chás e chimarrão.

Não deixou de sair o casamento caipira e depois da festa do casamento, terminou a festa junina.

Cleci Rodrigues — Esc. Angel C. Hernandez

O Homem Ruim

Certa vez um homem, que só por ser ruim botou lixo dentro do poço.

Pela manga, uma mulher encheu um balde e viu uma latinha de veneno. Ela pegou a latinha, abriu, e disse:

— Óia aqui uma lata. Não sei do que é.

Atirou a lata fora e junto com a água veio outra lata, que estava aberta.

Ela tomou aquela água envenenada e morreu. O marido dela chegou, viu ela morta e perguntou para o vizinho o que tinha acontecido. O vizinho então contou que ela tinha tomado água envenenada.

O homem saiu e foi chamar a polícia. A polícia encontrou o homem que tinha botado o lixo na água e perguntou: — Por que você botou lixo na água?

Ele não queria contar, a polícia levou ele para a cadeia e ele fugiu. O marido da mulher morta, matou ele.

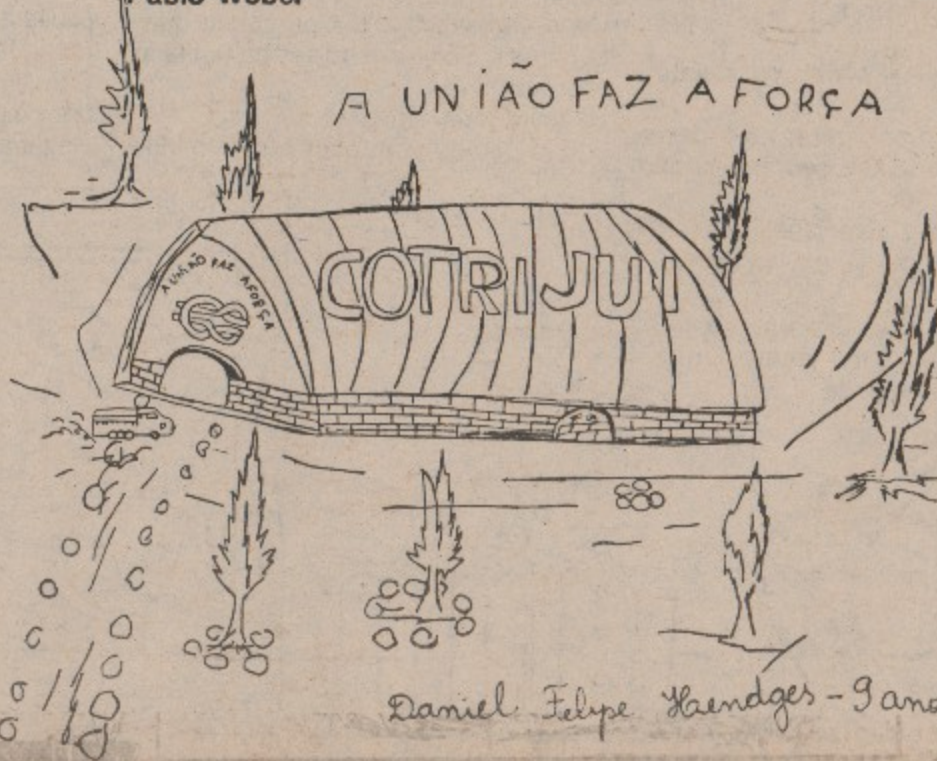
Juraci Soares dos Santos

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Mem de Sá

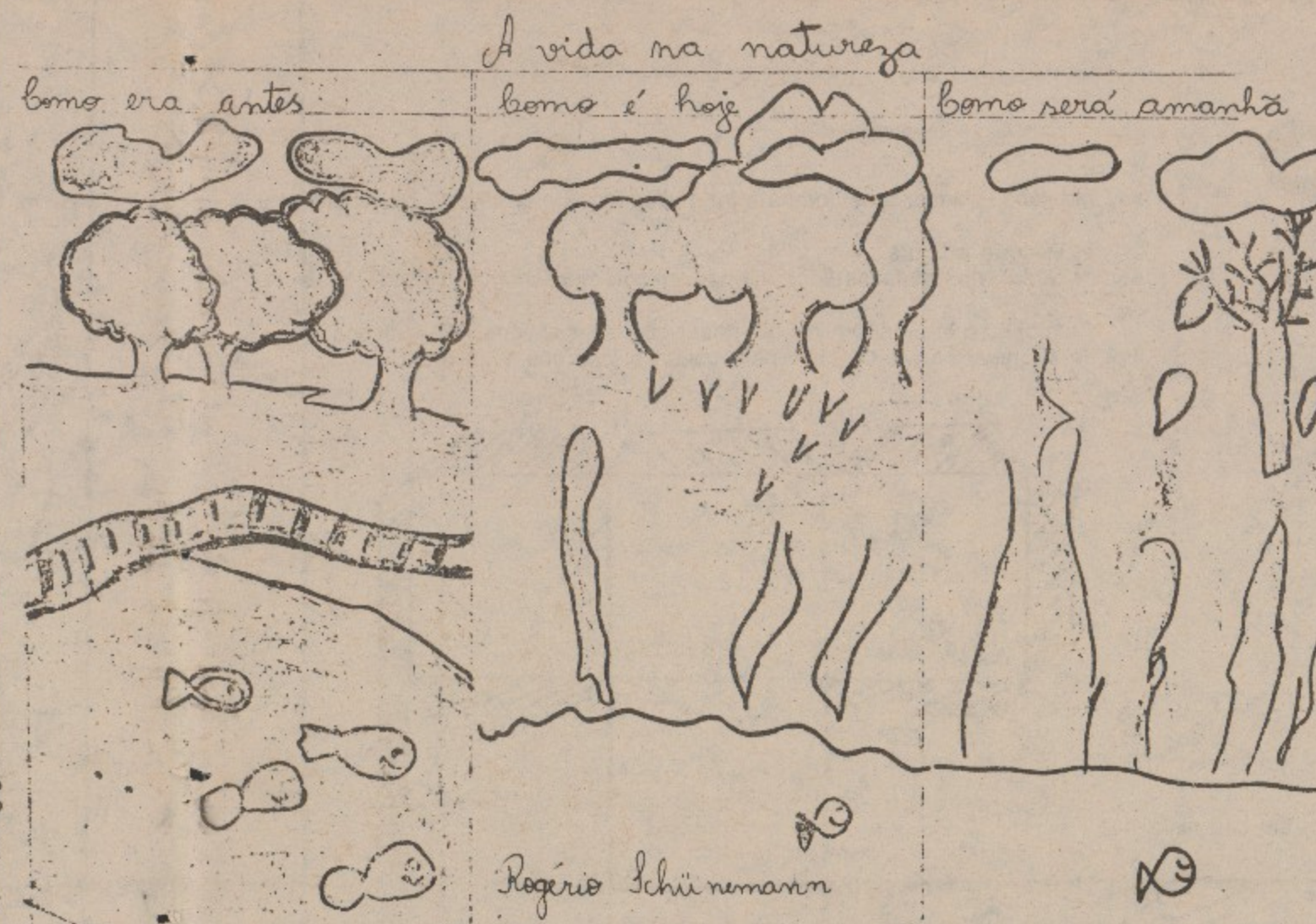
A Soja

A soja é plantada, depois é colhida e levada para a Cotrijui de Augusto Pestana. Depois os agricultores vão buscar seus dinheiros. E depois os agricultores vão lá na Cotrijui buscar calcário, adubo e soja para plantar de novo.

Fábio Weber



Daniel Felipe Mendes - 9 anos



A criança de Augusto Pestana — cadê a participação das crianças de Ijuí, Ajuricaba, Chiapetta, Catupe, Santo Augusto, Coronel Bicaco, Miraguaí, Tenente Portela, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul? —, anda muito preocupada com a devastação desenfreada da natureza. São as matas que estão desaparecendo e as águas dos rios sendo contaminadas. Enfim, a natureza, como mostra a ilustração do Rogério Schünemann, anda para lá de desrespeitada. Neste mês, as crianças da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Mem de Sá, resolveram falar sobre a importância da água, principalmente da sua qualidade. Se você tiver feito algum trabalhinho em aula, ou em casa mesmo, mande para o Cotrisol. Ele será publicado.

A água

A água é muito importante para nós, sem ela não podemos viver.

A água que nós bebemos deve ser fervida ou filtrada porque a água tem micróbios. A água que é contaminada, nós não devemos beber porque é perigosa. Ela pode nos dar doenças como: tifo, disenteria, paralisia infantil.

A água serve para muitas coisas: tomar banho, para beber, para lavar roupa e para outras coisas.

Sem ela não podemos viver. A água vem das vertentes, dos rios, dos mares, dos lagos, dos poços, de todos os lugares que tem água.

Maria Madalena de Brito da Silva
Escola de 1º Grau Incompleto
Mem de Sá — Augusto Pestana

Certo dia, dona Vilma estava com falta de água. Tinha dado uma seca danada, até que os poços secaram.

Então, que iria fazer dona Vilma? Havia dentro de um latão um pouco de água, então dona Vilma falou:

— Eu tenho que fazer comida com essa água. Onde tem mais água para beber?

De repente começou a chover e logo encheu o poço. Dona Vilma se encheu de alegria e foi muito feliz tirar um balde de água.

Botou a água dentro do vaso. Logo depois, dona Vilma foi tirar um balde de água para botar na geladeira, e depois tirou outro balde de água para tomar.

Quando o relógio marcou 12 horas, dona Vilma disse:

— Vamos almoçar. E foram almoçar.

A tarde dona Vilma estava assistindo televisão, quando, de repente: toc... toc...

Será que a seca voltou novamente?

Miréia de Brito da Silva — Escola Municipal de 1º Grau Incompleto
Mem de Sá — Augusto Pestana

Era um rio muito violento e corria água suja.

De repente dois burrinhos, um preto e um branco. O branco carregava dois sacos de espuma e o preto carregava dois sacos de sal. O burrinho preto já estava muito cansado e disse para o seu amigo.

— Vamos fazer um jogo? Vamos ver quem chega primeiro para o outro lado do rio violento?

E ali foram os dois amigos. O burrinho branco ficou parado dentro da água e o preto ganhou a brincadeira porque a água desmancha o sal.

Jocenara Gorgen — Augusto Pestana

Quando fica água parada, enche de bicho, isto é, a água fica contaminada e daí não dá para beber esta água. Nós não podemos beber água contaminada.

Lucas Juliano da Silva — Escola Municipal de 1º Grau Inc.
Mem de Sá — Augusto Pestana

A água que nós bebemos deve ser fervida ou filtrada porque cria bicho na água parada. Se nós bebemos água que não é tratada, ficaremos doentes.

A água que você bebe não deve ser do lajeado, senão você poderá ter vermes na barriga.
Valdir Huller — Escola de 1º Grau Incompleto Mem de Sá
Augusto Pestana

Brincando de POETA

Quem acha que só gente grande sabe escrever poesia, anda muito enganado. A criança também sabe fazer das suas. Olha só o que a Sandra e o Fábio, lá do interior do município de Jóia andaram escrevendo sobre a pandorga, um brinquedo antigo, do tempo dos nossos avós e que toda a criança, more na cidade ou no campo, gosta de empinar. Quem gosta de escrever poesias, ou inventar brincadeiras, que mande para o Cotrisol.

Minha Pandorga

Vai voando, vai voando
Minha querida pandorga
Vou te acompanhando
Porque tu me empolga.

Estou te esperando
Aqui em cima do chão batido
Às vezes fico chorando
Penso que tenhas partido.

Vou chorando para casa
Porque não voltaste
Penso em criar asas
Para ver se não te machucaste.

Até que enfim fiquei alegre
Porque ao longe te avistei
Parecia dizer: pegue-me
De saudades eu voltei.

Saudades quem sentia era eu
Muitas vezes eu pensei
No susto que me deste
Voltaste...de alegria até chorei.

Sandra Judite Bolfe — E.E. 1º G. Inc.
Giovane B. Patias — Jóia — RS

Pipa

Pipa, papagaio, pandorga
São palavras com o mesmo significado
São palavras que mexem com a gente
Fazem a nossa imaginação funcionar.

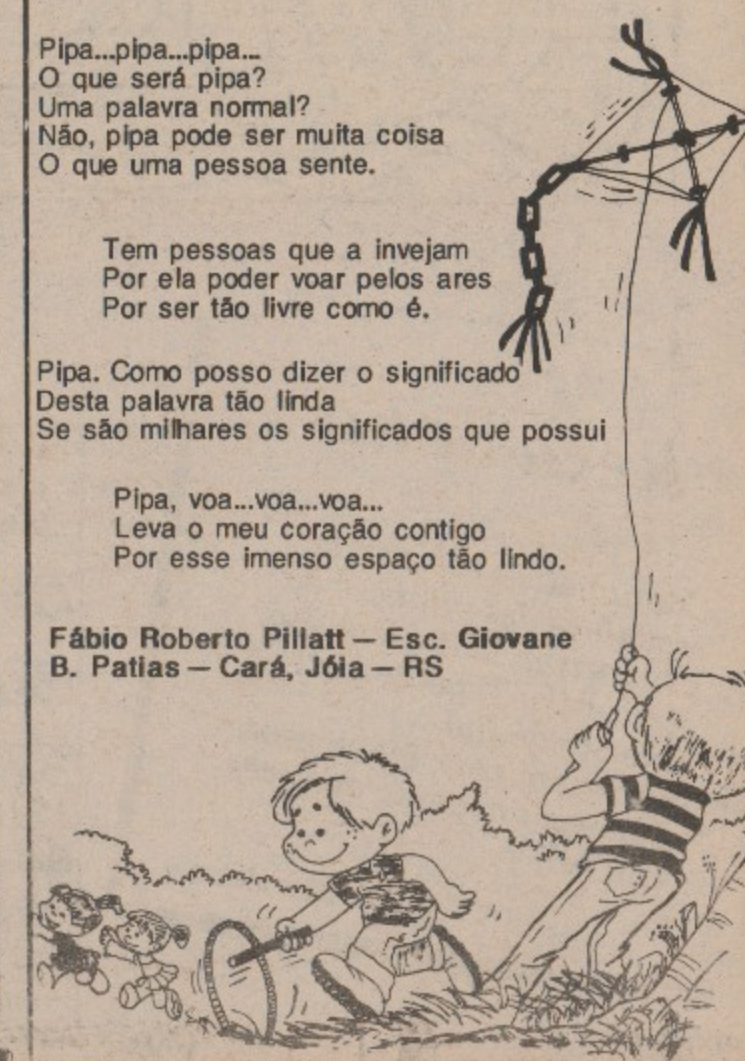
Pipa...pipa...pipa...
O que será pipa?
Uma palavra normal?
Não, pipa pode ser muita coisa
O que uma pessoa sente.

Tem pessoas que a invejam
Por ela poder voar pelos ares
Por ser tão livre como é.

Pipa. Como posso dizer o significado
Desta palavra tão linda
Se são milhares os significados que possui

Pipa, voa...voa...voa...
Leva o meu coração contigo
Por esse imenso espaço tão lindo.

Fábio Roberto Pillatt — Esc. Giovane
B. Patias — Cará, Jóia — RS

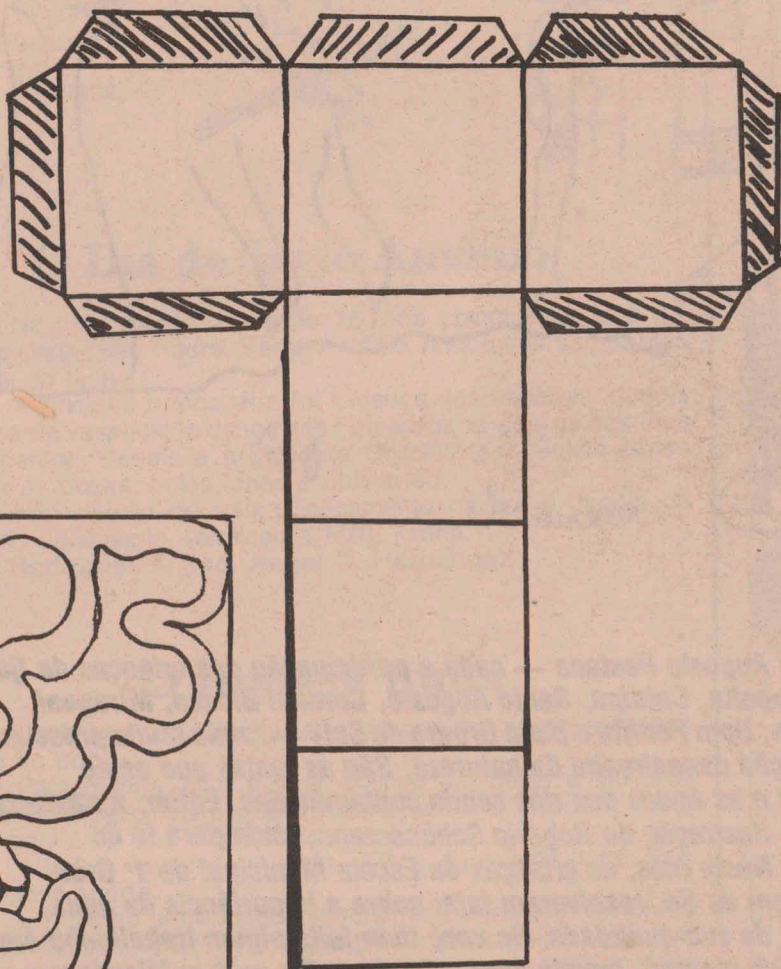


Passatempo

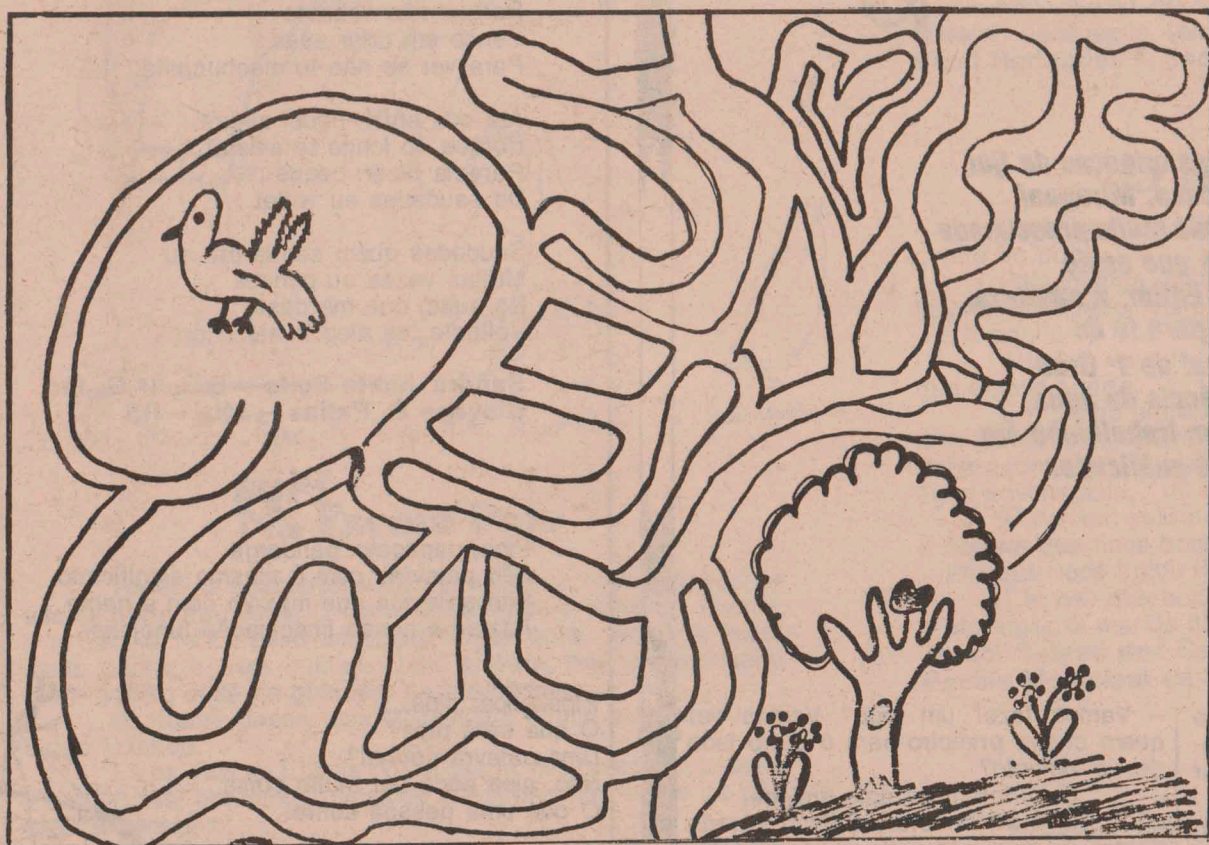
Montando Dados, você poderá criar muitos jogos e se divertir bastante.

- Recorte a figura.
- Nas partes pintadas você vai passar cola para montar o dado.

Pronto! É só inventar um jogo e brincar com seus amigos. Não esqueça de escrever para o Cotrisol, para contar o jogo que você criou.



VOCÊ É CAPAZ DE ...
... Encontrar o caminho que ajuda o passarinho a chegar em seu ninho?



Recadinho

Continuamos esperando trabalhos das crianças de Chiapetta, Santo Augusto, Ajuricaba, Tenente Portela e interior de Ijuí. Escrevam para que a gente conheça um pouco de vocês. Um beijão

Mariluza

... respondendo:

Por que os galos cantam de madrugada?

Envie sua resposta até o dia 15/8.

Na próxima edição publicaremos as respostas enviadas e a resposta certa.

Remetente:
Endereço:
CEP 00000

40 Cotrisol
Rua dos Estudantes, 1513
1301 - R.S.
00000

